



# mein kleines DEUTSCHLAND

190 Jahre deutscher Anwesenheit in Brasilien

FOTOGRAFIA **Valdemir Cunha**

**Minha pequena Alemanha**  
**190 anos da Presença alemã no Brasil**

TEXTO **Xavier Bartaburu**

mein kleines **DEUTSCHLAND** 190 ANOS DA PRESENÇA ALEMÃ NO BRASIL

Valdemir Cunha



## mein kleines Deutschland 190 Jahre deutscher Anwesenheit in Brasilien

Die Deutschen waren, nach den Portugiesen, der erste große Trupp europäischer Auswanderer die ihre Heimat gegen Brasilien tauschten. Seit der Ankunft der ersten offiziellen Gruppe 1824 stachen geschätzte 250 Tausend Männer und Frauen von Deutschland aus in See mit Ziel Brasilien. Ihre Nachkommenschaft berechnet sich auf über 5 Millionen Personen. Während zwei Jahrhunderten haben geborene Deutsche und Herzensdeutsche wesentlich zur Kunst, Wissenschaft, Industrie und Handel Brasiliens beigetragen. Teils festlich wie beim Oktoberfest in Blumenau, teils diskret wie in den Siedlungen in denen die Sprache und Bräuche der Vorfahren bewahrt werden. Oder in einer noch subtileren aber verwandelnden Form des Deutschtums, das in unserem Alltag in Form der T-Shirts die wir tragen, der Autos die wir fahren, des Aspirins das wir einnehmen zu bemerken ist. Dieses Buch gedenkt all dem. Eine Sammlung Fragmente die, zusammengesetzt, behaupten: Brasilien ist deutscher als man es sich vorstellt.



**O**S ALEMÃES FORAM A PRIMEIRA GRANDE LEVA DE IMIGRANTES EUROPEUS, DEPOIS DOS PORTUGUESES, A TROCAR SUA TERRA NATAL PELA NOSSA. DESDE A CHEGADA DO PRIMEIRO CONTINGENTE OFICIAL, EM 1824, ESTIMA-SE EM 250 MIL O NÚMERO DE HOMENS E MULHERES QUE ZARPARAM DA ALEMANHA COM DESTINO AO BRASIL. SEUS DESCENDENTES, ACREDITA-SE, HOJE SOMAM MAIS DE 5 MILHÕES DE PESSOAS. EM QUASE DOIS SÉCULOS, OS ALEMÃES - DE NASCIMENTO E DE SANGUE - CONTRIBUÍRAM DE MANEIRA FUNDAMENTAL PARA A ARTE, A CIÊNCIA, A INDÚSTRIA E O COMÉRCIO NO PAÍS. ÀS VEZES DE MODO FESTIVO, COMO NA OKTOBERFEST DE BLUMENAU, ÀS VEZES DISCRETO, COMO NAS COLÔNIAS EM QUE SE PRESERVAM A LÍNGUA E AS TRADIÇÕES DOS ANCESTRAIS. OU NA FORMA DE UMA GERMANIDADE AINDA MAIS SUTIL, PORÉM TRANSFORMADORA, INSERIDA EM NOSSAS VIDAS POR MEIO DAS CAMISETAS QUE VESTIMOS, DOS CARROS QUE CONDUZIMOS E DAS ASPIRINAS QUE TOMAMOS. ESTE LIVRO É A CELEBRAÇÃO DE TUDO ISSO. UMA COLEÇÃO DE FRAGMENTOS QUE, JUNTOS, CONFIRMAM: O BRASIL É MAIS ALEMÃO DO QUE SE IMAGINA.

**Minha pequena**

**Alemanha 190 anos da presença alemã no Brasil**

Patrocínio

Realização



Ministério da Cultura





**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Cunha, Valdemir

Minha pequena Alemanha : 190 anos da presença alemã no Brasil = Mein kleines Deutschland : 190 Jahre deutscher Anwesenheit in Brasilien / fotografia Valdemir Cunha ; texto Xavier Bartaburu ; [tradução Joaquim Wagner]. -- São Paulo : Editora Origem, 2014.

Edição bilingue: português/alemão  
ISBN 978-85-64444-03-4

1. Imigrantes alemães - Brasil - História
  2. Imigrantes alemães - Fotografias - Brasil
- I. Bartaburu, Xavier. II. Título.

14-01084

CDD-779.3181

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Imigrantes alemães : Brasil : Fotografias : História 779.3181

Patrocínio



Realização



**Minha pequena Alemanha**

190 anos da presença alemã no Brasil

FOTOGRAFIA **Valdemir Cunha**

TEXTO **Xavier Bartaburu**

ARTE **Eli Sumida**



SÃO PAULO 2014

190 Jahre deutscher Anwesenheit in Brasilien  
**MEIN KLEINES DEUTSCHLAND**

**NESTE BRASIL DE TANTOS “BRASIS”** está espalhada a contribuição fundamental de uma gente que poucos conhecem em essência: o povo alemão. A história da colonização alemã no Brasil é antiga e abarca muitas áreas, e temos um belo acervo dessa história contada por grandes autores. A proposta de *Minha Pequena Alemanha* é diferente porque traz um recorte específico de como a indústria brasileira é marcada por essa influência. Coisas tão comuns em nosso dia a dia brasileiro, hoje, têm origem alemã – e a ideia deste grande almanaque, com textos e imagens tão bonitos, é homenagear essa herança. Herança que marca a história da nossa família.

A Serra da Cantareira, com sua mata nativa, atraiu muitas famílias alemãs que até hoje vivem e fazem crescer essa região.

Pouca gente sabe, mas a Zona Norte de São Paulo tem um pedaço significativo marcado pela presença de uma família alemã especial, os Baumgart, que além da Vedacit (fundada por Otto Baumgart e pioneira na fabricação de impermeabilizantes no país) ainda inclui uma verdadeira cidade dentro de São Paulo: a Cidade Center Norte. Shopping Center Norte, Shopping Lar Center, Expo Center Norte e Novotel Center Norte formam, juntos, um grande polo de negócios, completo e complexo, que começou a ser imaginado por um visionário: Curt Otto Baumgart.

Num terreno inóspito, antes recheado de lagoas (sim, havia lagoas aqui!), foi erguido um dos primeiros shoppings centers do país, onde ninguém imaginava que algo assim pudesse prosperar. Em 1984, o Shopping Center Norte abriu suas portas à população e mudou a história econômica, social e cultural da Zona Norte de São Paulo. Chegamos aqui pelo caminho do coração, sob o slogan do Shopping da Família.

A tradição, a cultura e o modo de trabalho que nos sustenta é um legado da pequena Alemanha que habita em todos nós e que contagia todos os colaboradores desse empreendimento. Estamos todos unidos pelo vermelho e azul que unem razão e emoção em torno de um negócio que não para de crescer.

É com imensa alegria que apostamos neste projeto, mais um que se soma ao legado de memórias e histórias de empresas, personagens e famílias que tornam o nosso Brasil tão rico. Pioneirismo e ousadia parecem ser as palavras que passeiam por quase todas as histórias que você vai ler aqui.

Queremos presentear o país que adotamos com este livro sensível, gostoso de ler, bonito de olhar, e bom de guardar para que nossos filhos e netos entendam de onde viemos e quem somos.

É uma honra sermos uma dessas famílias que o livro mostra e que têm, mais que o sobrenome, o coração da Alemanha em sua essência – que, num casamento com o Brasil, deu um belo “samba”.

**Glória Baumgart**

Diretora de Marketing da Cidade Center Norte



**IN DIESEM BRASILIEN UNTER SO VIELEN**, ist der grundlegende Beitrag eines Volkes, das wenige in seinem Wesen kennen, verbreitet: die Deutschen. Die Geschichte der deutschen Besiedlung in Brasilien ist alt und umfasst viele Gebiete und es gibt eine Anzahl grosser Verfasser die darüber berichten. Das Konzept von *“Mein kleines Deutschland”* ist eigentümlich, denn es richtet den Blick gezielt auf die Frage wie die brasilianische Industrie von diesem Einfluss geprägt ist. Sehr gewöhnliche Sachen des heutigen Alltags der Brasilianer sind deutscher Herkunft – und der Gedanke hinter diesem grossen Almanach mit so schönen Texten und Bildern ist dieses Erbe zu ehren. Eine Erbschaft die die Geschichte unserer Familie prägt.

Die Serra da Cantareira, mit ihrem Urwald, hat viele deutsche Familien gelockt, die heute noch dort leben und der Umgebung zum Wachstum verholfen haben.

Wenige wissen es, aber ein wichtiger Teil des nördlichen São Paulo ist von einer spezifischen deutschen Familie geprägt, die Baumgart, die ausser Vedacit (gegründet von Otto Baumgart, Pionier in der Herstellung von Imprägnierungsmitteln in Brasilien) auch eine wahre “Stadt in der Stadt” errichtet hat: die “Cidade Center Norte”. Shopping Center Norte, Shopping Lar Center, Expo Center Norte und Novotel Center Norte bilden einen grossen Geschäftspol, komplett und komplex, der von einem Visionär erdacht wurde: Curt Otto Baumgart.

Auf einem undankbarem Gelände, früher voller Teichen (ja, hier gabe es Teiche!), wurde, wo keiner glaubte ein solches Unternehmen könnte erfolgreich sein, eines der ersten Shopping Centers Brasiliens errichtet. 1984 wurde Shopping Center Norte der Bevölkerung eröffnet und änderte die wirtschaftliche, soziale und kulturelle Szene der gesamten Umgebung. Wir erreichten dies über den Weg des Herzens, unter dem Slogan “Shopping der Familie”.

Die Tradition, die Kultur und die Arbeitsform die uns stützt sind Vermächtnis des kleinen Deutschlands das in uns allen lebt und alle Mitarbeiter dieses Unternehmens ansteckt. Wir sind alle verbunden durch das Rot und das Blau die Rationalität und Gefühle um ein immerwachsendes Geschäft vereinen.

Mit enormer Freude setzen wir auf dieses Projekt, das sich zu dem reichen Erbtum der Erinnerungen und Geschichten der Firmen, Gestalten und Familien die unser Brasilien so reich machen summiert. Bahnbrechergeist und Wagemut scheinen der bindende Faden zu sein in fast allen Gesichtern die in diesem Buch zu lesen sind.

Wir wollen dem Land das wir als unseres gewählt haben dieses Buch schenken, sensibl, angenehm zu lesen und zu betrachten wie es ist, gut zum Aufbewahren, damit unsere Kinder und Enkel verstehen woher wir kommen und wer wir sind.

Es ist eine Ehre eine der Familien zu sein die dieses Buch zeigt und die, mehr als den Nachnamen, das Herz Deutschlands im Wesen haben und durch die Vereinigung mit Brasilien einen schönen “Samba” entstehen ließen.

**Glória Baumgart**

Marketingdirektorin Cidade Center Norte



**ESTRADA DO MATO COMPRIDO, LOCALIDADE DE EINFACHSCHNEISS**, em Morro Reuter, no Rio Grande do Sul. Sentado numa das mesas do armazém Kieling's Haus, observo cinco senhores falando alemão, na verdade um dialeto. Do lado de fora, mais cinco jovens conversam animados na mesma língua. Essa é uma cena comum em toda a região da Serra Gaúcha alemã.

Morro Reuter e as cidades em seu entorno são exemplo do que aconteceu com o Brasil que recebeu imigrantes alemães ao longo dos últimos 190 anos. Ainda hoje, em pequenas cidades do interior do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo, grande parte das famílias de origem germânica continua falando alemão como os primeiros imigrantes que chegaram ao país a partir de 1824. Tanto que algumas crianças, ainda hoje, iniciam nas escolas sem falar português e muitas vezes necessitam de intérpretes para serem compreendidas por professores que não são da colônia alemã.

*Minha Pequena Alemanha* revela esse Brasil que poucos imaginam existir. Não apenas as colônias que ainda falam alemão como também os aspectos que influenciam, de modo marcante, o dia a dia de milhões de brasileiros. Todo morador deste país – independentemente da região – está prestando tributo à presença germânica quando consome uma aspirina, veste uma camiseta Hering, entra num caminhão ou ônibus da Mercedes-Benz, dirige um carro da Volkswagen, usa um lápis da Faber-Castell, impermeabiliza a casa com Vedacit ou passa um cafezinho num coador Melitta.

Este livro é um grande mosaico composto por imagens e relatos que ajudam a entender o legado deixado pelos alemães que migraram para o Brasil no século 19 e uma homenagem a todos os alemães que passaram ou fincaram raízes por aqui. E é, também, um tributo às empresas de origem germânica que ajudaram a transformar o Brasil no país que conhecemos hoje.

**Valdemir Cunha**  
Editor

**ESTRADA DO MATO COMPRIDO, ORTSCHAFT EINFACHSCHNEISS**, in Morro Reuter, Rio Grande do Sul. Vor dem Kieling's Haus sitzend, beobachte ich wie fünf Herren Deutsch reden, tatsächlich einen Dialekt. Aussen unterhalten sich weitere fünf Jünglinge auf derselben Sprache. Dies ist eine gewöhnliche Szene in der "Serra Gaúcha alemã".

Morro Reuter und die umliegenden Städte sind Beispiel von dem was in Brasilien bei der Aufnahme deutscher Einwanderer während den letzten 190 Jahre passiert ist. Auch heute noch spricht, in den kleinen Städten im Innern der Bundesstaaten Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná und Espírito Santo, ein großer Anteil der Familien deutschen Ursprungs Deutsch, wie die ersten Einwanderer die ab 1824 hier ankamen. Deshalb passiert es selbst heutzutage, dass einige Kinder eingeschult werden ohne Portugiesisch zu sprechen und oft Dolmetscher benötigen um von Lehren die nicht aus der Siedlung stammen verstanden zu werden

Mein kleines Deutschland bringt dieses Brasilien, dessen Existens sich wenige vorstellen würden, ans Licht. Nicht nur die Siedlungen die noch Deutsch sprechen, sondern auch Aspekte die markant den Alltag von Millionen Brasilianer prägen. Jeder Bewohner des Landes – unabhängig von seinem Wohnort - leistet der deutschen Anwesenheit Ehre, wenn er Aspirin einnimmt, ein Hering-T-shirt trägt, in einem Mercedesbus oder –LKW fährt, am Steuer eines Volkswagen sitzt, Stifte von Faber-Castell benutzt, mit Vedacit seinen Bau imprägniert oder seinen Kaffee mit Melitta-Filter zubereitet.

Dieses Buch ist ein grosses Mosaik von Bildern und Berichten, die helfen das Vermächtnis der Deutschen die im 19. Jahrhundert nach Brasilien auswanderten zu verstehen und ist auch eine Ehrung der Einwanderer, jener die vorübergehend hier waren und jener die hier neue Wurzeln schlugen. Es ist auch ein Tribut den Firmen germanischen Ursprungs die geholfen haben Brasilien in das Land das wir heute kennen zu verwandeln.

**Valdemir Cunha**  
Editor

**O PRIMEIRO ALEMÃO EM TERRAS BRASILEIRAS** de que se tem notícia aportou na costa da Bahia em 22 de abril de 1500. Tinha por nome Johannes – Mestre João, para os portugueses – e viajava como astrônomo na esquadra de Cabral, a serviço da Coroa lusa. Dele é um dos primeiros documentos de registro do descobrimento do Brasil, uma carta endereçada ao rei Dom Manuel I em que descreve o céu da nova terra, datada do mesmo em dia em que foi escrita a de Pero Vaz de Caminha. Além dele, consta que havia entre os tripulantes um cozinheiro alemão e ainda um pequeno pelotão de soldados germânicos, contratados pelo rei português para servir de escolta na viagem. O que nos leva ao fato de que a presença teutônica no Brasil tem início três séculos antes da imigração oficial. E mais: não só já havia alemães no dia em que o país foi descoberto como um deles ainda assinou uma de nossas certidões de nascimento.

Nenhum desses, porém, ficou. Imigrantes, mesmo, o Brasil só conheceu a partir de 1532, quando Martim Afonso de Sousa inaugurou a ocupação oficial do território, abrindo caminho para toda sorte de aventureiros e colonos, inclusive de nacionalidades que não a portuguesa. São Vicente, a primeira cidade, já continha cidadãos de origem alemã entre seus habitantes, tanto na lavoura quanto nos negócios de açúcar e pau-brasil, operando como representantes comerciais. O mesmo acontecia nos canaviais do Nordeste e em outros pontos da costa. Alguns desses homens tiveram certa projeção na época, como Heliodor Eoban, de Hesse, que ajudou na luta contra os franceses no Rio de Janeiro, e o bávaro Ulrich Schmidel, cuja viagem de Assunção, no Paraguai, a São Vicente rendeu um livro que gozou de certa fama no século 16.

Célebre de fato, nesse período, foi Hans Staden, soldado proveniente de Hesse contratado como mercenário para defender a colônia contra ataques indígenas. Nos seis anos em que viveu no Brasil, distribuídos em duas viagens, sobreviveu a dois naufrágios e a nove meses de cativeiro entre os tupinambás de Ubatuba, índios antropófagos. Quando por fim voltou à Alemanha, em 1555, resgatado por um navio corsário francês, registrou a aventura num livro que foi um dos grandes sucessos editoriais de seu tempo. A Staden, devemos o primeiro relato de envergadura sobre a vida no Brasil.

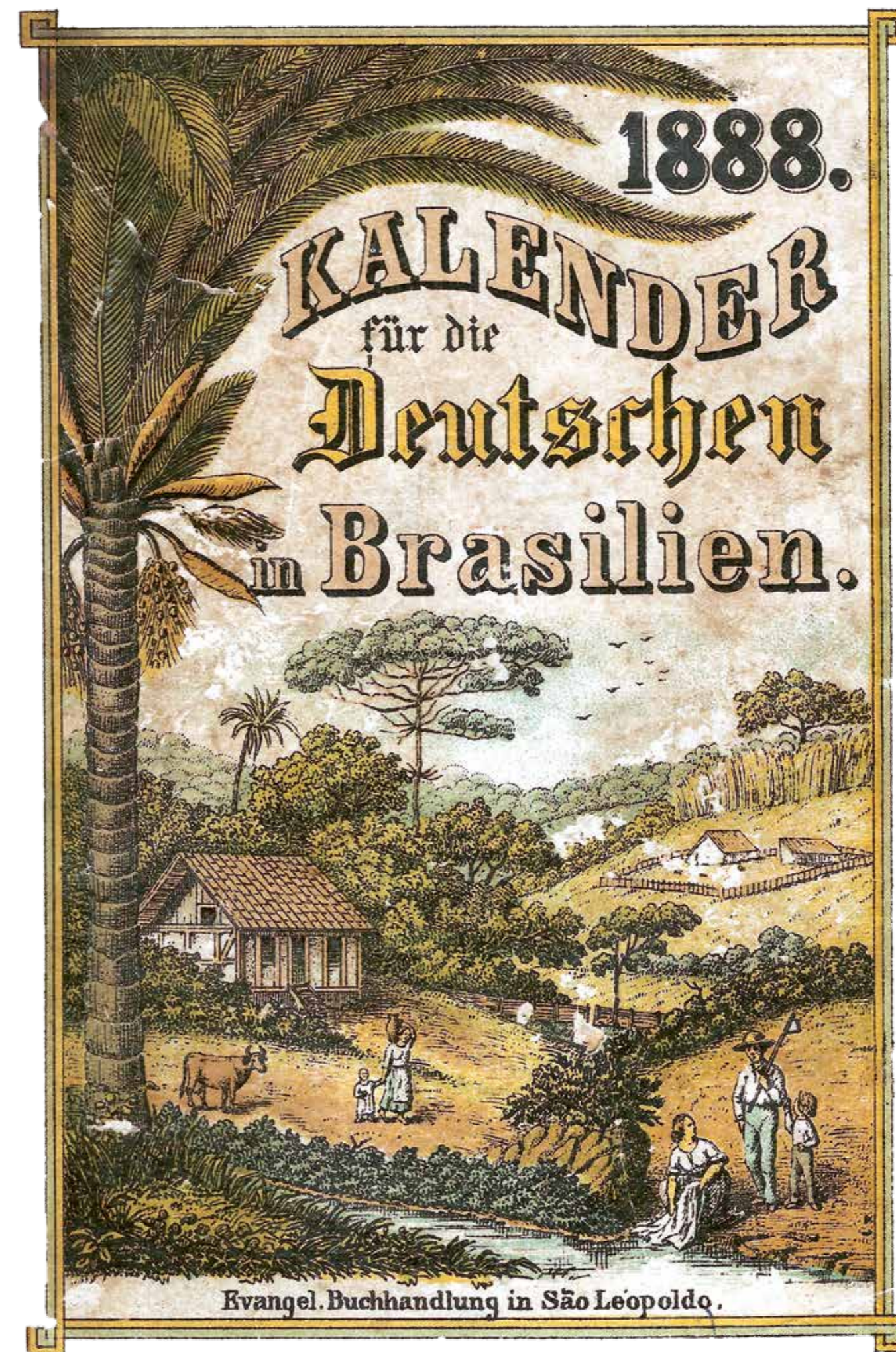
Impacto ainda maior nos destinos da então colônia portuguesa teve Maurício de Nassau, que, apesar de encabeçar o domínio holandês no Nordeste, era alemão. Johann Moritz von Nassau-Siegen nasceu em Dillenburg, região de Hesse, não muito longe de Frankfurt, e fez carreira militar na Holanda – o que o levou, mais tarde, ao convite da Companhia das Índias Ocidentais para administrar a recém-conquistada capitania de Pernambuco. No tempo em que esteve aqui, de 1630 a 1654, construiu a cidade de Recife, combateu a exploração aos índios

**DIE ERSTE BEKANNTE ANKUNFT EINES DEUTSCHEN IN BRASILIEN** geschah am 22. April 1500, an der Küste von Bahia. Er hieß Johannes – Mestre João für die Portugiesen – und reiste als Astronom in Cabral's Flotte, im Dienst der portugiesischen Krone. Er verfasste eines der ersten Dokumente der Entdeckung Brasiliens, einen an den König Dom Manuel I gerichteten Brief in dem er den Himmel des neuen Landes beschreibt. Der Brief trägt dasselbe Datum wie der Brief von Pero Vaz de Caminha. Außer Johannes waren auch in der Besatzung ein deutscher Koch und ein kleiner Geleittrupp germanischer Soldaten, vom portugiesischen König angeheuert. Dies zeigt, dass die deutsche Anwesenheit drei Jahrhunderte vor der offiziellen Immigration begann. Nicht nur waren Deutsche bei der Entdeckung Brasiliens dabei, einer von ihnen unterzeichnete eine der "Geburtsurkunden" des Landes.

Allerdings blieb keiner von ihnen zurück. Eigentliche Einwanderer sollte Brasilien erst ab 1532 kennenlernen, als Martim Afonso de Sousa die Landesbesetzung aufnahm und dadurch die Türen Siedlern und Abenteurern jeglicher Art, auch nicht-Portugiesen, eröffnete. São Vicente, die erste Stadt, zählte schon Deutsche unter ihren ersten Bewohnern, tätig sowohl im Landbau als auch im Zucker- und Pau-Brasil-Handel. Ähnlich verhielt es sich in den Zuckerrohrplantagen im Nordosten Brasiliens und anderen Stellen entlang der Küste. Einige dieser Männer genossen gewisses Ansehen, wie Heliodor Eoban, aus Hessen, der beim Kampf gegen die Franzosen in Rio de Janeiro beitrug, und der Bayer Ulrich Schmidel, dessen Bericht seiner Reise nach Assunção, in Paraguai, im 16. Jahrhundert ein relativ bekanntes Buch war.

Echt berühmt zu dieser Zeit war Hans Staden, hessischer Söldner, zur Verteidigung der Kolonie gegen Indianerangriffe angeheuert. Während den sechs Jahren die er in zwei Touren in Brasilien verbrachte, überlebte er zwei Schiffbrüche und neun Monate Gefangenschaft bei den Tupinambás, menschenfressende Indianer in Ubatuba. Als er schließlich 1555, von einem französischen Korsarenschiff aufgenommen, nach Deutschland heimkehrte, berichtete er seine Erlebnisse in einem Buch das eines der grossen Erfolge seiner Zeit wurde. Staden's ist der erste umfassende Bericht über das Leben in Brasilien zu verdanken.

Noch grösseren Einfluss auf die Entwicklung der damaligen portugiesischen Kolonie hatte Maurício de Nassau, der, obwohl Deutscher, Anführer der holländischen Besetzung des brasilianischen Nordosten war. Sein eigentlicher Name war Joahann Moritz von Nassau-Siegen, geboren in Dillenburg, Hessen, unweit von Frankfurt, und er machte Karriere im holländischem Militär – dies führte später dazu, dass ihm die Niederländische Westindien Kompanie die Verwaltung des neulich eroberten Gebiets Pernambuco anbot. Während seinem Verweil in Pernambuco,



e estimulou uma política de tolerância religiosa como jamais se vira entre os portugueses. Foi o primeiro, também, a trazer uma comitiva de artistas e cientistas com o objetivo de documentar o patrimônio natural brasileiro. Houve alemães entre eles, como o pintor Zacharias Wagener, natural de Dresden, e o naturalista saxão Georg Marggraf, autor do mais antigo levantamento de nossa fauna e nossa flora.

#### UMA PRINCESA AUSTRIACA NO BRASIL

Situação idêntica viria a repetir-se na corte do Rio de Janeiro, um século e meio depois, porém numa escala muito maior, e com desdobramentos que culminariam com a abertura oficial do Brasil aos imigrantes – particularmente os alemães. Tudo começou, assim como no tempo de Nassau, com um mandatário de origem germânica e uma comitiva de intelectuais. A soberana, no caso, era a princesa austríaca Leopoldina de Habsburgo, filha do último imperador do Sacro Império Romano-Germânico, cujo futuro – e o nosso também – se viu transformado no dia em que se casou com Dom Pedro, herdeiro do trono português, em 1817. Mudou-se para cá seis meses depois da cerimônia, acompanhada de grande séquito no qual se incluíam soldados, empresários e comerciantes provenientes das regiões de fala alemã, além de artistas como o pintor vienense Thomas Ender e naturalistas como os bávaros Carl Philip von Martius e Johann von Spix, protagonistas da primeira grande expedição Brasil adentro. Leopoldina chegou querendo explorar – e compreender – a nova casa.

Não por coincidência, as primeiras colônias alemãs no Brasil surgiram logo depois da vinda da princesa, ainda em caráter experimental, subsidiadas pela Coroa portuguesa. Mulher culta, de grande influência política na corte – tanto na de Dom João VI quanto na de Dom Pedro I, onde foi imperatriz –, Leopoldina atuou como grande incentivadora da imigração de seus conterrâneos. Conhecia bem os dois lados: tanto o estado de miséria em que o norte europeu se encontrava, como efeito das Guerras Napoleônicas, quanto a demanda no Brasil por mão de obra não escrava, sobretudo dotada de habilidades manufatureiras que por aqui se desconheciam. Vale lembrar que, na época, a indústria brasileira praticamente não existia, graças a um decreto da Coroa portuguesa de 1785, em que se proibira a presença de fábricas na Colônia, para que não competissem com Portugal.

Quando o Brasil obteve a independência, a política de imigração tomou impulso – claramente voltada aos povos de língua germânica, por influência direta de Leopoldina, agora imperatriz. Isso fez dos alemães o primeiro grande contingente de imigrantes estrangeiros a habitar o país, depois dos portugueses e dos africanos. Os italianos chegariam apenas meio sé-

1630-1654, ließ er die Stadt Recife errichten, bekämpfte die Ausbeutung der Indianer und stimulierte eine nie unter Portugiesen gesehene religiöse Toleranz. Er brachte auch erstmals eine Gruppe Künstler und Wissenschaftler um die reiche brasilianische Natur zu dokumentieren. Unter ihnen waren Deutsche wie der dresdner Maler Zacharias Wagener und der sächsische Naturalist Georg Marggraf, Verfasser der ältesten Zusammenstellung der brasilianischen Flora und Fauna.

#### EINE ÖSTERREICHISCHE PRINZESSIN IN BRASILIEN

Eine ähnliche Lage, aber in viel größerem Ausmaß, würde anderthalb Jahrhundert später am Hof in Rio de Janeiro beobachtet werden. Eine ihren Auswirkungen würde die offizielle Eröffnung Brasiliens der Einwanderung – insbesondere von Deutschen – sein.

Es begann, wie zur Zeit Nassau's, mit einem Gebieter germanischen Ursprungs und einer Kommitive Intellektueller. Die Gebieterin war die österreichische Prinzessin Leopoldina von Habsburg, einzige Tochter der Kaisers des Heiligen Römischen Reichs Deutscher Nation, deren Zukunft - so wie die Brasiliens- sich am Tag ihrer Heirat, 1817, mit Dom Pedro, Erbe des portugiesischen Trons änderte. Sechs Monate nach der Trauung kam sie nach Brasilien mit einem großen Gefolge in dem u.a. Soldaten, Unternehmer und Händler aus deutschsprachigen Gebieten und Künstler wie der wiener Maler Thomas Ender und Naturalisten wie der Bayer Carl Philip von Martius und Johann von Spix, Protagonisten der ersten großen Spedition ins Landinnere, waren. Leopoldina kam mit dem Willen die neue Heimat zu erforschen und kennenzulernen.

Es war kein Zufall, dass sich die ersten deutschen Siedlungen in Brasilien kurz nach Ankunft der Prinzessin, noch in Versuchsphase und von der portugiesischen Krone subventioniert, bildeten. Eine gebildete Frau, mit großem politischen Einfluss am Hof – sowohl an Dom João VI's wie, später als Kaiserin, an Dom Pedro I's – wirkte Leopoldina als große Unterstützerin der Einwanderung ihrer Landesleute. Sie kannte gut beide Seiten: sowohl den Armutszustand im nördliche Europa, Folge der napoleonischen Kriege, wie der brasilianische Bedarf an freien Arbeitskräften und in Brasilien weitgehend nicht vorhandenen Handwerkerkenntnissen. Es ist zu bedenken, dass es damals praktisch keine Fabriken in der Kolonie gab, verboten um Portugal nicht Konkurrenz zu machen.

Mit Brasiliens Unabhängigkeit, gewinnt die Immigrationspolitik Schwung – durch direkten Einfluss der, jetzt Kaiserin, Leopoldina - und klar auf germanische Völker gerichtet. Dies machte die Deutschen, nach den Portugiesen und Afrikanern zum ersten großen Kontingenten Immigranten. Die Italiener würden erst ein halbes Jahrhundert später kommen. Eine wichtige Rolle spielte der bayrische Offizier Georg Anton von Schäffer, Agent der kai-



## O BRASIL SEGUNDO OS ALEMÃES

O Rio dos Sinos, o Rio de Janeiro e o Rio Itajaí, os rios que foram o eixo de expansão dos alemães para o interior do Brasil.

culo depois. Papel fundamental, nesse sentido, foi o do oficial bávaro Georg Anton von Schäffer, agente do governo imperial com trânsito tanto na corte de cá quanto nas de lá. Foi ele o responsável por articular a vinda dos primeiros 5 mil colonos alemães ao Brasil, além de recrutar 2 mil soldados prussianos para ajudar a manter a unidade nacional após a declaração da independência. Desses, muitos acabaram ficando e tornando-se colonos também.

Antes da emancipação, as experiências de povoamento germânico restringiam-se a duas pequenas áreas. Uma era no sul da Bahia, onde três colônias haviam sido fundadas entre 1818 e 1821 – duas às margens do Rio Caravelas, uma em São Jorge dos Ilhéus. A outra era na Serra Fluminense, à qual chegou, em 1819, uma leva de suíços de Friburgo, cantão de fala alemã. Foi o núcleo original da cidade de Nova Friburgo. Em 1824, Dom Pedro I decidiu, por fim, oficializar a vinda dos alemães, organizando o primeiro projeto definido de imigração no país. O Sul não foi escolhido por acaso: além do clima semelhante ao da Europa, era um imenso vazio populacional no início do século 19, justo no momento em que aumentavam as tensões com a Espanha pela posse da Província Cisplatina. Assegurar a ocupação do território no extremo meridional da nação era, portanto, mais que necessário.

**AS PRIMEIRAS COLÔNIAS**
Em junho daquele ano, cerca de 300 alemães, entre soldados e futuros colonos, aportaram no Rio de Janeiro, provenientes de Hamburgo. Desses, 39 seguiram num bergantim com destino a Porto Alegre, de onde partiriam, dias depois, para a Feitoria do Linho Cânhamo, estabelecimento agrícola do governo imperial situado 30 quilômetros adentro, na margem esquerda do Rio dos Sinos. Ali, aguardaram a distribuição dos lotes do que viria a tornar-se a colônia de São Leopoldo, a primeira oficialmente alemã em território nacional. Cada família tinha direito a uma gleba de terras de cerca de 70 hectares, além da isenção de impostos nos primeiros anos.

A partir desse núcleo original, outras colônias se espalharam rapidamente pelos vales do Rio dos Sinos e do Rio Cai. Em 1830, eram já dez as vilas alemãs em torno de São Leopoldo. E, conforme previsto pela imperatriz Leopoldina, florescia sem demora um incipiente polo industrial. Cinco anos depois da fundação, São Leopoldo já abrigava oito moinhos de trigo, uma fábrica de sabão, uma tecelagem e ainda dezenas de ferreiros, alfaiates, sapateiros e carpinteiros. Eles são a origem de diversos sobrenomes hoje comuns no Sul do país: Müller é o moleiro; Schmidt, o ferreiro; Schneider, o alfaiate; Zimmermann, o carpinteiro; Weber, o tecelão.

Esses artesãos vinham, acima de tudo, empurrados pela

Revolução Industrial, que na Europa tornava cada vez mais supérfluos os ofícios manuais. Aqui, porém, os alemães encontraram o destino perfeito para pôr em prática suas múltiplas habilidades. Por conta do isolamento geográfico das primeiras colônias, era preciso construir fábricas de quase tudo. Essa é a raiz do complexo de indústrias que hoje faz dos vales ao norte de Porto Alegre um dos grandes motores da economia gaúcha. No Vale do Itajaí, em Santa Catarina, ocorreu o mesmo.

Enquanto os alemães se alastravam pelo Rio Grande do Sul, dois novos núcleos colonizadores se formavam em outros pontos do país: São Pedro de Alcântara, em Santa Catarina, e Santo Amaro, em São Paulo. O primeiro foi fundado em 1829, próximo à costa, mas logo se dissolveu, pela má condição das terras. Diferente de São Paulo, aonde os alemães chegaram em 1827 e deram origem a um povoamento que ainda hoje encontra ecos na Zona Sul da capital paulista. Passada essa fase inicial, o projeto imperial de colonização viu-se paralisado com a abdicação de Dom Pedro I em 1830, substituída pelos anos instáveis da Regência. No Rio Grande do Sul, a Revolução Farroupilha interrompeu o próprio desenvolvimento de novas colônias. Até então, apenas 6 mil pessoas haviam trocado a Alemanha natal pelo Brasil.

**A VIDA NOS TRÓPICOS**
O fluxo de alemães voltou a correr para cá só quando Dom Pedro II assumiu o trono, em 1841. Era evidente, aliás, a ascendência germânica do novo monarca, que puxara à mãe tanto fisicamente quanto no modo de agir: era loiro, alto e tinha olhos azuis, além de austero nos hábitos, cauteloso nas palavras e discreto nas emoções. É dele a retomada da política oficial de imigração, mas agora com uma mudança substancial: a implantação e o desenvolvimento das colônias não cabiam mais ao imperador, e sim às províncias e a iniciativas particulares de sociedades colonizadoras, algumas ligadas a companhias de navegação, como a Hamburg-Süd. Houve também o fim da concessão gratuita dos lotes – as terras, a partir de então, deveriam ser compradas a preços subsidiados pelo Império. Uma exceção foi Petrópolis, no Rio de Janeiro, à qual uma leva de alemães foi trazida exclusivamente para construir o palácio de verão do imperador e a cidade em torno.

Apesar das restrições, o número de imigrantes provenientes da Alemanha disparou em meados do século 19, com força redobrada a partir da proibição do tráfico negreiro, em 1850. No Rio Grande do Sul, as colônias voltaram a proliferar, dando origem a cidades como Santa Cruz do Sul e Nova Petrópolis. Abriu-se também nova frente de imigração em Santa Catarina, começando pelo vale do Rio Itajaí-Açu, aonde o pioneiro Hermann Bruno Otto Blumenau chegou em 1848, com mais

O Rio dos Sinos, o Rio de Janeiro e o Rio Itajaí, os rios que foram o eixo de expansão dos alemães para o interior do Brasil.

serlicher Regierung, mit guten Beziehungen sowohl in Brasilien wie in Europa. Er vermittelte die Ankunft der ersten fünftausend deutschen Siedlern und rekrutierte zweitausend preussische Soldaten zur Unterstützung der Erhaltung der nationalen Einigkeit nach der Unabhängigkeitserklärung. Später beschlossen viele dieser Soldaten zu bleiben und wurden ebenfalls Siedler.

Vor der Unabhängigkeit beschränkte sich die germanische Besiedlung auf zwei kleine Gebiete. Eins im südlichen Bahia, wo drei Siedlungen zwischen 1818 und 1821 gegründet wurden – zwei am Ufer des Caravela-Flusses, eine in São Jorge dos Ilhéus- das andere im Gebirge von Rio de Janeiro. In letzterem kam 1819 eine Gruppe deutschsprachiger Schweizer aus Freiburg an und bildete den Kern der Stadt Nova Friburgo. 1824 beschloss Dom Pedro I die Einwanderung der Deutschen durch das erste Immigrationsprojekt in ein offizielles Unternehmen zu verwandeln. Es gab gute Gründe dafür die südlichen Gebiete als Ansiedlungsbereich zu wählen: über das dem europäischem ähnelnden Klima hinaus, gab es dort Anfang des 19. Jahrhundert grosse Bevölkerungsknappheit, ausgerechnet in einem Moment steigender Spannungen mit Spanien wegen der sogenannten “Província Cisplatina”. Die Sicherung des Gebiets im extremen Süden des Landes war sehr wichtig.

**DIE ERSTEN SIEDLUNGEN**
Im Juni dieses Jahres landeten ca. 300 Deutsche, Soldaten und künftige Siedler, in Rio de Janeiro, von Hamburg kommend. 39 von ihnen reisten dann per Schiff Richtung Porto Alegre weiter, von wo sie Tage später zu einem 30 km entferntem kaiserlichen Unternehmen am Ufer des Sinos-Flusses, die Feitoria do Linho Cânhamo, aufbrechen würden. Dort erwarteten sie die Verteilung der Grundstücke der künftigen Siedlung São Leopoldo, die erste offiziell deutsche in Brasilien. Jede Familie hatte Recht auf 70 Hektar Land und Steuermfreiheit während den ersten Jahren.

Von diesem Kern aus, breiteten sich rasch weitere Kolonien in den Sinos- und Cai-Tälern aus. 1830 waren es schon 10 Dörfer in der Umgebung von São Leopoldo. Wie von Kaiserin Leopoldina vorausgesehen, entstand schnell ein beginnender Industriepol. Fünf Jahre nach der Gründung, besaß São Leopoldo schon 8 Getreidemühlen, eine Seifefabrik, eine Weberei und zahlreiche Schmiede, Schneider, Schuster und Zimmermänner. Sie sind der Ursprung der noch heute im Süden des Landes gewöhnlichen Nachnamen: Müller, Schmidt, Schneider, Zimmermann, Weber.

Diese Handwerker kamen vor allen durch die Industrielle Revolution, die in Europa handwerkliche Arbeit immer mehr überflüssig machte, vertrieben. Hier trafen sie die perfekte Umgebung um ihre vielfache Geschicke anzuwenden. Wegen der Unzugänglichkeit der ersten Siedlungen, mussten Fabriken für fast alles erbaut werden. Dies ist der Ursprung des in den Tälern nördli-

ch von Porto Alegre befindlichen Industriekomplexes, einer der grossen Wirtschaftsmotoren des Bundestaates Rio Grande do Sul. Im Itajaí-Tal, in Santa Catarina, ist dasselbe passiert.

Während die Deutschen sich in Rio Grande do Sul ausbreiteten , entstanden zwei neue Siedlungszentren: São Pedro de Alcântara in Santa Catarina und Santo Amaro in São Paulo. Das erste wurde 1829 nah an der Küste gegründet aber, wegen der unfruchtbaren Erde schnell aufgegeben. Anders verlief es in São Paulo wo die Siedler 1827 ankamen und eine Niederlassung gründeten deren Auswirkungen noch heute im Südteil der Stadt erkennbar sind. Nach dieser ersten Phase, wurde das kaiserliche Siedlungsprojekt, wegen der Abdankung Dom Pedro’s 1830 und der darauffolgenden Instabilitäten in den Regenzjahren, lahmggelegt. In Rio Grande do Sul unterbrach die Farroupilha-Revolte die Entwicklung der Siedlungen. Zu diesem Zeitpunkt hatten erst 6 Tausend Siedler ihr heimatliches Deutschland gegen Brasilien getauscht.

**DAS LEBEN IN DEN TROPEN**
Der deutsche Immigrationsstrom wurde erst mit der Krönung von Dom Pedro II, 1841, wieder aufgenommen. Die germanische Abstammung des neuen Monarchen, der seiner Mutter sowohl physisch wie im Handeln ähnelte, war deutlich: er war hochgewachsen, blond streng in den Gewohnheiten, behutsam in den Äusserungen und diskret mit den Gefühlen. Er ließ die Immigrationspolitik mit einer wesentlichen Änderung wieder aufnehmen: die Gründung und Förderung der Siedlungen war nicht mehr Befugniss des Kaisers sondern der Provinzen und Siedlungsgesellschaften, von denen einige mit Reedereien wie Hamburg-Süd verbunden waren. Die kostenlose Abtretung der Ländereien wurde abgeschaffen – sie mussten ab jetzt, vom Imperium subventioniert, aufgekauft werden. Eine Ausnahme war Petrópolis, in Rio de Janeiro, wo eine eigens dafür gebrachte Gruppe Deutscher die Stadt und den kaiserlichen Sommerpalast errichteten.

Trotz der Einschränkungen, stieg die Anzahl Immigranten aus Deutschland Mitte des 19. Jahrhundert erneut stark an, insbesondere nach Verbot des Sklavenhandels 1850. In Rio Grande do Sul wuchsen die Siedlungen wieder und neue Städte wie Santa Cruz do Sul und Nova Petrópolis entstanden. Es wurden auch neue Siedlungsfronten in Santa Catarina eröffnet, zunächst im Itajaí-Açu-Tal wo 1848 der Pionier Bruno Otto Blumenau mit 17 weiteren Siedlern ankam um die Stadt die seinen Nachnamen trägt zu gründen. Um Blumenau herum erschienen bald andere Städte, wie Brusque, Timbó und Pomerode. Joinville, etwas weiter nördlich, wurde 1851, unter dem anfänglichen Namen Colônia Dona Francisca, gegründet. Zur selben Zeit, ließ sich eine weitere Gruppe Deutscher in Espírito Santo nieder und es entstanden die heutigen Städte Domingos Martins und Santa Maria



## O BRASIL SEGUNDO OS ALEMÃES

17 pessoas, para fundar a vila que lhe tomou emprestado o sobrenome. Em torno de Blumenau, não tardaram a surgir outras, como Brusque, Timbó e Pomerode. Joinville, um pouco mais ao norte, é de 1851, quando foi estabelecida sob o nome de Colônia Dona Francisca. Na mesma época, outra leva de alemães começou a instalar-se no Espírito Santo, dando origem às atuais cidades de Domingos Martins e Santa Maria de Jetibá, ainda hoje importantes núcleos de colonização pomerana.

Qual fosse o destino final, os alemães que se mudavam para o Brasil deveriam começar, invariavelmente, do zero. Nos lotes, tudo que havia era um naco de mata virgem à espera do desmate. Em muitos lugares, não existiam sequer estradas: chegava-se de barco e, então, abriam-se caminhos na floresta ao largo dos quais estavam as glebas de terra. Eram as “picadas” ou “linhas” de imigrantes. Com a madeira que derrubavam, os colonos construíam casas com a técnica do enxaimel, transposta para os trópicos tal como se fazia na Alemanha. Era uma vantagem, pois as casas podiam ser facilmente desmontadas e reconstruídas em outro local, caso o ponto original não fosse favorável. Isso acontecia bastante, inclusive, pois, não bastasse o isolamento, os alemães ainda se viam frequentemente às voltas com enchentes, doenças tropicais e conflitos com os indígenas.

Como a interferência do Império brasileiro nas colônias era praticamente nula – assim como qualquer tipo de auxílio –, os alemães terminaram construindo comunidades à parte, encerradas em seu próprio modelo de vida, autossuficiente, confiado ao cultivo da lavoura de subsistência e às oficinas artesanais. Dado o isolamento, tornaram-se essencialmente coletivistas: nas igrejas, nas escolas, nos clubes de caça e tiro (*schützenverein*) e nas sociedades agrícolas (*kulturverein*), fortaleciam-se como grupo étnico e mantinham bem atados os laços com a terra natal. Inclusive na língua. Até a Segunda Guerra Mundial, não se falou português em muitas colônias ao redor do Brasil. Sabia-se apenas alemão ou suas variantes, essencialmente o pomerano (*pommersch*) e o *hunsrückish*, dialeto originário do oeste da atual Alemanha.

## UMA INDÚSTRIA TEUTO-BRASILEIRA

No ano da Proclamação da República, 1889, mais de 60 mil pessoas já haviam emigrado da Alemanha para o Brasil. O fluxo mantinha-se estável desde meados do século 19, com a média de 15 mil a 20 mil colonos alemães por década, mas agora ofuscado pela enxurrada de italianos, que chegavam em número 20 vezes maior. Era nítida a estratégia do governo republicano de povoar o país com o máximo de contingente estrangeiro – e de pele branca – que se pudesse. As ideias eugenistas estavam em voga na época: acreditava-se que o branqueamento

do povo brasileiro por meio da mestiçagem poderia tirar o país de um atraso supostamente associado aos negros e aos índios.

O fato é que nenhum regime foi tão generoso com os imigrantes quanto o da República Velha. O governo custeava a viagem entre o porto de desembarque e o destino final, doava ferramentas, roupas e alimentos e ainda concedia a naturalização em massa daqueles que já estavam estabelecidos. Além disso, os estrangeiros e seus descendentes podiam, pela primeira vez, professar a fé que quisessem – o catolicismo romano era religião obrigatória, até então – e ainda participar da vida política, candidatando-se a cargos públicos e alistando-se nas Forças Armadas.

Nas colônias, o isolamento começava se romper. Primeiro, pelo contato com os italianos, em particular nos vales do sul do país. Segundo, pela indústria, que agora prosperava com força inédita e permitia que inúmeros produtos fossem comercializados em outras partes do Brasil. Tanto em Santa Catarina quanto no Rio Grande do Sul, devem-se, sobretudo, aos alemães as bases sobre as quais se levantaram as indústrias têxtil, calçadista e metalúrgica. Hering, Karsten, Malwee, Hemmer e Gerdau são algumas das empresas nascidas entre o fim do século 19 e o começo do 20, todas fundadas por imigrantes alemães em Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

O impacto germânico era sentido também nas grandes cidades. Já desde meados do século 19 era nítido o envolvimento dos imigrantes teutônicos com algumas indústrias pioneiras no país. No Rio de Janeiro e em São Paulo, por exemplo, grande parte das tipografias e estúdios fotográficos pertencia aos alemães – a começar pela primeira editora do Brasil, a Typographia Universal, criada pelos irmãos Laemmert em 1838. O mesmo com as fábricas de chapéu e as cervejarias, ambas um monopólio quase que exclusivamente germânico. Note que muitas das marcas de cerveja criadas até as primeiras décadas do século 20 – Bohemia, Bavária, Brahma e Antarctica, para citar algumas – nasceram da iniciativa de imigrantes alemães.

Nos primeiros anos da República, vemos também a proliferação de casas comerciais alemãs envolvidas com a exportação de café, cacau, borracha e fumo. Em 1900, somavam nada menos que 150 em todo o país. A maior delas era a de Theodor Wille, empresário nascido na região de Schleswig-Holstein que construiu um pequeno império em Santos dedicado ao comércio de café. Ao mesmo tempo, os portos brasileiros assistiam à chegada de produtos inéditos da Alemanha, alguns dos quais impactam a sociedade brasileira ainda hoje. Só nas três primeiras décadas do século 20, conhecemos a aspirina da Bayer, o creme hidratante da Nivea, as linhas telefônicas da Siemens, os lápis da Faber-Castell e as tinturas da Basf.

de Jetibá, noch heute wichtige Zentren pommerscher Siedlung.

Egal welches das Ziel der Siedler, die Deutschen die nach Brasilien kamen mussten unweigerlich vom Grund auf beginnen. Alles was es auf den Grundstücken gab war eine Strecke Urwald die auf Rodung wartete. Oftmals gab es nicht mal Verbindungswege: die Ankunft erfolgte per Boot und dann mussten Wege im Wald zu den Grundstücken gebahnt werden. Es waren die “picadas” oder “linhas”. Mit den gefällten Bäumen bauten die Siedler Fachwerkhäuser, mit derselben Technik die sie in Deutschland benutzten. Das war vorteilhaft, denn die Häuser konnten leicht abgebaut und andersorts wieder aufgebaut werden, sollte der ursprüngliche Ort nicht günstig sein. Dies passierte ziemlich häufig, denn, als reiche die Isolierung nicht, hatten die deutschen Siedler es auch oft mit Überschwemmungen, tropischen Krankheiten und Konflikten mit Indianern zu tun

Da die Einwirkung des Imperiums auf die Siedlungen extreme gering war – so wie auch jegliche Unterstützung - bildeten die Siedler gesonderte Gemeinden mit eigenem Lebensstil, selbständig, auf Landbau und Handwerksarbeit basierend. Durch die Isolierung bewirkt, entwickelte sich ein weitgehend kollektivistischer Lebensstil: in den Kirchen, Schützen- und Kulturvereinen stärkten die Siedler sich als ethnische Gruppe und erhielten die Verbindungen zum Vaterland stark, einschließlich der Sprache. Bis zum Zweiten Weltkrieg wurde in vielen Siedlungen kein Portugiesisch gesprochen. Es wurde nur Deutsch oder eine seiner Varianten gesprochen, vor allem Pommersch und Hunsrückisch, ein Dialekt aus dem westlichen Deutschland.

## BRASILIANISCHE INDUSTRIE MIT DEUTSCHEM AKZENT

Im Jahr der Verkündigung der Republik, 1889, waren schon über 60 Tausend Personen aus Deutschland nach Brasilien ausgewandert. Der Strom hielt sich seit Mitte des 19. Jahrhundert ständig zwischen 15 und 20 Tausend pro Jahrzehnt, wurde aber nun vom Menschenstrom aus Italien, der um ein zwanzigfaches größer war, übertroffen. Die Strategie der republikanischen Regierung das Land mit möglichst vielen - weisshäutigen – Ausländern zu besiedeln war klar erkennbar. Zur Zeit waren eugenistische Ideen gängig: man glaubte die “Bleichung” der Bevölkerung könne das Land von der angeblich mit Indianern und Negern verbundenen Entwicklungsverspätung befreien.

Tatsächlich war kein Regime so großzügig den Immigranten gegenüber wie die “Velha República”. Die Regierung bekostete die Reise vom Anknüpfungshafen zum Zielort, spendete Werkzeuge, Kleider, Nahrungsmittel und gewährte den schon etablierten Siedlern Massennaturalisierung. Ausserdem konnten die Ausländer und ihre Nachkommen erstmals ihren Glauben wählen – römische Katholizismus war bisher Zwang gewesen – und ausserdem am politischen Leben teilnehmen und im Militär aufgenommen werden.



Die Isolierung der Siedlungen begann nachzulassen. Zunächst durch den Kontakt mit den Italienern, insbesondere in den südlichen Tälern, dann durch die jetzt blühende Industrie die Handelsverbindungen mit dem gesamten Land ermöglichte. In Santa Catarina wie in Rio Grande do Sul legten Deutsche die Grundlagen für Textil-, Schuh- und Metallindustrie. Hering, Karsten, Malwee, Hemmer und Gerdau sind einige der Firmen die Ende des 19. bzw. Anfang des 20. Jahrhundert erstanden, alle von deutsche Immigranten in Santa Catarina und Rio Grande do Sul gegründet.

Die germanischen Einflüsse wurden auch in den großen Städten gespürt. Schon seit Mitte des 19. Jahrhundert war deutlich der Zusammenhang der deutschen Einwanderer mit einigen im Land neuartigen Geschäften zu erkennen. In Rio de Janeiro und São Paulo gehörten die meisten Setzereien und Photographiestudios Deutschen – darunter der erste Verlag Brasiliens, die Tipografia Universal, 1833 von den Brüdern Laemmert gegründet. Ähnlich verhielt es sich mit Hutmacherereien und Bräuereien, praktisch germanische Monopole. Viele der Biermarken die bis in die erste Jahrzehnte des 20. Jahrhunderts erschienen - Bohemia, Bavária, Brahma und Antarctica um einige zu nennen – sind Folge von Initiativen deutscher Immigranten.

In den ersten Jahren der Republik ist eine starke Vermehrung deutscher Handelsunternehmen in den Gebieten des Kaffee-, Kakao-, Gummi- und Tabakexports zu beobachten. 1900 waren es nicht weniger als 150 landweit. Die meisten gehörten Theodor Wille, Unternehmer aus Schleswig-Holstein, der in Santos ein kleines, dem Kaffeehandel gewidmetes Imperium aufgebaut hatte. Gleichzeitig kamen in den brasilianische Häfen neuartige Produkte an, die bis heute noch Auswirkungen haben. In den drei ersten Jahrzehnten des 20. Jahrhundert wurden das Aspirin von Bayer, die Nivea-Creme, Telefonlinien von Siemens, Stifte von Faber-Castell und Farbstoffe von BASF eingeführt.

## O BRASIL SEGUNDO OS ALEMÃES

## 5 MILHÕES DE DESCENDENTES

Além da oferta dos produtos, aumentou também o fluxo dos próprios alemães, em particular no período entreguerras. Vinham fugindo dos estragos causados pela Primeira Guerra Mundial – e, a partir dos anos 30, também do regime nazista. Mais de 100 mil pessoas emigraram da Alemanha para o Brasil nas duas décadas que separam o fim de uma guerra e o começo da outra. Aqui, porém, não encontraram o sossego que buscavam. Na época, as colônias de imigrantes de uma mesma procedência eram tratadas pelo governo Getúlio Vargas como “quistos étnicos”, uma ameaça à unidade nacional. A política de branqueamento se manteve, mas agora incentivando-se a vinda de portugueses, que passaram a ter livre acesso ao território nacional. Ao contrário de outros povos, que se viram restringidos pela lei de cotas de 1934, onde se determinava um limite quase irrisório do contingente ao qual se permitia a entrada. Os que conseguiam se instalar no país ainda se encontravam compelidos a abandonar seu idioma natal: Getúlio era claramente a favor das colônias mistas, com imigrantes de diversas origens – todos, de preferência, falando português.

A situação se agravou para os teuto-brasileiros a partir de 1942, quando o governo declarou guerra ao Eixo, aderindo aos Aliados. Instalou-se uma política de caça às bruxas, tal como fazia Hitler na Alemanha, só que às avessas: cidadãos de origem germânica passaram a ser vigiados de perto pelas forças policiais e, em muitos casos, enviados a campos de concentração destinados às nacionalidades inimigas. Nas colônias, nas escolas, nas ruas e nos jornais, o alemão tornou-se expressamente proibido. O que era um problema, dado que centenas de pessoas no Brasil nunca haviam aprendido o português. No censo de 1940, registrou-se que cerca de 640 mil pessoas falavam alemão como primeira língua no país, dentre uma população total de 41 milhões. Entre os brasileiros, aguçou-se a xenofobia: todo alemão era potencialmente nazista, inclusive os de origem judaica. Entre os alemães, cresceu um sentimento de inferioridade que uma geração inteira custou a superar.

Tempos melhores, só quando o Brasil firmou seu primeiro tratado comercial com a Alemanha do pós-guerra, no começo da década de 1950. Foi a porta de entrada para algumas das grandes multinacionais alemãs, que logo vieram instalar suas fábricas para atender à crescente demanda da população brasileira. Empresas como Volkswagen, Mercedes-Benz, Basf, Siemens, Bayer e Bosch, todas elas montaram suas unidades fabris naquela década. Começava a era dos grandes investimentos alemães no Brasil. Assim como os braços germânicos dos imigrantes ajudaram a levantar a indústria sulista no século 19, agora era a vez dos executivos das multinacionais darem continuidade à façanha, contribuindo para a modernização definitiva da economia nacional. Hoje já são mais de 1.200 empresas com capital alemão distribuídas pelo Brasil, das quais 800 só no Estado de São Paulo.

Quanto ao povo, estima-se em 5 milhões o número de brasileiros com ao menos um antepassado alemão. Um número assombroso, se considerarmos que o contingente de pessoas que emigrou da Alemanha para cá não foi tão alto: cerca de 250 mil entre 1824 e 1969, período registrado pelo IBGE. Ainda assim, o Brasil foi o segundo país que mais recebeu alemães no mundo, depois dos Estados Unidos. Os números, porém, pouco importam quando considerada a contribuição germânica à sociedade brasileira. Hoje, a Alemanha sobrevive nas camisetas da Hering, nos brinquedos da Estrela e nas porcelanas Schmidt. Nos edifícios erguidos com o know-how de empresas como Vedacit, Gerdau e Odebrecht. Na arquitetura de Oscar Niemeyer, Oswaldo Arthur Bratke e Burle Marx. Na beleza de Giselle Bündchen. Nas vitórias de Maria Lenk, Gustavo Kuerten e Robert Scheidt. Nas altas taxas de alfabetização em cidades como Pomerode e Blumenau. Nos milhares de litros de chope da Oktoberfest. Na língua e nos dialetos que ainda resistem nas gerações mais novas, dois séculos depois da chegada dos primeiros colonos. Expressões de uma germanidade – *deutschtum* – que, em chão brasileiro, brotou com força ainda maior.

## 5 MILLIONEN NACHFAHREN

Neben dem Angebot von Produkten, wuchs auch der Strom von Deutschen, insbesondere in der Zwischenkriegszeit. Sie flohen von der Zerstörung des 1. Weltkriegs und – ab den 30er-Jahren – auch vor dem Nazi-Regime. Über hunderttausend wanderten in den zwei Jahrzehnten zwischen Ende des 1. und Anfang des 2. Weltkrieges von Deutschland nach Brasilien aus. Hier trafen sie aber nicht die Ruhe die sie ersehnten. Damals wurden Siedlungen von Einwanderern einer einzigen Herkunft von der Getúlio Vargas Regierung als ethnische Zysten, eine Bedrohung der nationalen Einigkeit angesehen. Die “Bleichungspolitik” der Bevölkerung hielt an, aber jetzt wurde die Ankunft von Portugiesen stimuliert. Ihnen wurde freier Zutritt gewährt, im Gegensatz zu den anderen Völker, deren Einwanderung einem beschränkendem Quotensystem unterworfen war das den Einwanderungsgenehmigungen fast lächerliche Grenzen setzte. Wer es schaffte sich zu etablieren sah sich gezwungen seine Muttersprache aufzugeben: Getúlio Vargas bevorzugte klarerweise gemischte Siedlungen, mit Siedlern verschiedener Herkünkten, in denen vorzugsweise Portugiesisch gesprochen wurde.

Die Lage der Deutsch-Brasilianern verschlechterte sich ab 1942, als Brasilien sich mit den Alliierten verbündete und in den Krieg eintrat. Eine Hexenjagd begann, wie Hitler es Deutschland machte, aber seiteverkehrt: Bürger germanischen Ursprungs wurden gründlich von den Sicherheitsbehörden überwacht und oft in Konzentrationslager für feindliche Nationalitäten interniert. In den Siedlungen, in den Schulen, auf den Straßen, in den Zeitungen war Deutsch ausdrücklich verboten. Das war ein Problem, denn Hunderte von Einwanderern hatten nie Portugiesisch gelernt. Die Volkszählung 1940 zeigte, dass in Brasilien von einer Gesamtbevölkerung von 41 Millionen ca 640 Tausend Deutsch als erste Sprache hatten. Unter den Brasilianern entwickelte sich Fremdenfeindlichkeit: jeder Deutsche war potentiell Nazi, einschließlich die jüdischen Ursprungs... Unter den Deutschen entwickelte sich ein Minderwertigkeitsgefühl,

das sich erst eine Generation später legen würde.

Bessere Zeiten würden erst mit der Unterzeichnung des ersten Handelsabkommen zwischen Brasilien und Deutschland in der Nachkriegszeit, Anfang der 50er Jahre, kommen. Es eröffnete die Möglichkeit für die Ankunft einiger der großen deutsche Multinationalen die bald Fabriken einrichteten um dem wachsenden Bedarf der Brasilianer nachzukommen. Firmen wie Volkswagen, Mercedes-Benz, Basf, Siemens, Bayer und Bosch erbauten ihre Fabriken in diesem Jahrzehnt. Es begannen die großen deutschen Investitionen in Brasilien. So wie einst germanische Arme halfen die brasilianisch Industrie zu erbauen, sollten jetzt Führungskräfte der Multinationalen diese Leistung fortsetzen und zur endgültigen Modernisierung der brasilianischen Wirtschaft beitragen. Heute sind schon über 1200 Firmen deutschen Kapitals in Brasilien vertreten, davon 800 im Bundestaat São Paulo.

Die Anzahl Brasilianer mit mindestens einem deutschen Vorfahren wir auf 5 Millionen geschätzt. Eine erstaunliche Anzahl, wenn berücksichtigt wird, dass die Anzahl, Einwanderer nie übermäßig groß war: ca 250 Tausend zwischen 1824 und 1969, laut Register des Statistikenbüros IBGE. Brasilien empfang, nach den USA, die zweitgrößte Anzahl deutscher Auswanderer. Die eigentliche Nummern sind aber, angesichts der Bedeutung des germanischen Beitrags, nicht so wichtig. Deutschland lebt heute fort in den T-Shirts von Hering, den Spielzeugen von Estrela und dem Porzellan von Schmidt. In den Gebäuden die erbaut werden mit Nutzung des Know-hows der Unternehmen Vedacit, Gerdau und Odebrecht. In der Schönheit von Giselle Bündchen. In den Sportsiegen von Maria Lenk, Gustavo Kuerten und Robert Scheidt. In den hohen Alfabetisierungquoten in Städten wie Pomerode und Blumenau. In den Tausenden Litern Bier des Oktoberfests. In der Sprache und den Dialekten die, noch zwei Jahrhunderten nach Ankunft der ersten Siedlern, bei den neueren Generationen überleben. Ausdruck eines in Brasilien verstärktem Deutschtums.

JEDE GENERATION EIN PIONIER

A CADA GERAÇÃO, UM PIONEIRO



Irmãos Baumgart, da esquerda para a direita, em pé, Hermann e Otto; sentados, Osvaldo e Richard  
Brüder Baumgart, von links nach rechts, stehend Hermann und Otto, sitzend Osvaldo und Richard

## A CADA GERAÇÃO, UM PIONEIRO

**TODA FAMÍLIA TEM UM TALENTO QUE ATRAVESSA AS GERAÇÕES.** O da família Baumgart é o talento para a ousadia. Ela já vinha impressa na alma do primeiro antepassado a emigrar para o Brasil: **Emil Odebrecht**, alemão chegado a Blumenau no ano de 1856. Pomerano de Stettin (hoje na atual Polónia), Emil era um imigrante atípico: nascera no seio de uma família culta, chefiada por um juiz de direito, muito diferente das que vieram para o Brasil, forçadas a emigrar pela miséria da vida no campo. O que impelia Emil não era a fome, mas a aventura de uma nova vida longe de casa, em um lugar onde pudesse prosperar por esforço próprio, sem o conforto proporcionado pela família.

Emil tinha 21 anos de idade quando se instalou em Blumenau. Logo abriu uma empresa agrícola, com dois colegas do ginásio, que não foi adiante por falta de conhecimento técnico suficiente. Percebendo que precisaria aprofundar sua formação, Emil voltou à Alemanha em 1859, onde passou três anos estudando engenharia, cartografia, meteorologia e astronomia. Quando voltou a Blumenau, tornou-se o topógrafo oficial da colónia, encarregado de medir e demarcar os lotes que receberiam os novos imigrantes. Era apenas o começo.

A partir de 1862, Emil passou a ser um dos desbravadores do oeste catarinense. Sempre a serviço do governo brasileiro, dedicou três décadas de sua vida a explorar os limites da província, em busca dos melhores terrenos para a construção de estradas e a abertura de linhas telegráficas. Passava meses em expedições na mata virgem – algumas, inclusive, na companhia de Fritz Müller, o maior naturalista em terras brasileiras no século 19, que homenageou o colega de colónia batizando uma espécie de caranguejo com seu nome: *Aegla odebrechtii*. Esses anos de experiência na floresta foram especialmente úteis quando Emil foi tenente na Guerra do Paraguai, onde comandou 56 homens rumo ao Mato Grosso do Sul por trilhas que só ele conhecia, aprendidas com os índios.

Emil Odebrecht teve 15 filhos com Bertha Bichels. A filha mais velha, Mathilde, casou-se em 1888 com **Gustav Baumgart**, imigrante da Silésia com quem montaria uma pequena casa comercial no centro de Blumenau. Já no ano seguinte nasceu o primeiro dos 12 filhos que tiveram: Emilio, que herdou do pai o sobrenome e, do avô, o gosto pelo cálculo e pela ousadia. **Emilio Baumgart** passou parte da juventude dividido entre São Leopoldo, onde estudava no colégio, e Blumenau, onde a convivência com o avô Emil o enriquecia com ensinamentos que lhe serviriam por toda a vida. A começar pela primeira grande obra que Emilio projetou, em 1917: a ponte Mauricio de Nassau, em Recife, marco inaugural do uso do concreto armado no Brasil. Da mesma obra também participou um primo seu, Emilio Odebrecht, que depois seguiria carreira própria em Salvador, onde seu filho Norberto lançaria as bases do que hoje é a Organização Odebrecht.

A partir daquela ponte, Emilio Baumgart tornou-se o maior especialista em concreto armado no Brasil na primeira metade do século 20. Seu nome figura em outras cem pontes e ainda cerca de 500 obras – entre elas o Palácio Capanema, no Rio de Janeiro, onde trabalhou com Oscar Niemeyer, e o também carioca A Noite, um dos primeiros arranha-céus da América Latina. Seu feito mais importante, porém, é a ponte sobre o Rio do Peixe, na cidade catarinense de Joaçaba, projetada em 1928. Trata-se da primeira no Brasil erguida com a técnica no balanço sucessivo, na

**JEDE FAMILIE HAT EIN TALENT DAS DIE GENERATIONEN ÜBERLEBT.** Das der Familie Baumgart ist der Wagemut. Er war schon dem ersten Vorfahren der nach Brasilien auswanderte in die Seele geprägt: Emil Odebrecht, Deutscher, 1856 in Blumenau angekommen. Pommer aus Stettin (im heutigen Polen) war Emil ein ungewöhnlicher Auswanderer: er war in einer gebildeten Familie geboren, geführt von einem Richter; sehr unterschiedlich von denen die von der Armut auf dem Lande zum Auswandern gezwungen wurden. Nicht der Hunger trieb Emil voran, sondern das Abenteuer eine neues Leben fern vom Heim, ein Ort wo er durch seine eigene Anstrengung wachsen könnte, ohne die von der Familie gebotenen Gemütlichkeiten.

Emil war 21 als er sich in Blumenau niederließ. Mit zwei Kollegen aus dem Gymnasium eröffnete er einen landwirtschaftlichen Betrieb der, mangels Fachkenntnissen, nicht fortschritt. Den Bedarf an besserer Ausbildung bemerkend, kehrte Emil 1859 nach Deutschland zurück und studierte drei Jahre lang Ingeniörwesen, Wetterkunde und Astronomie. Als er nach Blumenau zurückkehrte wurde er der offizielle Landvermesser der Siedlung, beauftragt die Grundstücke für die neuen Siedler zu vermessen. Dies war nur der Anfang.

Ab 1862 wurde Emil zu einem der großen Erforscher des westlichen Santa Catarina. Immer im Dienst der brasilianischen Regierung widmete er drei Jahrzehnte seines Lebens der Erforschung der Grenzen der Provinz auf der Suche nach den besten Geländen für den Bau von Straßen und Verlegung von telegrafischen Linien. Monatelang war er auf Speditionen im Urwald – einige in Gesellschaft von Fritz Müller, dem größten Naturalisten im Brasilien des 19. Jahrhundert, der eine Art Krebs nach seinem Siedlungskollegen benannte: Aegla odebrechtii. Diese jahrelange Erfahrung wurden ihm besonders nützlich als Emil Leutnant im Paraguaikrieg war und 56 Männer kommandierte, Richtung Mato Grosso do Sul, auf Wegen die nur er kannte, von den Indianern erlernt.

Emil Odebrecht hatte 15 Kinder mit Bertha Bichels. Die älteste Tochter, Mathilda, heiratet 1888 Gustav Baumgart, schlesischer Einwanderer, mit dem sie einen kleinen Handel im Zentrum Blumenaus betrieb. Schon im nächsten Jahr kam das erste ihrer 12 Kinder zur Welt: Emilio, der vom Vater den Nachnamen und vom Großvater den Wagemut und die Vorliebe für Mathematik geerbt hatte. Emilio Baumgart verbrachte die Jugend zwischen São Leopold, wo er die Schule besuchte, und Blumenau wo das Zusammenleben mit dem Großvater Emil ihn mit Lehren bereicherte die ihm sein Leben lang nützen würden. Dies fing mit seinem ersten großen Bauprojekt 1917 an: die Maurício-de-Nassau-Brücke in Recife, Meilenstein der Verwendung von Beton in Brasilien. An diesem Bau war auch sein Vetter Emilio Odebrecht, beteiligt der sich später nach Salvador versetzen würde, wo sein Sohn Norberto die heutige Organização Odebrecht begründen würde.

Ab dem Projekt jener Brücke wurde Emilio Baumgart der größte Betonspezialist Brasiliens in der ersten Hälfte des 20 Jahrhunderts. Sein Name steht in Verbindung mit den Projekten von weiteren 100 Brücken und ca 500 anderen Bauten – darunter "Palácio Capanema", in Rio de Janeiro, an dem er mit Oscar Niemeyer arbeitete und "A Noite", ebenfalls in Rio de Janeiro, einer der ersten Wolkenkratzer Lateinamerikas. Seine wichtigste Leistung war aber der Bau der Brücke über den Peixe-Fluss in Joaçaba, Santa Catarina, 1928 entworfen. Es war die erste in Brasilien die im

## A CADA GERAÇÃO, UM PIONEIRO

qual as extremidades são construídas simultaneamente, sem nenhum apoio, até se encontrarem no meio. Para Niemeyer, Emilio Baumgart foi “um gênio do concreto armado”.

Outro na família que se destacou como engenheiro foi seu irmão **Otto**, que era oito anos mais novo. Diferentemente de Emilio, este teve a chance de estudar na Alemanha, para onde foi em 1920 com a intenção de especializar-se em engenharia mecânica. De volta ao Brasil, trabalhou numa fábrica de máquinas e turbinas e também na Ford, onde participou da primeira linha da montagem nacional do Ford T. Mas foi no ramo da impermeabilização para a construção civil que Otto Baumgart encontrou um meio de manifestar sua vocação para o pioneirismo.

Otto começou vendendo os impermeabilizantes de um amigo italiano com quem já trabalhara, até que por fim comprou a fábrica e passou, ele mesmo, a produzi-los – além de desenvolver outros itens semelhantes. Em 1936, fundou a Otto Baumgart S/A, de início instalada no bairro dos Jardins, em São Paulo, mas logo transferida para a Zona Norte. Seu primeiro produto foi o impermeabilizante Vedacit, uma novidade ainda pouco conhecida na época. Tanto que Otto precisou, durante algum tempo, visitar as obras pessoalmente para ensinar os engenheiros e mestres de obras a usá-lo. Deu certo: em poucos anos, Vedacit tornou-se não só sinônimo de impermeabilizante como o nome da própria empresa fundada por Otto Baumgart. Atualmente, são mais de 150 itens no catálogo, presentes em grandes obras como a Usina Hidrelétrica de Tucuruí, no Pará; a Ponte Rio-Niterói, no Rio de Janeiro; e a Ponte Estaiada Octavio Frias de Oliveira, na capital paulista.

Um ano depois da criação da Vedacit, nasceu o primeiro filho de Otto, Curt. Mais um pioneiro na família. Sua realização se mede em números: na década de 1960, ele aterrou 150 mil metros quadrados de uma área de lagoas na margem norte do Rio Tietê, remanescentes de uma antiga exploração de areia. Curt havia acabado de voltar da Alemanha, onde passara sete anos estudando engenharia mecânica, como seu pai, disposto a um desafio: construir o primeiro shopping center da Zona Norte de São Paulo. E que desafio: foram 20 anos só para concluir o aterramento, gradualmente estendido às áreas adjacentes às lagoas, totalizando 600 mil metros quadrados.

Em 1984, o Shopping Center Norte surgiu na paisagem da cidade com a marca da ousadia que já acompanhava a família Baumgart havia quatro gerações. Foi todo construído num piso único, à moda dos grandes mercados do passado, de maneira que a luz natural incidisse sobre os corredores sem a necessidade de gastos excessivos com a energia elétrica. Em seguida, o que era apenas um centro comercial tornou-se um imenso complexo de serviços: em pouco mais de uma década, Curt Otto Baumgart mandou construir também o Lar Center, o primeiro shopping temático de decoração em São Paulo; o Expo Center Norte, o maior espaço de exposições da cidade; e, por fim, o Novotel Center Norte.

Desde a chegada do primeiro imigrante da Alemanha, Emil Odebrecht, passaram-se 150 anos. Um século e meio de ousadias cuja ação em muito contribuiu para o progresso do país. São pontes, viadutos, edifícios, hotéis, usinas hidrelétricas e centros comerciais que hoje carregam o DNA da família Baumgart. Uma herança invisível aos olhos de muitos, mas sólida o suficiente para garantir sua permanência nas outras tantas gerações que ainda virão.

Freivorbauverfahren, in dem die Spitzen gleichzeitig und ohne jegliche Stützung gebaut werden bis zum Treffen in der Mitte, erbaut werden. Niemeyer sah ihn als einen “Genie des Betons”.

Ein anderer aus der Familie der sich als Ingeniör hervortat war sein neu Jahre jüngerer Bruder Otto. Anders als Emilio hatte er die Gelegenheit in Deutschland zu studieren wohin er 1920 reiste mit der Absicht sich auf Maschinenbau zu spezialisieren. Zurück in Brasilien arbeitete er in einer Maschinen- und Turbinenfabrik und auch bei Ford, wo er bei der Einrichtung der ersten nationalen Fliebandfertigung, die des Ford T teilnahm. Es war aber auf dem Gebiet der Imprägnierung für das Bauwesen wo Otto Baumgart Raum für seine Pionierberufung fand.

Anfänglich verkaufte er die Imprägniermittel von einem italienischen Freund, mit dem er schon gearbeitet hatte, bis er schließlich die Fabrik aufkaufte und selber produzierte – ausserdem entwickelte er selber ähnliche Produkte. 1936 gründete er die Otto Baumgart S/A, die zunächst ihren Sitz im Stadtteil Jardins hatte aber bald in den Nordteil São Paulos verlegt wurde. Sein erstes Produkt war ein Mittel namens “Vedacit”, damals eine Neuigkeit. Einige Zeit lang musste Otto Baustellen selbst besuchen um persönlich den Ingenieören und Baumeistern die Benutzung des Produkts beizubringen. Es funktionierte: in wenigen Jahren war “Vedacit” nicht nur Synonym von Imprägnierungsmittel sondern auch zum Namen der von Otto Baumgart gegründeten Firma geworden. Heute hat sie über 150 Produkte im Sortiment und ist in großen Bauten wie dem Wasserkraftwerk Tucuruí in Pará, der Rio-Niterói-Brücke in Rio de Janeiro und der Schrägeilbrücke Octavio Frias de Oliveira in São Paulo vertreten.

Ein Jahr nach Gründung der Vedacit kam Ottos erster Sohn zur Welt, Curt. Ein weiterer Pionier in der Familie. Sein Wirken misst sich in Nummern: in den 60er Jahren ließ er 150 000 m² Gruben, Überbleibsel früherer Sandgewinnung, in einem Gebiet am Ufer des Tietê-Flusses verschütten. Curt war gerade von einem siebenjährigem Maschinenbaustudium in Deutschland, wie sein Vater, heimgekehrt, bereit eine Herausforderung aufzunehmen: das erste Einkaufszentrum im nördlichen São Paulo zu errichten. Und welch eine Herausforderung: nur für die Verschüttung bedurfte es 20 Jahre und sie umfasste schließlich insgesamt 600 000 m².

1984 erschien das Shopping Center Norte in der Stadtlandschaft, mit dem Wagemut der die Familie Baumgart schon seit vier Generationen prägte. Das Einkaufszentrum wurde ebenerdig gebaut, wie die großen Märkte der Vergangenheit, um die Beleuchtung der Korridore durch Einfall von Sonnenlicht zu erlauben um somit übermäßigen Stromverbrauch zu vermeiden. Was zunächst nur ein Einfaufszenrum war wurde zu einem enormen Dienstleistungszentrum: in etwas über einem Jahrzehnt ließ Curt Otto Baumgart auch den Lar Center, das erste thematische Einkaufszentrum für Hauseinrichtung; den Expo Center Norte, die größte Ausstellungshalle der Stadt; und, schließlich den Novotel Center Norte erbauen.

Seit der Ankunft des ersten Einwanderers aus Deutschland, Emil Odebrecht, sind 150 Jahre vergangen. Anderthalb Jahrhundert Wagemut der viel zum Fortschritt Brasiliens beigetragen hat. Es sind Brücken, Gebäude, Hotels, Wasserkraftwerke, Einkaufszentren die allesamt das DNA der Familie Baumgart in sich führen. Ein Vermächtnis das, obwohl vielen unsichtbar, fest genug ist um in künftigen Generationen fortzuwähren.

Os alemães estão entre os protagonistas da produção industrial brasileira desde seu florescimento, há cerca de 200 anos. Hoje, são um vetor importante do desenvolvimento da economia nacional: mais de 1.200 empresas instaladas no Brasil atualmente possuem capital alemão.

Acompanhe essa evolução na linha do tempo abaixo.

Die Deutschen gehören zu den wichtigsten Akteuren auf dem Gebiet der brasilianischen Industrie, seit ihrer Entstehung vor ca 200 Jahren. Heute sind sie ein wichtiger Stützpunkt der brasilianischen Wirtschaft: über 1200 hier etablierte Unternehmen sind deutschen Kapitals. Die zeitliche Entwicklung der deutsche Einwirkung ist in folgender Zeitlinie nachzuverfolgen.

## 1800

### 1812

Wilhelm Ludwig von Eschwege abre a Fábrica Patriótica, em Congonhas (MG), e inaugura a produção de ferro em escala industrial no Brasil

Wilhelm Ludwig von Eschwege gründet die "Fábrica Patriótica" in Congonhas (MG) und weilt die industrielle Eisengewinnung in Brasilien ein

### 1837

Heinrich e Eduard Laemmert fundam, no Rio de Janeiro, aquela que será a primeira editora do país, a Typographia Universal

Heinrich und Eduard Laemmert gründen in Rio de Janeiro den Keim des ersten Verlags Brasiliens, die "Typographia Universal"

### 1853

Nasce em Petrópolis (RJ), pelas mãos de Heinrich Kremer, a Cervejaria Bohemia

In Petrópolis, Bundesstaat Rio de Janeiro, gründet Heinrich Kremer die Cervejaria Bohemia



### 1867

A Siemens instala a primeira linha telegráfica de longa distância no Brasil, entre o Rio de Janeiro e o porto de Rio Grande (RS)

Siemens richtet die erste telegrafische Langstreckeverbindung in Brasilien, zwischen Rio de Janeiro und dem Hafen Rio Grande (RS) ein

### 1872

Surge no Recôncavo Baiano a fábrica de charutos Dannemann, montada pelo alemão Gerhard Dannemann

Im Recôncavo Baiano, in Bahia, eröffnet der Deutsche Gerhard Dannemann die Zigarrenfabrik "Dannemann"



### 1880

Hermann e Bruno Hering começam a fabricar camisetas em Blumenau

Hermann und Bruno Hering nehmen in Blumenau die Herstellung von T-Shirts auf

### 1882

Johannes Karsten funda em Blumenau, com mais dois sócios, a tecelagem que depois levaria seu nome

Johannes Karsten gründet, mit zwei weiteren Partnern, in Blumenau eine Weberei die später seinen Namen übernehmen würde

### 1888

Em São Paulo, Louis Bücher cria a Companhia Antarctica Paulista. No Rio de Janeiro, Joseph Villiger abre a Manufatura de Cerveja Brahma

In São Paulo gründet Louis Bücher die "Companhia Antarctica Paulista" und in Rio de Janeiro gründet Joseph Villiger die "Manufatura de Cerveja Brahma"



## 1900

### 1901

Johannes Heinrich Kaspar Gerdau e seu filho Hugo adquirem a fábrica de pregos Pontas de Paris, em Porto Alegre, depois rebatizada como Gerdau  
Johannes Heinrich Kaspar Gerdau und sein Sohn Hugo kaufen in Porto Alegre die Nagelfabrik "Pontas de Paris" auf und taufen sie um auf "Gerdau"

### 1915

Heinrich Hemmer inaugura sua fábrica de chucrutes em Blumenau, expandido depois para mostardas e outros alimentos em conserva  
Heinrich Hemmer eröffnet in Blumenau seine Sauerkrautfabrik die später auch Senfe und weitere Konserven ins Sortiment aufnehmen würde

### 1920

Os alemães Otto, Alfried e Walther Weiszflog, donos de uma tipografia em São Paulo, compram a Companhia Melhoramentos e passam a produzir papel

Die Deutschen Otto, Alfried und Walther Weiszflog, Eigentümer einer Setzerei in São Paulo kaufen die "Companhia Melhoramentos" und nehmen die Herstellung von Papier auf

### 1921

Conrado Wessel abre, em São Paulo, a primeira fábrica nacional de papéis fotográficos  
Conrado Wessel begründet in São Paulo die erste brasilianische Fabrik fotografischen Papiers

### 1927

Otto Ernst Meyer, alemão de Hannover, cria em Porto Alegre a primeira companhia aérea brasileira, a Varig  
Otto Ernst Meyer, Deutscher aus Hannover, gründet in Porto Alegre die erste brasilianische Fluggesellschaft, Varig



### 1931

A Faber-Castell inaugura, em São Carlos (SP), sua primeira fábrica de lápis no Brasil  
Die Faber-Castell weiht in São Carlos (SP) ihre erste Bleistiftfabrik in Brasilien ein

### 1936

Otto Baumgart começa a fabricar, em São Paulo, impermeabilizantes para a construção civil – surge a Vedacit  
Otto Baumgart nimmt in São Paulo die Herstellung von Imprägnationsmitteln für das Bauwesen auf – die Vedacit entsteht

### 1937

O imigrante alemão Siegfried Adler compra de um italiano uma fábrica de bonecas no bairro do Brás, em São Paulo – a Manufatura de Brinquedos Estrella  
Der deutsche Immigrant Siegfried Adler kauft einem Italiener eine Puppenfabrik im Stadtteil Brás, São Paulo, ab – die "Manufatura de Brinquedos Estrella"



### 1937

Fritz Buddemeyer monta a tecelagem batizada com seu nome em Itajaí (SC)  
Fritz Buddemeyer gründet in Itajaí (SC) eine nach ihm benannte Weberei

### 1938

Henrique Wickbold, filho de alemães, compra uma padaria no bairro do Brooklin, em São Paulo, e dedica-se a fazer pães artesanais  
Henrique Wickbold, Sohn deutscher Eltern, kauft im Stadtteil Brooklyn, in São Paulo, eine Bäckerei auf und widmet sich der Herstellung Sonderbrote

### 1944

Norberto Odebrecht, bisneto de alemães, abre em Salvador a construtora que dará origem à Organização Odebrecht  
Norberto Odebrecht, Urenkel von Deutschen, eröffnet in Salvador ein Bauunternehmen aus dem die "Organização Odebrecht" entstehen sollte



### 1945

A família Schmidt inicia a fabricação de porcelanas em Pomerode (SC)

Die Familie beginnt in Pomerode (SC) die Herstellung von Porzellan

### 1953

Chega ao Brasil a Degussa, inicialmente produzindo materiais à base de ouro para a indústria química  
Degussa lässt sich nieder und produziert anfänglich goldbasierte Produkte für die Chemieindustrie



### 1954

A primeira unidade brasileira da Bosch é aberta em Campinas (SP)  
Bosch eröffnet seine erste brasilianische Einheit in Campinas (SP)

### 1955

Em Guaratinguetá (SP), a Basf abre sua primeira unidade fabril no país  
BASF eröffnet in Guaratinguetá (SP) die erste Fabrik im Brasilien

### 1955

A Siemens instala-se no bairro da Lapa, em São Paulo, produzindo equipamentos para telefonia

Siemens lässt sich im Stadtteil Lapa, in São Paulo, nieder zur Herstellung von Telefonausrüstungen

### 1955

As primeiras lâmpadas da Osram no Brasil começam a ser fabricadas em Osasco (SP)  
Die ersten Glühbirnen von Osram werden in Osasco (SP) hergestellt



### 1956

A Mercedes-Benz produz, em São Bernardo do Campo (SP), o primeiro caminhão brasileiro, o L-312  
Mercedes-Benz produziert in São Bernardo do Campo (SP) den ersten brasilianischen LKW, den L-312

### 1958

Surgem, na fábrica da Mercedes-Benz, os primeiros ônibus monoblocos do país  
In der Fabrik der Mercedes-Benz entstehen die ersten Busse auf Monocoquefahrgerstellen

### 1958

É inaugurada a primeira fábrica da Bayer no Brasil, em Belford Roxo (RJ)  
Die erste Fabrik der Bayer in Brasilien wird in Belford Roxo (RJ) eingeweiht



## 2000

### 2003

A Nivea instala sua primeira fábrica no país, em Itatiba (SP)  
Nivea richtet die erste Fabrik in Itatiba (SP) ein

### 2010

A ThyssenKrupp, em parceria com a Vale, inaugura no Rio de Janeiro aquele que é tido como o mais moderno complexo siderúrgico do mundo  
ThyssenKrupp weiht, in Partnerschaft mit Vale, in Rio de Janeiro den modernsten Eisenindustriekomplex der Welt ein

### 2014

A BMW começa a construir sua primeira fábrica no Brasil, em Araquari (SC)  
BMW beginnt in Araquari (SC) den Bau ihrer ersten Fabrik in Brasilien



**Minha Pequena Alemanha**  
190 anos da presença alemã no Brasil

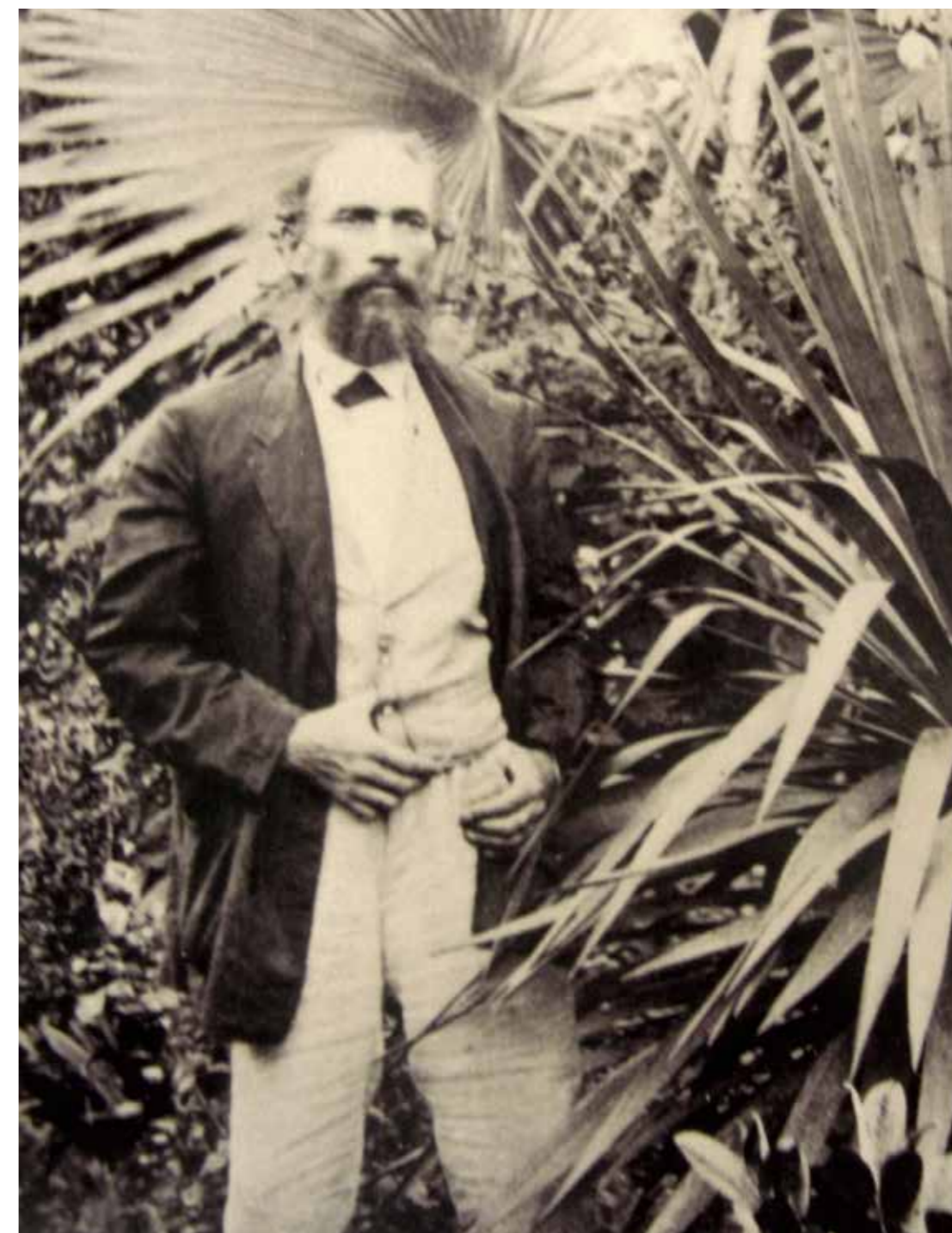
190 Jahre deutscher Anwesenheit in Brasilien

**Mein  
Kleines  
DEUTSCHLAND**



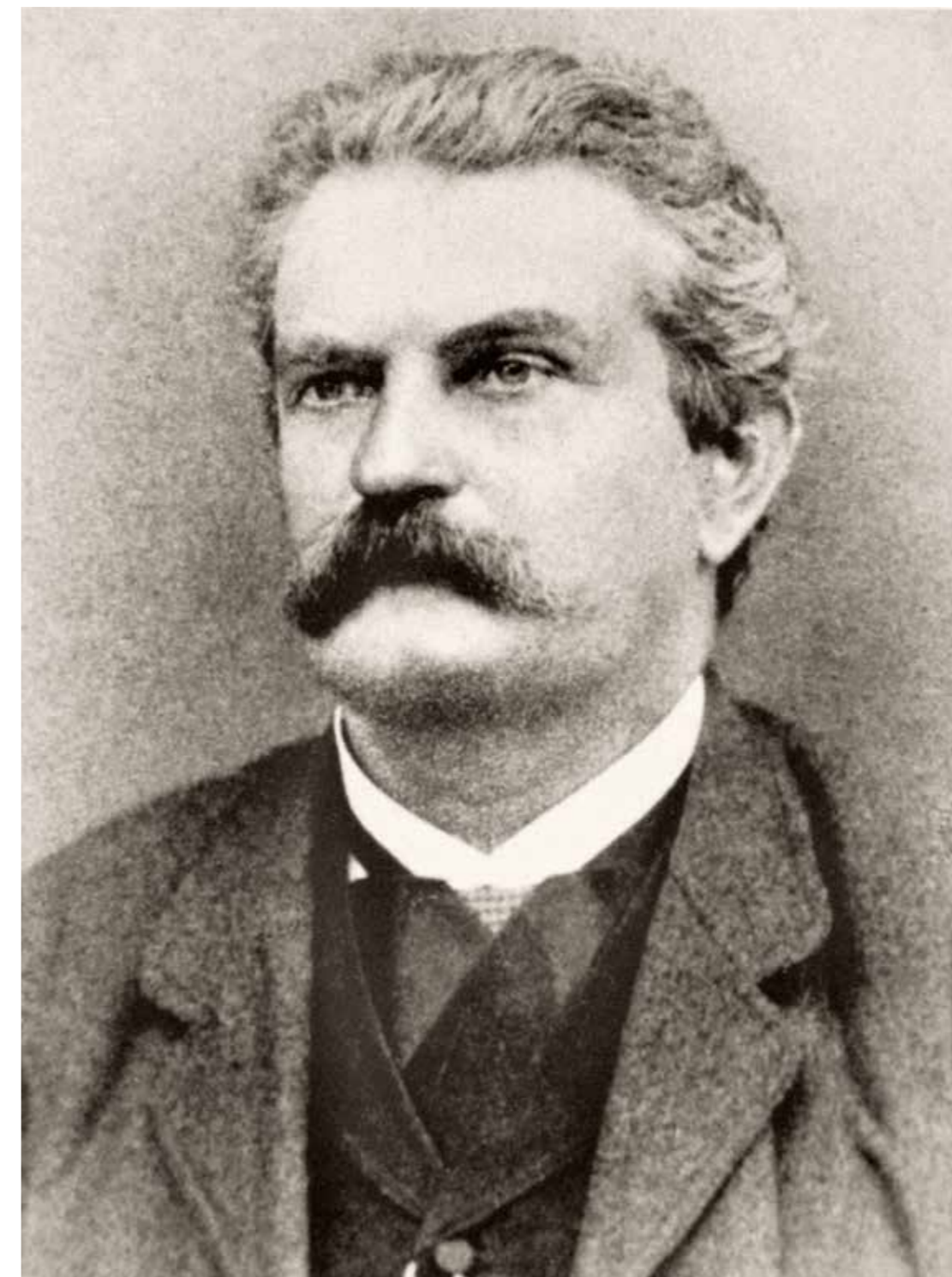
**HERMANN BRUNO OTTO BLUMENAU** tinha um plano bem definido quando subiu o Rio Itajaí-Açu pela primeira vez, em 1848: queria fundar uma colônia, próspera e autossuficiente como as aldeias da Saxônia natal. Um pedaço de Alemanha transposto para os trópicos. Escolheu a confluência com o Ribeirão Garcia, onde se instalou dois anos depois, acompanhado de mais 17 colonos, na maioria homens, todos luteranos, de não mais que 20 anos de idade. Blumenau, químico formado, tinha 31. Sem nenhuma ajuda do governo – tanto o brasileiro quanto o alemão –, Blumenau e seus colonos enfrentaram as enchentes, os índios, o isolamento e ainda as campanhas contrárias feitas na Alemanha por países como Chile e Estados Unidos, empenhados em persuadir os possíveis imigrantes a escolherem suas terras, em vez do Brasil. Desiludido, Blumenau vendeu sua colônia ao imperador em 1860, por 120 contos de réis. Tornou-se diretor, ganhou salário e pôde, então, conduzi-la ao sonhado crescimento. Ao fim daquela década, o lugarejo já contava com quase 6 mil almas, além de três fábricas de cerveja, quatro serrarias e mais de 50 engenhos de farinha. Também exportava para a costa farinha de mandioca, madeira, charutos e carroças. De tão próspero, chegou a ganhar medalha de ouro e prêmio de 10 mil francos na Exposição Universal de Paris de 1867. Quanto ao fundador, este deu por encerrada sua vida no Brasil quando, em 1880, a colônia foi alçada à condição de município. Blumenau, o homem, voltou para a Alemanha, onde morreria duas décadas depois. Blumenau, a cidade, é hoje a prova de seu empenho.

**HERMANN BRUNO OTTO BLUMENAU** hatte einen klar definierten Plan alser erstmals 1848 dem Itajaí-Açu-Fluss entlang fuhr: er wollte eine Siedlung gründen, blühend und selbstständig wie die Dörfer in seinem Heimatssachsen. Ein in die Tropen verlegtes Stück von Deutschland. Er wählte den Zusammenfluss mit dem Garcia-Bach, wo er sich zwei Jahre später in Gesellschaft von 17 Siedlern, meist Männer, alle lutheranisch und nicht mehr als zwanzigjährig. Blumenau, ausgebildeter Chemiker, war 31. Ohne jegliche Regierungsunterstützung – brasilianische oder deutsche – nahmen Blumenau und seine Siedler es auf mit Überschwemmungen, Indianern, Isolierung und negativer Werbung in Deutschland seitens Ländern wie Chile und Vereinigten Staaten, die versuchten mögliche Emigranten für sich, anstatt Brasilien, zu gewinnen. Enttäuscht, verkaufte Blumenau seine Siedlung dem Kaiser für 120 "contos-de-réis". Er wurde Direktor, verdiente sein Gehalt und konnte sie endlich zum ertäumten Wachstum führen. Zu Ende des Jahrzehnts, zählte der Ort schon knapp sechstausend Seelen und dazu drei Bräuereien, vier Sägewerke und über fünfzig Mehlfabriken. An die Küste wurden Maniokmehl, Holz, Zigarre und Leiterwagen verkauft. Die Gemeinde war so blühend, dass sie 1867 in der pariser Ausstellung Goldmedaille und einen zehntausend Franc Preis gewann. Als 1880 die Siedlung den Gemeindestatus erreichte, gab der Begründer sein Wirken für abgeschlossen. Blumenau, der Mann, kehrte zurück nach Deutschland, wo er zwei Jahrzehnte sterben würde. Blumenau, die Stadt, ist heute Zeugnis seines Einsatzes.



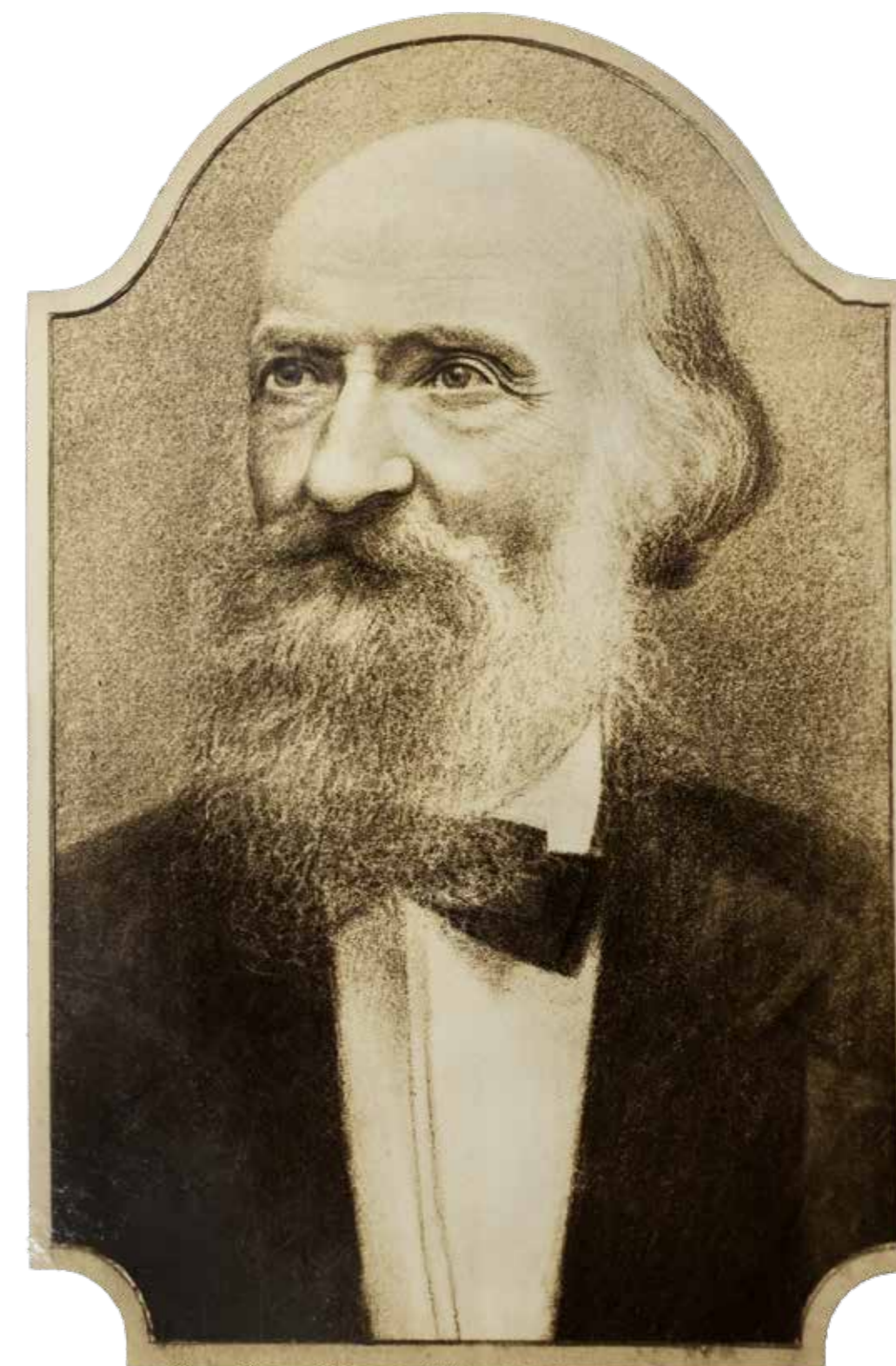
**EMIL ODEBRECHT** chegou de canoa à colônia de Blumenau no ano de 1856. Havia acabado de abandonar uma vida de conforto na Pomerânia – proporcionada pelo pai, juiz de direito – para lançar-se à aventura da imigração no Brasil. Queria montar uma empresa agrícola, mas, engenheiro formado, acabou tornando-se o topógrafo oficial da colônia. E não só dela: além de estabelecer os lotes dos futuros colonos de Blumenau, Emil viajou por toda a província demarcando fronteiras, registrando acidentes geográficos e estudando os melhores terrenos para a abertura de estradas e linhas telegráficas. Foram mais de três décadas de expedições na mata virgem, aprendendo com os índios as trilhas que só eles conheciam. Uma delas, inclusive, serviu-lhe quando lutou na Guerra do Paraguai, de onde voltou com insígnia de tenente. Emil Odebrecht morreu em 1912, deixando 77 netos. Dois deles – justo os xarás – mudariam a história da construção civil brasileira. Emílio Odebrecht e Emílio Baumgart começaram trabalhando juntos, mas depois seguiram carreira própria. O primeiro fixou-se em Salvador, onde seu filho Norberto fundaria as Organizações Odebrecht. O segundo, nascido do casamento da filha mais velha de Emil com Gustav Baumgart, imigrante da Silésia, tornou-se o introdutor da técnica do concreto armado no Brasil. Teve um filho também pioneiro: Otto Baumgart, criador da Vedacit, a maior fábrica de impermeabilizantes do país. Hoje, o que um ramo da família constrói, o outro ajuda a manter de pé.

**Emil Odebrecht** erreichte die Siedlung Blumenau per Kanu im Jahr 1856. Er hatte gerade das gemütlich Leben in Pommern, das ihm sein Vater, ein Richter, bot verlassen um sich in das Immigrationsabenteuer in Brasilien zu stürzen. Er wollte ein Landwirtschaftsgeschäft eröffnen wurde aber, wegen seiner Ingeniörausbildung der offizielle Landsvermesser der Siedlung. Und nicht nur dort: über die Bestimmung der Grundstücke der künftigen Siedler hinaus, ist Emil durch die ganze Provinz gereist um Grenzen festzulegen, Unebenheiten zu registrieren und untersuchte die besten Gelände für Straßenbau und Verlegung telegrafischer Linien. Es waren mehr als drei Jahrzehnte Expeditionen in den Urwald, in denen er von den Indianern nur ihnen bekannte Pfade erlernte. Einer dieser diente ihm als er im Paraguaikrieg diente, aus dem er als Leutnant zurückkehrte. Emil Odebrecht starb 1912 und ließ 77 Enkel zurück. Zwei von ihnen – ausgerechnet seine Namensvetter – sollten die Geschichte des brasilianischen Bauwesens verändern. Emílio Odebrecht und Emílio Baumgart begannen gemeinsam, folgten aber später eigene Wege. Der erste ließ sich in Salvador nieder, wo sein Sohn Norberto die Organizações Odebrecht gründete. Der zweite, der aus der Heirat von Emils ältester Tochter mit Gustav Baumgart – schlesischer Immigrant- stammte, führte die Technik des Betons in Brasilien ein. Sein Sohn wurde ebenfalls Pionier: Otto Baumgart, Gründer der Vedacit, größte Fabrik Mauerwerkimprägnationsmittel des Landes. Heute erbaut ein Zweig der Familie und der andere hilft zu erhalten.



**FRITZ MÜLLER** era um homem dado às pequenezas. Ainda na Alemanha, onde nasceu, estudou a anatomia das sanguessugas de Berlim. Depois no Brasil, para onde se mudou em 1852, investigou o gosto das formigas pelas embaúbas, a conduta sexual das abelhas jataí e a preferência das borboletas por certos tipos de cores. Esquadrinhou também a vida dos lagostins, a fim de comprovar a teoria de Charles Darwin sobre a evolução das espécies, justo quando ninguém no mundo o fazia. Terminou conquistando o respeito do próprio naturalista inglês, com quem trocou cartas por 17 anos, um alimentando de evidências o trabalho do outro. Para Darwin, Fritz Müller foi o "príncipe dos observadores". Dividido entre Blumenau, onde foi médico, e Desterro (hoje Florianópolis), onde foi professor, o maior naturalista em terras brasileiras do século 19 dedicou quatro décadas de sua vida aos seres ínfimos dos trópicos. Morreu aos 75 anos, à beira do Rio Itajaí-Açu, cercado de bromélias.

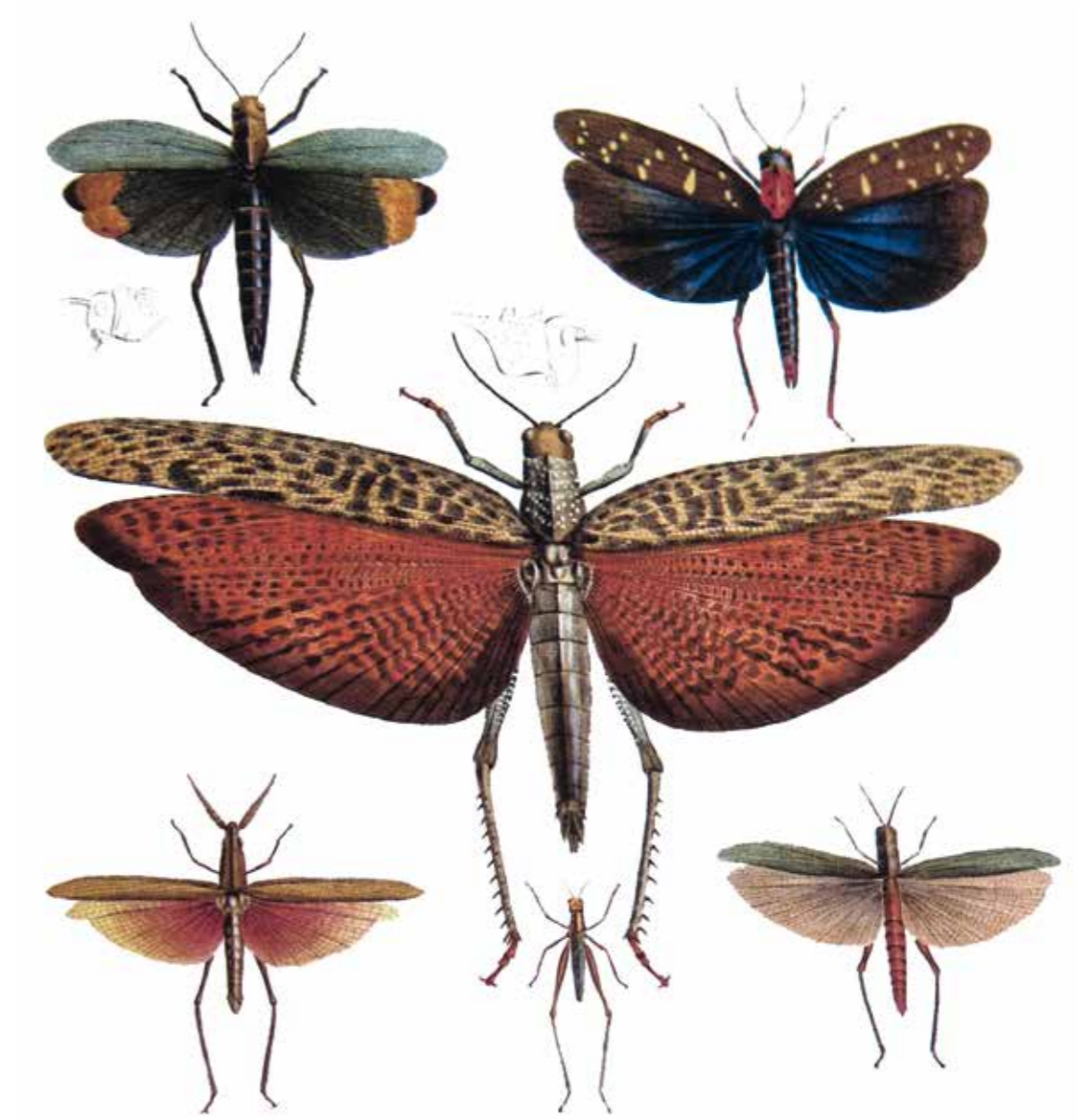
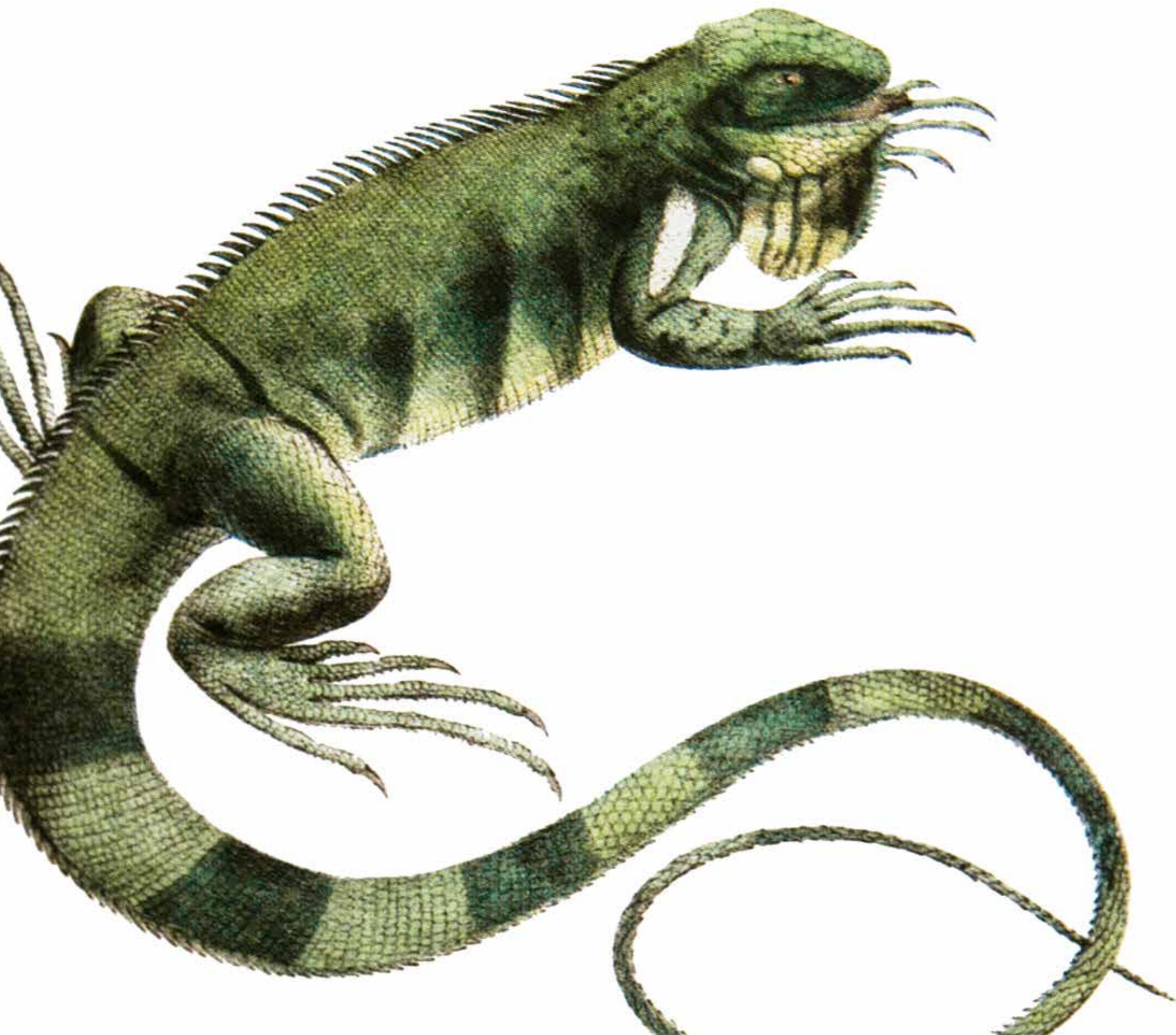
**Fritz Müller** war ein Mann der sich dem Kleinen widmete. Schon in Deutschland, wo er geboren ist, hat er sich mit der Anatomie der berliner Blutegel befasst. Später, in Brasilien wohin er 1852 zog, untersuchte er die Vorliebe der Ameise für die Embaúba-Bäume, das sexuelle Verhalten Jataí-Bienen und Vorliebe der Schmetterlinge für Blumen gewisser Farben. Er hat auch das Leben der Flusskrebse unter die Lupe genommen um Darwins Entwicklungstheorie zu bekräften, zu einer Zeit wo niemand es tat. Schließlich hat er den Respekt des englischen Naturalisten gewonnen mit dem er 17 Jahre lang Briefwechsel unterhielt, in dem sie gegenseitig ihre Arbeiten bereicherten. Für Darwin war Fritz Müller ein "Prinz der Beobachter". Dieser größte Naturalist im Brasilien des 19. Jahrhundert widmet den kleinsten Wesen der Tropen vier Jahrzehnte seines Lebens, wobei er in Blumenau als Arzt und in Desterro (heute Florianópolis) als Lehrer tätig war. Er ist im Alter von 75 am Ufer des Itajaí-Açu-Flusses, inmitten von tropischen Blumen gestorben.



**GEORG HEINRICH VON LANGSDORFF** nasceu na Alemanha, virou barão na Rússia e enlouqueceu no Brasil. Aqui, onde foi cônsul a serviço do czar, organizou a maior expedição científica em terras brasileiras no século 19. Sua comitiva incluía um astrônomo russo, um zoólogo francês, um botânico berlinense e um pintor bávaro – Johann Mortiz Rugendas, que brigou com Langsdorff ainda na primeira etapa da jornada e seguiu viagem sozinho, rumo ao Nordeste, onde produziu alguns dos mais célebres retratos do Brasil imperial. Outros dois pintores, estes franceses, juntaram-se depois ao grupo: Aimé-Adrien Taunay e Hercules Florence. Foram no total oito anos, entre 1821 e 1829, dos quais metade subindo os rios do oeste brasileiro, do Tietê ao Amazonas, através do Pantanal. Num desses rios, o Guaporé, Taunay morreu afogado. Em outro, o Jurueña, Langsdorff contraiu uma malária que lhe roubou para sempre a memória. Morreu três décadas depois, sem se lembrar de um único dia de sua aventura no Brasil. Por ironia, também a expedição permaneceu esquecida durante cem anos. Até que, em 1930, no porão de um museu em São Petersburgo, pesquisadores soviéticos encontraram a produção da odisseia. Dentro de um armário, descansavam mais de 2 mil páginas de manuscritos, mapas, desenhos e aquarelas.

**GEORG HEINRICH VON LANGSDORFF** wurde in Deutschland geboren, in Russland zum Baron und in Brasilien verrückt. Hier, wo er im Tsares Dienst Konsul war, organisierte er die größte wissenschaftliche Expedition im Brasilien des 19. Jahrhundert. In seinem Gefolge waren ein russischer Astronom, ein französischer Zoologe, ein berliner Botaniker und ein bayrischer Maler – Johann Mortiz Rugendas, der sich mit Langsdorff schon am Anfang der Reise verstritt und eigenständig Richtung Nordoste weiterreiste und dort einige der bekanntesten Gemälde des kaiserlichen Brasiliens malte. Zwei weitere Maler waren Franzosen: Aimé-Adrien Taunay und Hercules Florence. Es waren insgesamt 8 Jahre Reisen, von 1821 bis 1829, die Hälfte um die Flüsse im brasilianischen Westen entlangzufahren, vom Tietê zum Amazonas, durch den Pantanal. In einem dieser Flüsse ertrank Taunay. Bei einem anderen, dem Jurueña, bekam Langsdorff Malaria, die ihn für immer seines Gedächtnis berauben sollte. Er starb drei Jahrzehnte später, ohne sich an einen einzigen Tag seines Abenteuers in Brasilien zu erinnern. Ironischerweise blieb auch seine Expedition hundert Jahre lang vergessen. Bis 1930 sovjetische Wissenschaftler im Keller eines Museums in Sankt Petersburg die Ergebnisse der Odyssee fanden. In einem Schrank ruhten über zweitausend Seiten Manuskripte, Karten, Zeichnungen und Aquarellen.



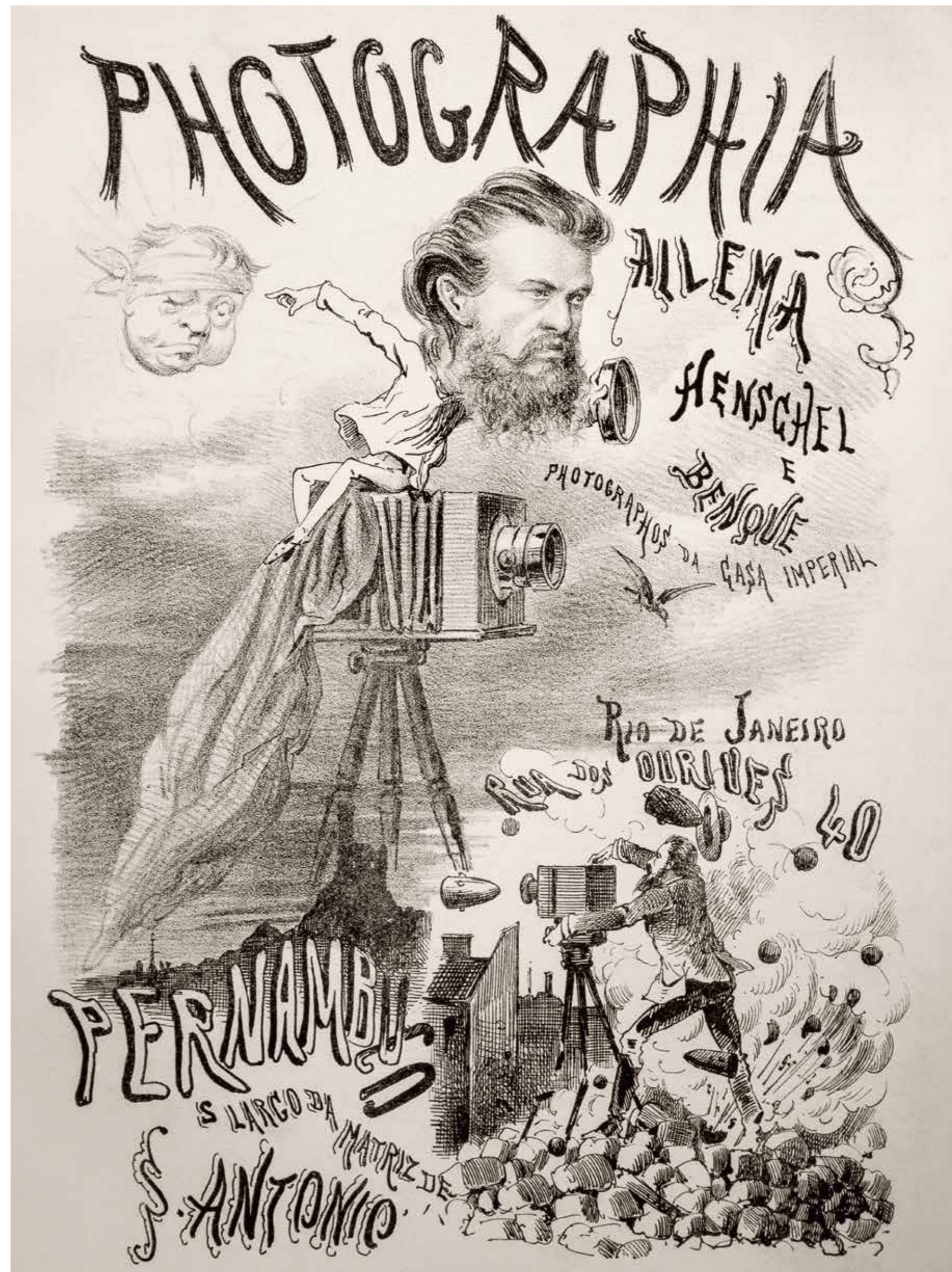


**JOHANN BAPTIST VON SPIX**, médico da Baviera, e **CARL FRIEDRICH PHILLIP VON MARTIUS**, botânico também bávaro, chegaram ao Brasil no ano de 1817, acompanhando o séquito da arquiduquesa Leopoldina, futura imperatriz. Vinham com a missão de devassar o território para recolher o máximo de informações sobre a fauna, a flora e o povo da então colônia. Partiram do Rio de Janeiro, cruzaram Minas Gerais, atravessaram o sertão nordestino e subiram o Amazonas até os limites com o Peru. No total, foram mais de 10 mil quilômetros percorridos. Nesse trajeto conheceram a pororoca, recolheram modinhas, participaram de pajelanças e foram devorados por borrachudos, mutucas e carapanãs. Voltaram três anos depois, com o barco recheado de animais empalhados, insetos e mais de 20 mil plantas. Spix morreu pouco tempo depois, jurando ter conhecido o paraíso. Von Martius viveu o suficiente para publicar sua monumental *Flora Brasiliensis*, compêndio ilustrado de 15 volumes em que descreve a exata soma de 22.767 espécies vegetais. Dessas, 5.939 eram novas para a ciência.

**JOHANN BAPTIST VON SPIX**, bayrischer Arzt, und **CARL FRIEDRICH PHILLIP VON MARTIUS**, Botaniker, ebenfalls aus Bayern, kamen 1817 im Gefolge der Erzherzogin Leopoldina, künftige Kaiserin, nach Brasilien. Sie kamen mit dem Auftrag möglichst viel Information über Fauna, Flora und Bevölkerung der damaligen Kolonie zu sammeln. Sie brachen von Rio de Janeiro auf, durchkreuzten Minas Gerais und den nordöstlichen "Sertão", fuhren dem Amozanos entlang bis an die Grenze mit Peru. Insgesamt wurden über 10 Tausend Kilometer zurückgelegt. Unterwegs lernten sie die "Pororoca" kennen, sammelten Volkslieder, nahmen an Schamanenritualen teil und wurden von "Borrachudos", "Mutucas" und "Carapanãs" zerstoehen. Sie kamen nach drei Jahren zurück, die Boote voll mit ausgestopften Tieren und über 20 Tausend Pflanzenmustern. Spix starb wenig später, darauf schwörend, dass er das Paradies kennengelernt habe. Von Martius lebte lange genug um sein monumetales, 15-bändiges, illustriertes Kompendium "Flora Brasiliensis" in dem er genau 22.767 pflanzliche Arten beschreibt, veröffentlicht zu sehen. 5.939 dieser Arten waren der Wissenschaft noch unbekannt.

**DOM PEDRO II**, além de imperador, era também fotógrafo. Amador, claro. Mas amava o suficiente a arte fotográfica para tornar-se seu principal difusor no século 19. Não só montou uma coleção particular com milhares de imagens como também escalava seus fotógrafos preferidos da cidade para que registrassem a vida dentro do palácio. A esses, dava-lhes o título de "Fotógrafo da Casa Imperial". Houve alguns alemães entre eles, dos muitos que trocaram a Prússia pelo Brasil na segunda metade do século 19, entusiasmados com as mesmas paisagens que, poucas décadas antes, haviam seduzido viajantes como Carl von Martius e Rugendas. Pois agora era a vez dos fotógrafos. E vieram aos montes, abastecidos dos melhores equipamentos e das técnicas mais avançadas, que só na Europa se conheciam. Aqui, espalharam estúdios de "Photographia Allemã" por todo o território nacional, sobretudo nas grandes capitais. Alguns foram especialmente bem-sucedidos, como o berlinense Alberto Henschel, que montou filiais no Rio de Janeiro, em São Paulo, Recife e Salvador. Foi o primeiro empresário do ramo no país e um dos grandes retratistas do Brasil imperial. Já Augusto Stahl fez importantes registros da paisagem pernambucana e da vida dos negros escravos, cujas cópias vendia aos membros da corte. Revert Henrique Klumb, por sua vez, tornou-se tão íntimo da família imperial que chegou a dar aulas de fotografia à princesa Isabel.

**DOM PEDRO II** war außer Kaiser auch Fotograf. Amteur, klar. Aber er liebte die Kunst der Fotografie genug um ihr Hauptverbreiter im 19. Jahrhundert zu sein. Er hat nicht nur eine Sammlung von Tausenden von Bildern zusammengestellt, sonder auch seine Lieblingsfotografen in der Stadt dazu gesetzt das Leben im Palast zu registrieren. Er gab ihnen den Titel "Fotógrafo da Casa Imperial"- "Fotograf des Kaiserlichen Hauses". Unter ihnen waren Deutsche, einige der vielen die Preussen gegen das Brasilien der zweiten Hälfte des 19. Jahrhundert tauschten, begeistert von denselben Landschaften die wenige Jahrzehnte zuvor Reisende wie Carl von Martius und Rugendas verführt hatten. Es war jetzt der Moment der Fotografen und sie kamen in Mengen, versehen mit den besten Ausrüstungen, den letzten Techniken die nur in Europa bekannt waren. Hier richteten sie im ganzen Land, besonders in den Hauptstädten, Studios für "Photographia Allemã" ein. Einige waren besonders erfolgreich, wie der Berliner Alberto Henschel der Filialen in Rio de Janeiro, São Paulo, Recife und Salvador eröffnete. Er war der erste Unternehmer auf dem Gebiet und einer der großen Porträtfotografen des kaiserlichen Brasilien. Augusto Stahl machte wichtige Aufnahmen der Landschaft Pernambucos und des Lebens der Sklaven und er verkaufte Kopien an die Hofmitglieder. Revert Henrique Klumb stand schließlich der kaiserlichen Familie so nah, dass er der Prinzessin Isabel Fotografieren unterrichtete.



A **HAMBURG-SÜD**, antes dos contêineres, transportou imigrantes. Foram milhares os alemães que, por sete décadas, embarcaram nos vapores da companhia com destino aos portos do Brasil, da Argentina e do Uruguai. Criada em 1871 pela união de 11 casas mercadoras do norte alemão, a Hamburg Südamerikanische Dampfschiffahrts-Gesellschaft (Sociedade de Navegação Sul-Americana a Vapor de Hamburgo) foi dona da primeira linha marítima entre a Alemanha e a América do Sul. Do porto de Hamburgo, as embarcações zarpavam duas vezes ao mês carregando passageiros, algumas com mais de mil a bordo. Na volta, enchiam-se de café brasileiro e carne argentina. Mais do que uma companhia mercante, porém, a Hamburg-Süd foi também uma grande incentivadora da imigração alemã no Brasil. Chegou a montar uma hospedaria em São Francisco do Sul (SC), vendeu terras aos colonos, ajudou a erguer igrejas e ainda construiu a ferrovia que atravessa o Vale do Itajaí, também em Santa Catarina. Tudo isso durou até a Segunda Guerra Mundial, quando a Hamburg-Süd perdeu sua frota inteira, afundada por bombas e torpedos ou confiscada como reparação de guerra em favor dos Aliados. Instalada a paz, a companhia começou do zero novamente. Mas agora sem os imigrantes.

**HAMBURG-SÜD** transportierte, vor den Containern, Immigranten. Tausende von Deutschen wurden von ihren Dampfern sieben Jahrzehnte lang nach Häfen in Brasilien, Argentinien und Uruguay transportiert. 1871 durch die Vereinigung der elf nordeutschen Handelsgesellschaften gebildet, besaß die Hamburg Südamerikanische Dampfschiffahrts Gesellschaft die erste Seeverbindung zwischen Deutschland und Südamerika. Vom hamburgener Hafen stachen die Schiffe zwei Mal im Monat mit Passagieren, manchmal über Tausend, an Bord in See. Auf der Rückreise kamen sie mit brasilianischem Kaffee und argentinischem Fleisch gefüllt. Aber mehr als eine Handelsgesellschaft war die Hamburg-Süd eine große Unterstützerin der deutschen Immigration. Sie hat sogar ein Gasthaus in São Francisco do Sul eingerichtet, den Siedlern Land verkauft, beim Bau von Kirchen geholfen und noch beim Bau der Eisenbahn durch das Itajaí-Tal in Santa Catarina beigetragen. All dies dauerte bis zum Zweiten Weltkrieg, als die Hamburg-Süd die gesamte Flotte verlor, von Bomben und Torpedos versenkt oder als Kriegsreparation beschlagnahmt. Nach dem Frieden, begann die Gesellschaft vom Neuen, diesmal ohne Immigranten.

**Hamburg-Süd-Amerikanische Dampfschiffahrts-Gesellschaft.**

**entre** Serviço postal regular **Hamburgo e a America do Sul**  
com vapores rapidos de primeira classe a saber:

**De Hamburgo para os portos do Brazil**  
até Santos ( com escalas em Leixões & Lisboa )  
Um vapor todas as quinta feiras tocando alternadamente em Pernambuco e Bahia

**Para o Rio Grande do Sul** | **Para o Rio da Prata:**  
( com as mesmas escalas )  
Um vapor no fim de cada mez tocando em Paranaguá e São Francisco | Um vapor cada semana tocando em Bilbao, Coruna, Carril ou Vigo e na Ilha Madeira

Tem medicos e criadas abordo. Boa cosinha excellentes commodos illumination electrica

“Quem não experimentou o encanto do luar na calma das noites, nestas afortunadas latitudes, não poderá fazer descrição acertada das elevadas sensações, que tão maravilhosa natureza desperta na alma do observador. (...) No gozo da magia de tais noites lembra-se o europeu recém-chegado, com saudade, da sua pátria. Até que a rica natureza tropical se vai tornando para ele uma segunda pátria”

CARL FRIEDRICH PHILLIP VON MARTIUS,  
1819

“Wer nicht den Zauber des Mondlichtes in der Nachtruhe dieser gesegneten Breiten erfahren hat, wird nicht die erhabenen Empfindungen die die wundervolle Natur in der Seele des Beobachter erweckt zutreffend beschreiben können. (...) Im Genuss des Zaubers solcher Nächten erinnert sich der gerade angekommene Europäer sehnsüchtig an die Heimat. Schließlich wird ihm die reiche tropische Natur zu einer zweiten Heimat”





**NELSON BAUER** é do tempo em que ainda não haviam inventado os arquitetos. Lugar de morar se fazia à unha, tombando tora no mato, secando tijolo no sol. Foi assim com a casa onde mora desde que nasceu, fincada num fundo de vale, rente a um córrego sinuoso, a poucos quilômetros da Vila Itoupava, distrito de Blumenau. Obra enxaimel erguida pelo avô em barro e canela-preta com a ajuda de dois carpinteiros, a casa, de tão sólida, continua de pé tal como foi feita, há exatos 103 anos. Passou por reforma apenas uma vez. O rancho ao lado é mais novo, mas igual de resistente. Tem seis décadas de vida, contadas a partir do dia em que Nelson e seu pai, munidos da então novíssima serra de quase 2 metros de comprimento importada da Suíça, começaram a subir os morros com o fim de transformar cabreúvas e imburanas em ripas verticais. Durante anos o rancho abrigou um engenho de cana movido a tração de bois – naquele tempo, também o açúcar, como as casas, se fazia no sistema artesanal. Hoje é uma garagem. Mas a serra continua lá, enfeitando a parede num canto próximo de onde ficam as motos.

**NELSON BAUER** ist aus der Zeit wo man die Architekten noch nicht erfunden hatte. Wohnhäuser baute man selbst, Bäume im Wald fällend, Bausteine in der Sonne backend. So war es mit dem Haus in dem er seit der Geburt wohnt, tief in einem Tal, dicht an einem kurvigen Bach, wenige Kilometer von Vila Itouoava, ein Distrikt vom Blumenau. Ein Fachwerkhaus das sein Großvater mit Hilfe von zwei Zimmermännern aus Lehm und Canela-Preta-Holz erbaut hat. So solide, daß es noch heute, gerade so wie vor genau 103 Jahren erbaut, steht. Es wurde nur ein einziges Mal renoviert. Die Hütte daneben ist neuer aber ebenso resistent. Sie ist sechs Jahrzehnte alt, berechnet vom Tag an dem Nelson und sein Vater, gerüstet mit einer nagelneuen, fast zweimetrigen schweizer Motorsäge, erstmals die Hügel bestiegen um Cabreúva- und Imburana-Bäume zu Latten zu verarbeiten. Jahrelang war dort eine rindbetriebene Zuckerrohrpresse – damals machte man Zucker, wie Häuser, handwerklich. Heute ist dort eine Garage. Auch die Säge ist noch dort, als Schmuck an einer Wand, nahe von wo die Motorräder sind.



**ANNA OTTILIA HOFFMANN** é brasileira, mas não fala português. Nem alemão. Apenas *Hunsrückisch*, dialeto importado da Renânia há mais de um século e transmitido, quase intacto, por meio de quatro gerações. Bisneta de imigrantes, Anna Ottilia nasceu há 90 anos na localidade de Feliz Lembrança, parte do distrito de Joaneta, que por sua vez pertence ao município de Picada Café, a 80 quilômetros do centro de Porto Alegre. E dali pouco saiu, salvo nos breves anos em que foi à escola ou nas vezes em que descia a Joaneta para assistir à missa – ela, o pai e os oito irmãos, distribuídos em seis cavalos. Tivesse saído mais, talvez soubesse algumas palavras do português. Mas a vida nas lavouras de Feliz Lembrança sempre exigiu o máximo de braços, sobretudo depois da morte prematura da mãe. Dos irmãos, restam dois, gêmeos, octogenários. Edgard vive com a mulher no sítio ao lado e fala português. Oscar, que não fala, divide com Anna Ottilia a mesma casa onde a família foi morar há 80 anos, uma construção enxaimel cuja decrepitude as buganvílias do jardim da frente escondem dos olhares de fora. Tantas são as flores que chegam a parecer muro, divisa involuntária que há muito tempo mantém separadas as duas nações. O Brasil, claro, ficou do lado de fora.

**ANNA OTTILIA HOFFMANN** ist Brasilianerin, redet aber kein Portugiesisch. Auch kein Deutsch. Nur Hunsrückisch, ein Dialekt der vor über einem Jahrhundert aus dem Rheinland gebracht wurde und über vier Generationen hinweg fast intakt bewahrt wurde. Urekelin von Einwanderern, ist Anna Ottilia vor 90 Jahren geboren in der Ortschaft Feliz Lembrança, im Distrikt Joaneta, das wiederum in der Gemeinde Picada Café, 80 km vom Zentrum Porto Alegres liegt. Von dort ist sie selten fortgewesen, außer den wenigen Jahren in denen sie zur Schule ging, den Besuchen in Joaneta um die Messe zu sehen – sie, der Vater und die Geschwister auf sechs Pferde verteilt. Sie wäre vielleicht mehr rausgekommen hätten sie einige Wörter Portugiesisch gekonnt. Aber die Äcker in Feliz Lembrança haben immer alle verfügbare Hände gefordert, besonders nach dem vorzeitigem Tod der Mutter. Von den Geschwistern verbleiben zwei, achzigjährige Zwillinge. Edgard lebt mit der Frau auf dem Nachbargut und spricht Portugiesisch. Oscar, der kein Portugiesisch kann, teilt mit Anno Ottilia das Haus in das die Familie vor 80 Jahren gezogen ist. Ein Fachwerkbau dessen Verfall durch die überwuchernden Drillingsblume dem Aussenstehenden verbogen bleibt. So viele Blumen, dass es an einen Wall erinnert, eine unfreiwillige Begrenzung die seit langem zwei Nationen trennt. Brasilien, klar, liegt aussen.





A **CASA COMERCIAL ALTREIDER** foi, durante seis décadas, o endereço mais concorrido da localidade de Nove Colônias, zona rural de Nova Petrópolis, coração da Serra Gaúcha. Aberta em 1914 por Carl Altreider, filho de um imigrante de Baden, funcionava como comércio, salão de baile e ainda pousada para tropeiros e caixeiros-viajantes. Durante a semana, vendia tudo o que a colônia não produzia: sal, açúcar, calçados, ferramentas, tecidos por metro. Aos sábados, abrigava dentistas e barbeiros, que se instalavam nos quatinhos em frente ao balcão para receber os colonos. Em dias de festa, enchia-se de gente em seus melhores trajes, entregue ao som da polca, da valsa e da mazurca. Foi assim até a década de 70, quando os primeiros supermercados da cidade tornaram inútil a existência da casa. O que restou foram a construção de pedra, alguns poucos objetos à guisa de museu – incluindo um jukebox centenário, movido a manivela – e os dois bisnetos de Carl Altreider, Marlise e Lauri, hoje responsáveis por receber as visitas, devidamente trajados à moda bávara.

Die **"casa comercial Altreider"** war sechs Jahrzehnte lang das gefragteste Geschäft des Dorfes Nove Colônias, im ländlich Bezirk von Nova Petrópolis, im Herzen der Serra Gaúcha. 1914 von Carl Altreider, Sohn eines badischen Einwanderers eröffnet, war es sowohl Handel wie Ballhalle und Herberge für Reisende. Während der Woche wurde hier alles verkauft was die Siedlung nicht selbst produzierte: Salz, Schuhe, Werkzeuge, Tuch als Meterware. Samstags richteten sich Zahnärzte und Barbieri in den Zimmern vor der Theke ein um die Siedler zu empfangen. Zu den Feiern wimmelte es an Leuten die sich in den besten Kleidern den Polkas, den Walzern und den Mazurkas hingaben. So war es bis in die 70er Jahre als die ersten Supermärkte die Casa Altreider überflüssig machten. Was verblieb waren der Steinbau, einige wenige Gegenstände – darunter eine jahrhundertalte Jukebox – und Carl Altreider's zwei Urenkel, Marlise und Lauri, heute für den Empfang der Besucher zuständig, gehörig bayrisch gekleidet.





Polka

**CELSO STOFFEL** vive desde que nasceu na mesma terra comprada pelo bisavô, alemão da Renânia chegado à colônia Baumschneiss – hoje Dois Irmãos, Rio Grande do Sul – no final do século 19. Ou que restou dela, outrora uma extensa propriedade que encostava na vizinha cidade de Ivoti. Depois das sucessivas divisões familiares, Celso acabou herdando o núcleo original, e com ele a casa-sede e a estrebaria, ambas de pé há pelo menos cem anos. Tão antigas, certamente, quanto o arado movido a força animal que Celso ainda usa na lavoura, com tal de cultivar o mesmo aipim e o mesmo milho que sustentaram o pai e o avô. Tem sido assim há quatro gerações. Até que veio a quinta: hoje, nenhum dos três filhos de Celso quer ficar na terra. Restam os netos, que também são três. E o menor, ele diz, já anda gostando de ver as vacas. “Esse eu vou treinar pra mim”, confessa. “A gente tem que dobrar a árvore quando ainda é pequenininha, né? Quando é grande, ela quebra.” Tem 1 ano e meio, o menino. E, ao que consta, entende tudo que o avô Celso diz em Hunsrückisch, dialeto do oeste alemão. O mesmo falado pelo tetravô imigrante.

**CELSO STOFFEL** lebt seit der Geburt auf dem Gut das sein Urgroßvater, ein Deutscher aus dem Rheinland, kaufte als er in die Siedlung Baumschneiss – heute Dois Irmãos, Rio Grande do Sul – Ende des 19. Jahrhunderts kam. Oder das was von dem einst ausgedehnten Gut, das bis zur Nachbarstadt Ivoti reichte, verbleibt. Nach einigen Familienzweigen erbte Celso schließlich das Kernstück des Gutes, mit dem Sitzhaus und dem Stall, beide stehen schon seit wenigstens hundert Jahren. Bestimmt so alt wie der tiergezoogene Pflug den Celso immer noch benutzt um den selben Maniok und den selben Mais anzubauen von denen sein Vater und Großvater schon lebten. So ist es seit vier Generationen. Bis die fünfte kam: heute will keiner von Celso's drei Söhnen auf dem Gut bleiben. Es verbleiben die Enkel, ebenfalls drei. Der jüngste, sagt er, gefällt es schon die Kühe angucken zu gehen. “Den werde ich für mich vorbereiten” gibt er zu. “Den Baum muss man jung biegen. Wenn er groß ist bricht er.” Er ist anderthalb Jahr alt, der Junge. Und anscheinend versteht er alles was ihm Großvater Celso auf Hunsrückisch sagt. Derselbe Dialekt des eingewanderten Urrurgroßvaters.



**HUGO BECKER** é a quarta geração no comando da serraria que leva o nome da família, estabelecimento aberto pelo bisavô alemão no ano de 1872. Quase um século e meio de atividade ininterrupta. Serrarias como essa, movidas a roda d'água, havia às pencas por todo o sul do país. Onde quer que existissem colônias alemãs, era imperativa a presença de ao menos uma oficina na qual se talhassem os troncos com que se faziam as casas, os móveis e os utensílios para o campo. Poucas restaram, e esta em Dois Irmãos (RS) é uma delas. Cortou madeira até 1992, quando perdeu de vez a clientela para as serras de fita, mais ágeis, ainda que tão rudimentares quanto a da Serraria Becker, do tipo pica-pau. Até então, Hugo e seu pai gastavam os dias trinchando pranchas e construindo arados, cangas e carroças. Inclusive a roda d'água ainda era usada, em particular nos dias em que a chuva engordava o Arroio Caru e permitia que se economizasse no gasto com a eletricidade. Hoje, nem a roda e nem a serra funcionam. Mas Hugo continua trabalhando diariamente, agora dedicado às peças de carpintaria. Isso inclui cabos de enxada, rodas de carroça – para enfeite nas casas – e carrinhos de rolimã, aqui chamados de "carretas de lomba".

**HUGO BECKER** ist die vierte Generation der Familie im Kommando des Sägewerks das den Familiennamen trägt und 1872 von seinem Urgroßvater gegründet wurde. Fast anderthalb Jahrhundert ununterbrochener Aktivität. Wasserbetriebene Sägewerke wie dieses gab es zahlreiche im Süden Brasiliens. Woimmer es deutsche Siedlungen gab musste es wenigstens eine Werkstatt geben um den Stämmen die gewünschten Formen zu geben und daraus Häuser, Möbel und Ackerwerkzeuge zu machen. Wenige verbleiben, diese in Dois Irmãos (RS) ist eine von ihnen. Bis 1992 sägte sie noch Holz, dann verlor sie endgültig das Klientel an die Bandsägen, gewandter obwohl genauso rudimentär wie die Säge des Werkes Becker. Bis dann verbrachten Hugo und sein Vater die Tage damit Bretter zuzuschneiden, Pflüge, Joche und Wagen zu fertigen. Sogar das Wasserrad wurde noch benutzt, besonders an Tagen an denen der Regen den Arroio Caru schwellen ließ und dadurch Strom gespart werden konnte. Heute funktionieren weder Wasserrad noch Säge. Hugo arbeitet aber immer noch täglich. Jetzt widmet er sich der Tischlerei. Das umfasst auch Werkzeuggriffe, Wagenräder – für dekorative Zwecke – und Seifenkistewagen die hier "carretas de lomba" heissen.







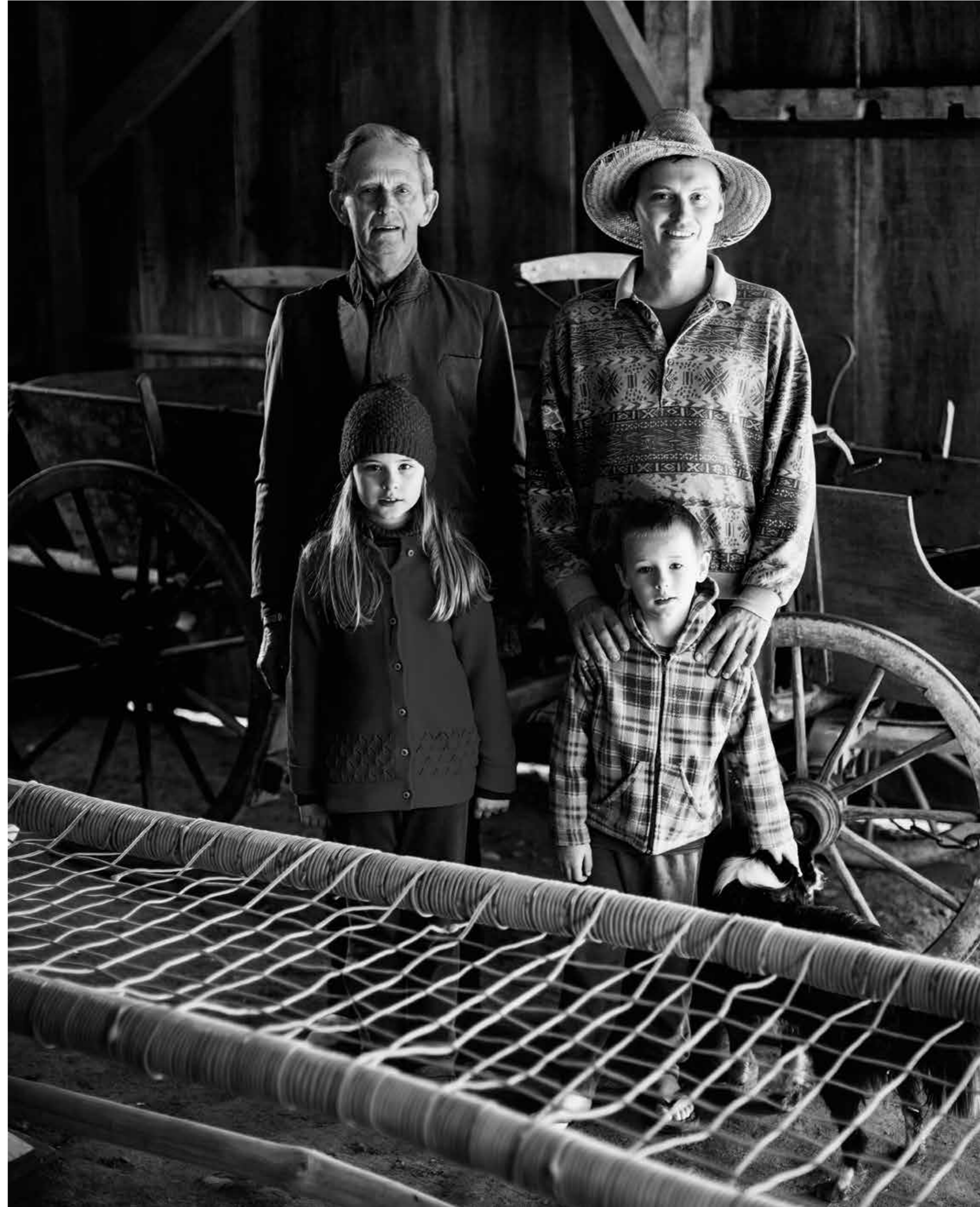
**HELGA KIELING** trabalha há 68 anos no mesmo lugar. O endereço: Estrada do Mato Comprido, localidade de São José do Herval – Einfachschnaiss, para os moradores –, município de Morro Reuter, Rio Grande do Sul. O nome: Kieling's Haus, armazém em atividade contínua desde a década de 1870. Helga está aqui desde 1945, o ano em que se casou com o filho do proprietário e veio ajudar no negócio. Na época, ela diz, vendia-se de tudo no armazém. De ternos a remédios – e estes era a própria Helga quem aplicava nos pacientes, quando era necessário fazê-lo por meio de injeção. Havia também um salão de baile ao lado, hoje um restaurante, onde se organizavam os *kerbs* anuais – as festas de aniversário de igreja – e se celebravam os casamentos da comunidade. Nesses, a família Kieling cuidava de tudo: carneava os bois em matadouro próprio, preparava a comida, vendia os presentes no armazém aos convidados e ainda se responsabilizava pelo vestido da noiva – nobre função que cabia a Helga, costureira das melhores na região. Bolos ela também fazia como ninguém, a tal ponto de tornar-se a doceira oficial dos *kerbs* de São José do Herval. Num deles, diz que chegou a assar 58 bolos. Hoje a ponto de completar 90 anos, Helga continua uma trabalhadora exemplar. Não há um só dia em que não seja vista do outro lado do balcão de madeira, tão antigo quanto o armazém. "Levanto todo dia às 7 da manhã, faço meu chimarrão e, quando entra freguês, já vou lá atender", diz, orgulhosa.

**HELGA KIELING** arbeitet seit 68 Jahren an der selben Stelle. Die Adresse: Estrada do Mato Comprido, Ortschaft São José do Herval – Einfachschnaiss, für die Einwohner – Gemeinde Morro Reuter, Rio Grande do Sul. Der Name Kieling's Haus, ein seit den 1870er Jahren durchgehend aktiver Handel. Helga ist hier seit sie 1945 den Sohn des Eigentümer heiratete und herkam um im Geschäft auszuhelfen. Damals wurde von allem verkauft, von Anzügen bis Medikamenten – diese verabreichte Helga selbst den Patienten, wenn sie gespritzt werden mussten. Es gab auch einen Raum für Bälle, heute ein Restaurant, wo die jährlichen Kerbs – die Jahrestagsfeiern der Kirche – veranstaltet wurden und die Hochzeiten der Gemeinschaft stattfanden. Bei diesen besorgten die Kielings alles: schlachtete die Rinder im eigenem Schlachthaus, bereitet das Essen, verkaufte den Eingeladenen die Geschenke und übernahmen auch die Sorge um das Brautkleid – edle Aufgabe die Helga, eine der besten Schneiderinnen der Umgebung, übernahm. Kuchen konnte sie auch backen wie sonst niemand, deshalb wurde sie auch offizielle Kuchenbäckerin der Kerbs in São José do Herval. Sie sagt einmal 58 Kuchen gebacken zu haben. Heute fast 90jährig ist Helga weiterhin eine vorbildliche Arbeiterin. Es vergeht kein Tag an dem sie nicht hinter der hölzernen Theke, die fast so alt ist wie das Geschäft, gesehen wird. "Ich stehe jeden Tag um 7 auf, braue mir meinen "Chimarrão" und wenn ein Kunde eintritt gehe ich ihn bedienen," sagt sie stolz.



**ROGÉRIO SIEWERT** é camponês e operário. De manhã, um; à tarde, outro. Vida de colono, em Pomerode, agora é assim. "Quase ninguém mais vive da área rural. A maioria trabalha meio período na indústria", diz. Rogério viaja cem anos no tempo todos os dias, de segunda a sexta. Em casa, onde gasta as manhãs, a vida é um pouco com a de seu bisavô pomerano. Com a ajuda do pai e do irmão, produz leite, cria porcos e planta milho com os mesmos apetrechos que usaram os primeiros imigrantes. Isso inclui o arado movido a cavalo, a semeadeira de ferro e a zorra de madeira – espécie de trenó puxado por um boi, para recolher o capim que será dado aos animais. Também a língua não mudou: até as duas crianças da casa, seus filhos, aprenderam alemão antes de falar o português. Depois do almoço, Rogério bate o ponto na Netsch, multinacional de origem alemã especializada em bombas hidráulicas. Ali, atravessa a tarde e parte da noite concentrado num torno computadorizado que é quase o tamanho da casa enxaimel onde mora. Tão difícil de operar que Rogério precisou ir até a Alemanha para aprender a usá-lo.

**Rogério Siewert** ist Bauer und Fabrikarbeiter; morgens das eine, nachmittags das andere. Siedlerleben in Pomerode ist jetzt so. "Kaum jemand lebt nur vom Bauernleben. Die meisten arbeiten Teilzeit in der Industrie" sagt er. Rogério reist jeden Tag 100 Jahre in der Zeit. Zuhause, wo er die Morgende verbringt, lebt er etwa wie sein Urgroßvater aus Pommern. Mit der Hilfe des Vaters und des Bruders produziert er Milch, zieht Schweine und baut Mais an, mit denselben Geräten der ersten Einwanderer. Das umfasst u.a. den pferdegezogenen Pflug, die eiserne Sämaschine, den von Ochsen gezogenen Tiefwagen um das Heu für das Vieh einzuholen. Auch die Sprache ist unverändert: sogar die zwei Kinder des Hauses, seine Kinder, haben das Deutsch vor dem Portugiesisch gelernt. Am Nachmittag stempelt Rogério sich ein bei Netsch, einer deutschen Multinationalen deutschen Ursprungs die auf hydraulische Pumpen spezialisiert ist. Dort verbringt er den Nachmittag und einen Teil der Nacht an einer computergesteuerten Drehbank, die fast so groß ist wie das Fachwerkhaus in dem er wohnt. So schwer zu bedienen, dass er nach Deutschland musste um es zu erlernen.



**SIDO RAMTHUN** mora com três cães, 11 vacas, umas 50 galinhas e mais de cem pombos. Com todos, comunica-se em alemão. Inclusive os pombos. "A gente chama – *komm, komm* – e eles vêm." Esses ele cria à solta, dispersos pelos telhados e pelo milharal, para depois capturar com tarrafa quando é hora de vender. Quem compra é um senhor de Curitiba, supostamente para soltá-los numa praça. Sido vive só, mas recebe muitas visitas, inclusive gente da Alemanha em passagem por Pomerode. Como os pombos, eles compreendem quase tudo o que Sido diz. Ao contrário de Sido, que não entende coisa alguma do que falam aqueles alemães..

**Sido Ramthun** lebt mit drei Pferden, elf Kühen, etwa fünfzig Hühnern und über hundert Tauben. Mit allen verständigt er sich auf Deutsch, einschliesslich den Tauben. "Man ruft – 'komm, komm' – und sie kommen". Er lässt sie frei, über die Dächer und dem Maisacker verstreut, leben und wenn es Zeit ist sie zu verkaufen, fängt er sie mit einem Fischernetz ein. Es ist ein Herr aus Curitiba der sie kauft, angeblich um sie an einem Stadtplatz freizusetzen. Sido lebt allein, empfängt aber viele Besucher, darunter auch Leute aus Deutschland die in Pomerode vorbeikommen. Wie die Tauben, verstehen sie fast alles was Sido sagt. Im Gegensatz dazu, versteht Sido gar nichts von dem was diese Deutschen sagen.





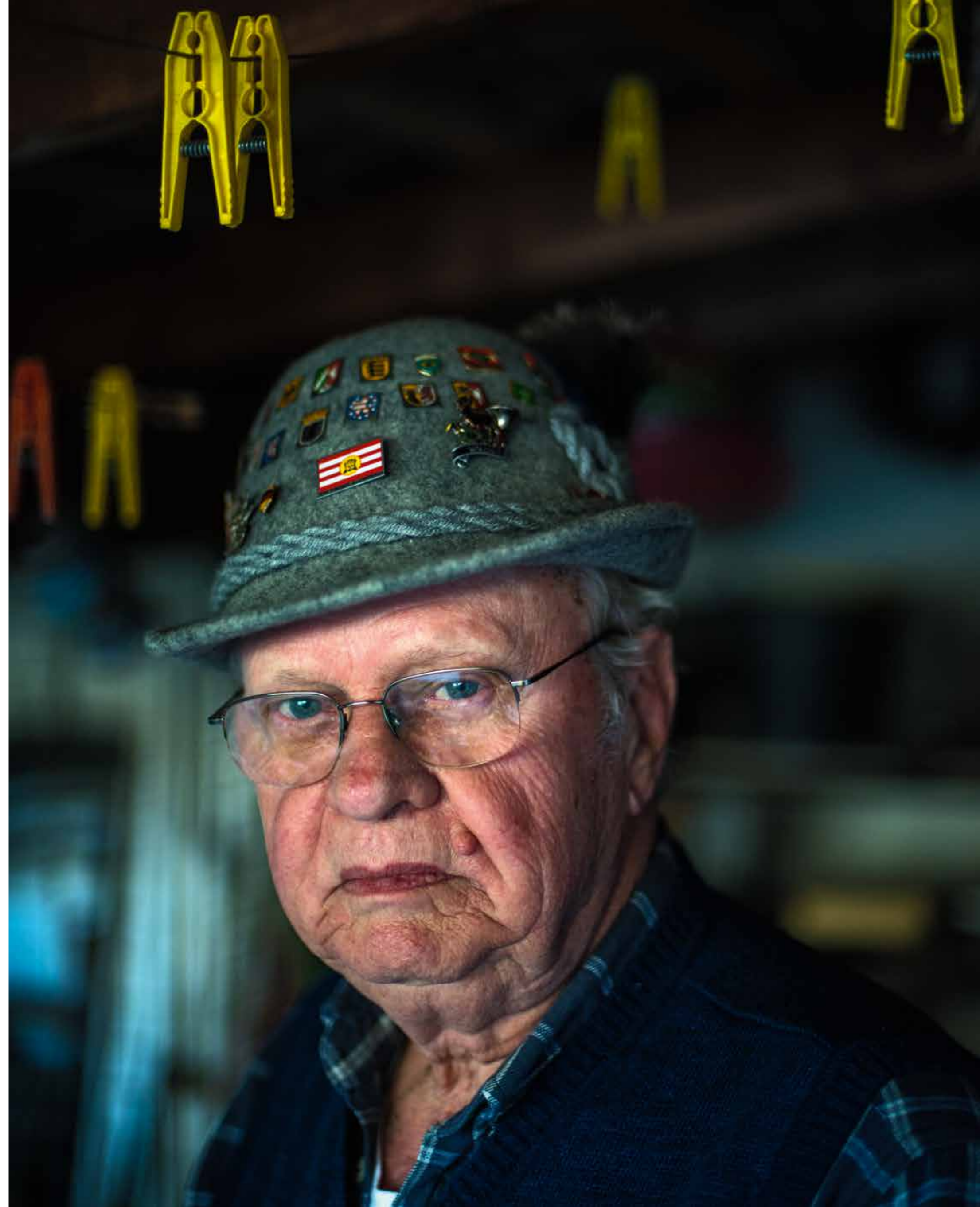
**MARCOS DAUER** tem dois amores na vida. Com o primeiro, Waltraud, casou-se aos 22 anos de idade. Na igreja, como se deve. Com o segundo casou-se um pouco mais tarde, em data indefinida, sem padre nem culto, "faz uns 40 anos". O primeiro amor deixou-lhe há uma década. O segundo, é ele que não deixa. Permanece inabalada a relação, ainda que mude de cor conforme as circunstâncias. A última obsessão é um 1978 azul-celeste, pintura original, mantido com tal zelo pelo último dono que até o estofado parece brilhar como novo. Marcos Dauer, neto de alemães, compra e vende Fuscas em Blumenau há mais de 20 anos, e este é seu mais valioso bem no momento. Claro que quer vendê-lo, mas sabe que é difícil. Um desses não sai por menos de 15 mil reais. Tanto que está há mais de dois anos na garagem, à espera de comprador. Enquanto este não aparece, Marcos – que nunca teve outro carro além do Fusca – aproveita para dar umas voltas com seu amor pela cidade. "Às vezes saio para tomar uma cervejinha", confessa. "Sabe que alemão gosta, né?"

**MARCOS DAUER** hat zwei Lieben im Leben. Die erste hat er, 22-jährig, geheiratet. In der Kirche, wie es sich gehört. Die zweite hat er etwas später, an unbestimmten Datum geheiratet, ohne Priester, ohne Zeremonie. "Um die vierzig Jahre her". Die erste Liebe hat ihn vor einem Jahrzehnt verlassen. Die zweite verlässt er nicht. Das Verhältnis verbleibt unerschütterlich, obwohl seine Farbe sich, je nach den Umständen, ändern kann. Der letzte Fimmel ist ein 1978, himmelblau, Originalanstrich, mit solcher Sorgfalt vom Vorbesitzer gepflegt, dass sogar die Polsterung wie neu zu glänzen scheint. Marcos Dauer, Enkel von Deutschen, kauft und verkauft Käfer in Blumenau und dies ist z.Z. sein wertvollstes Gut. Klar will er verkaufen, er weiß aber es ist schwer. Für so einen verlangt man nicht weniger als 15 Tausend Reais. Deshalb steht er auch schon seit zwei Jahren in der Garage und wartet auf einen Käufer. Solange der nicht erscheint, nutzt Marcos – der nie was anderes als Käfer besessen hat – die Gelegenheit um sein Liebling in die Stadt zu fahren. "Ich fahre manchmal ein Bier trinken" gibt er zu "Du weißt doch, daß Deutsche das mögen, gell?"



**CURT WALTER GROPP** entrará para a história da Oktoberfest como o homem que inventou o tirante para caneco de chope. Acessório utilíssimo, diga-se, sobretudo naqueles momentos da festa em que o estado alcoólico favorece a perda de tudo que não esteja preso ao corpo. Ele conta que a inspiração lhe veio antes mesmo de existir a Oktoberfest: foi nos bailes da cidade, onde era comum que as pessoas perdessem seus respectivos canecos toda vez que deixavam a mesa. Daí a ideia: uma tira, uma argola e estava inventado o tirante. O negócio cresceu com a festa e agora o senhor Gropp dedica-se a vender não apenas os tirantes, mas toda uma infinita variedade de suvenires temáticos. Fazem muito sucesso também os chapéus, que ele mesmo fabrica e enfeita com os penachos. Hoje as penas são compradas, mas durante anos foi possível ver o senhor Gropp em longos passeios pelo zoológico de Pomerode, em busca das plumas que repousavam, rejeitadas pelas aves, ao pé das gaiolas.

**CURT WALTER GROPP** wird in die Geschichte des Oktoberfests eingehen als der Erfinder des Riemens für den Bierkrug. Sehr nützliches Zubehör, vor allem in jenen Augenblicken des Fests in denen der alkoholische Zustand den Verlust von allem das nicht am Körper befestigt ist begünstigt. Er erzählt, dass ihm die Idee noch vor der Einführung des Oktoberfests kam: in den Bällen der Stadt, wo es gewöhnlich war, dass die Leute ihren Krug, jedes Mal wenn sie ihn auf einem Tisch absetzten, verloren. Daher die Idee: ein Riemen, ein Ring und der Krugriemen war erfunden. Das Geschäft wuchs mit dem Fest und jetzt kümmert sich Herr Gropp nicht nur um den Verkauf der Krugriemen sonder einer ganzen Reihe tematischer Souvenirs. Sehr erfolgreich sind auch die Hüte, die er selber herstellt und mit Federn verziert. Heute sind es gekaufte Federn, aber jahrelang konnte man Herrn Gropp in langen Spaziergängen in Pomerodes Zoo sehen, am Fuß der Vogelkäfigen auf Suche nach gefallen Federn.



**ODETE DA VEIGA BREHMER** é a feliz proprietária da casa enxaimel mais bonita de Indaial. Quem sabe de todo o Vale do Itajaí. Casa Duwe, a chamam, em alusão ao antigo dono. Quem quiser conhecê-la, que procure no fundo do vale, onde a casa se eleva para além dos arrozais, ao fim de uma estrada reta de chão batido que só termina quando o morro começa. Lá tem uma varanda em treliça debruçada sobre uma horta onde as flores brotam no meio dos legumes. Tem as paredes dos quartos pintadas em estêncil, com motivos florais. Tem também – dado importante – uma mansarda, extravagância arquitetônica que nem na Alemanha se imagina. E tem Odete, que ali mora há 43 anos, desde quando se casou com o filho do caseiro. O dono, ela conta, era um senhor que erguera a casa nos anos 30 para abrigar os nove filhos, mas que envelhecera solitário em meio aos arrozais. Antes de morrer, deixou a propriedade para a família do caseiro – da qual, morando na casa, restam Odete e o filho caçula. E ela sempre diligente, pronta a receber quem quer que chegue de visita. De estudantes que acampam na varanda de treliça a turistas alemães, atraídos pela intrigante mansarda.

**Odete da Veiga Brehmer** ist die glückliche Besitzerin des schönsten Fachwerkhäuses in Indaial, vielleicht des ganzen Itajaí-tals. "Casa Duwe", nennt man es in Anspielung auf den früheren Eigentümer. Wer es kennenlernen möchte, der suche tief im Tal wo sich das Haus über die Reisplantagen erhebt, am Ende einer Erdstraße die erst am Fuße des Hügels endet. Dort gibt es eine Veranda mit Rahmenwerk die an einen Gemüsegarten grenzt wo zwischen den Gemüsebeeten Blumen sprießen. Da sind die Zimmerwände mit Blumenmotiven geziert. Da ist auch – das ist wichtig – eine Mansarde, eine architektonische Extravaganz wie man sie sich nicht mal in Deutschland denken würde. Und es gibt Odete, die dort seit 43 Jahren lebt, seit sie den Sohn des Hausverwalters geheiratet hat. Der Eigentümer, erzählt sie, hat das Haus in den 30er Jahren erbaut um seine 9 Kinder aufzunehmen, ist aber schliesslich einsam zwischen den Reisplantagen gealtert. Vor dem Tod hat er das Gut der Familie des Verwalters - von der nur noch Odete und ihr jüngster Sohn im Haus wohnen - vermacht. Sie ist immer eifrig, bereit jeglichen Besucher zu empfangen, von den Studenten die auf der Veranda lagern zum deutschen Touristen, der von der intriganten Mansadrede gelockt wird.





**NILO VOLKMANN** tem 18 carroças na garagem. A mais antiga é de 1887, herdada do bisavô, tão velha que quase nem fica em pé. Diferente da carruagem que seu pai, imigrante pomerano, mandou trazer da Alemanha em 1943, hoje reformada e a serviço de passeios e traslados por toda Pomerode. Nilo esclarece que se trata de um carro de mola, veículo dotado de um engenhoso sistema de amortecimento que, no passado, tornava as viagens mais macias. Era muito útil no tempo das estradas de chão, quando o pai de Nilo percorria o Vale do Itajaí carregando as pessoas até onde quer que precisassem chegar – igrejas, maternidades, mercados ou hospitais. Essa e outras carroças perderam serventia, mas sobreviveram na garagem de Nilo. Até que ele decidisse devolver-lhes a vida, ainda que restrita a trajetos turísticos e ocasiões especiais. Casamentos, sobretudo. Desfiles também. Como o do último 7 de Setembro, onde uma carroça cinquentenária de seu pai voltou às ruas inteiramente reformada. Nilo botou até caixa de som na traseira, acoplada a um toca-fitas automotivo, de onde soaram canções alemãs. Sobre o repertório, explica: "Aqui é obrigado. Não pode tocar música internacional".

**NILO VOLKMANN** hat achtzehn Zugwagen in der Garage stehen. Der älteste ist von 1887, vom Urgroßvater geerbt, so alt, daß er kaum noch stehen bleibt. Andres die Kutsche die sein Vater, Einwanderer aus Pommern, 1943 hat aus Deutschland kommen lassen. Renoviert ist sie in ganz Pomerode für Überführungen und Spazierfahrten im Einsatz. Nilo erklärt es sei ein gefederter Wagen, dessen ausgeklügetes Federungssystem die Fahrten sanfter macht. Das war sehr nützlich zur Zeit der Erdstraßen, als Nilos Vater Leute dem Itajaí-Tal entlang dorthin wo sie hinmussten fuhr – Kirchen, Krankenhäuser, Märkte. Dieser und andere Wagen haben ihren Zweck verloren, überlebten in Nilos Garage, bis er sich entschließ ihnen neues Leben, wenn auch nur auf touristische Strecken und besondere Ereignisse beschränkt, einzuhauchen. Insbesondere Hochzeiten. Umzüge auch, wie der nächste 7.-September –Umzug bei dem ein 50-jähriger Wagen seines Vaters vollrenoviert wieder auf die Straßen kommt. Er hat sogar Lautsprecher im Hinterteil eingebaut über die ein Autoradio deutsche Lieder spielen wird. Über das Reperoire sagt er: "Hier ist das ein Muss. Da kann man keine internationale Musik spielen."



**SIDO STRIBEL** é um funcionário dedicado. Todo dia bate o ponto no museu da Hering, em Blumenau, onde apresenta, com evidente entusiasmo, o mecanismo de um tear circular francês de 1890 a uma plateia de crianças. Elas não sabem, mas Sido Stribel é o funcionário mais antigo da companhia. Começou aos 14, como mecânico têxtil, aposentou-se aos 55 e ainda continuou trabalhando para a tecelagem por mais 20 anos, fabricando malhas em casa. Quando o museu abriu, virou funcionário de novo. E tornou-se, por assim dizer, ele próprio uma peça em exposição. Na soma, são 65 anos dedicados às camisetas. E dois orgulhos no currículo. Um é ter ajudado a construir 158 teares industriais para a Hering, num tempo em que ninguém fabricava essas máquinas no Brasil. Outro é o tear de 1902 que ele resgatou de uma caçamba a caminho do ferro-velho, restaurou e botou de novo para funcionar. É o clímax da visita escolar ao museu. O momento em que as crianças fazem fila e, uma a uma, giram a manivela que transforma o algodão em malha. Elas adoram. E Sido também.

**Sido Stribel** ist ein ergebener Angestellter. Täglich stempelt er seine Karte im Hering-Museum, in Blumenau, wo er klar begeistert einem Publikum von Kindern den Mechanismus einer französischen Rundwebmaschine des Jahres 1890 vorführt. Sie wissen es nicht, aber Sido Stribel ist der älteste Angestellte der Firma. Er hat 14-jährig als Mechaniker angefangen und wurde 55-jährig pensioniert. Danach fertigte er noch 20 Jahre, von zuhause aus, Kleidungsstücke für die Firma. Als das Museum eröffnet wurde, wurde er wieder eingestellt und wurde selbst, sozusagen ein Ausstellungsstück. Zusammengelegt hat er den T-Shirts 65 Jahre gewidmet. Er hat zwei Stolzpunkte in seinem Lebenslauf: der eine ist beim Bau 158 industrieller Webstühle beigetragen zu haben, in einer Zeit in der niemand solche Maschinen in Brasilien herstellte. Der andere ist ein Webstuhl von 1902, den er vor dem Schrotthändler gerettet, restauriert und wieder funktionstüchtig gemacht hat. Dieser ist der Höhepunkt des Schulbesuches im Museum. Der Moment in dem die Kinder Schlange stehen um, nacheinander, die Kurbel zu drehen und Baumwolle in Tuch zu verwandeln. Sie lieben es. Und Sido ebenfalls.



– **GUTEN TAAAG!** – saúdam em coro, esticando as sílabas, as cerca de 20 crianças que enchem a sala do terceiro ano na Escola Básica Municipal Olavo Bilac, em Pomerode.

– Quem aqui fala alemão em casa? – metade da sala levanta a mão.

– Quem aqui aprendeu português na escola? – meia dúzia de dedos permanece suspensa no ar.

Cerca de 16 mil pomerodenses – dois terços da população – ainda se comunicam em alemão e dialetos germânicos, como o *platt*. Crianças inclusive, mesmo as de quarta ou quinta geração de imigrantes. E algumas começam sua vida escolar sem falar uma só palavra de português. Por causa delas foi que, em 2008, a prefeitura decidiu testar o ensino bilíngue nas escolas da cidade, começando por esta no bairro de Testo Central, na estrada para Blumenau. Metade das aulas, agora, é dada em língua alemã. E isso desde o primeiro ano, quando as crianças são alfabetizadas ao mesmo tempo nos dois idiomas. Quanto às que chegam falando alemão, o professor Endrigo Knetsch não vê fronteira: “Elas aprendem rapidinho. Em um mês já estão falando português”.

– **Guten Taaag!** – silbendehnend, grüßt der Chor der ca. zwanzig Kinder die das Klassenzimmer der zweiten Klasse der Schule “ Escola Básica Municipal Olavo Bilac” em Pomerode füllen.

– Wer von euch redet Deutsch zuhause? – Die halbe Klasse hebt die Hand.

– Wer von euch hat Portugiesisch in der Schule gelernt? – Ein halbes Dutzend Finger verbleibt in der Luft.

Etwa 16 Tausend Pomeroder – zwei Drittel der Bevölkerung – kommuniziert noch auf Deutsch oder einem der Dialekten, wie Plattdeutsch. Einschließlich Kinder, selbst die der vierten oder fünften Einwanderungsgeneration. Einige beginnen ihr Schulleben ohne eine einzige Silbe Portugiesisch zu sprechen. Ihretwegen hat die Stadtverwaltung beschlossen zweisprachigen Unterricht zu testen. Es begann in dieser Schule im Stadtteil Testo Central, an der Straße die nach Blumenau führt. Die Hälfte der Unterrichtsstunden wird jetzt auf Deutsch erteilt. Und das vom ersten Schuljahr an, in dem die Kinder in beiden Sprachen alphabetisiert werden. Für die Kindern die nur deutschsprachig ankommen sieht der Lehrer Endrigo Knetsch kein Hindernis: “Sie lernen ganz schnell. In einem Monat sprechen sie schon Portugiesisch.”



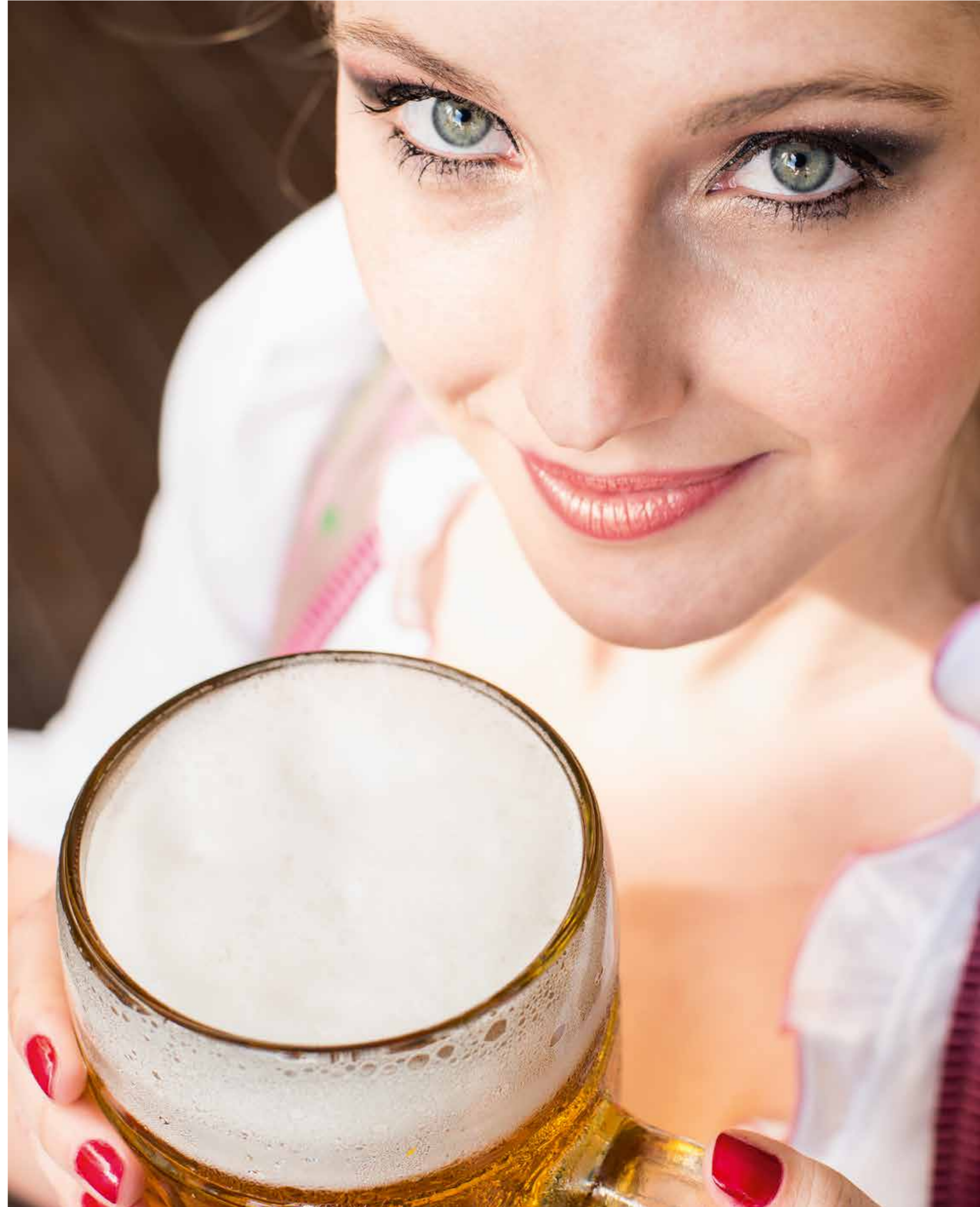
**CAIO VON SCHMÄDEL CUNHA** ainda não foi à Alemanha, mas já sabe que lá tem muitos castelos. Neve também. E gente com nomes compridos e complicados como o do avô materno, Maximilian Josef Hurbert Friedrich Maria Wirnto Ritter und Edler von Schmädel, bávaro de nobre linhagem chegado ao Brasil no ano de 1960. Tudo o que Caio sabe da Alemanha foi o avô quem contou. Inclusive sobre a casa da bisavó, bombardeada na guerra, que, pela descrição, também lhe soou como um castelo. Caio ainda não fala alemão, mas já canta, na escola germânica, canções que parecem falar de reis, príncipes e nobres. Logo ele entenderá tudo o que dizem aquelas canções. Também saberá pronunciar o nome inteiro do avô. E quem sabe vá à Alemanha, onde descobrirá, por fim, que a terra dos ancestrais contém muito mais que os castelos da sua imaginação.

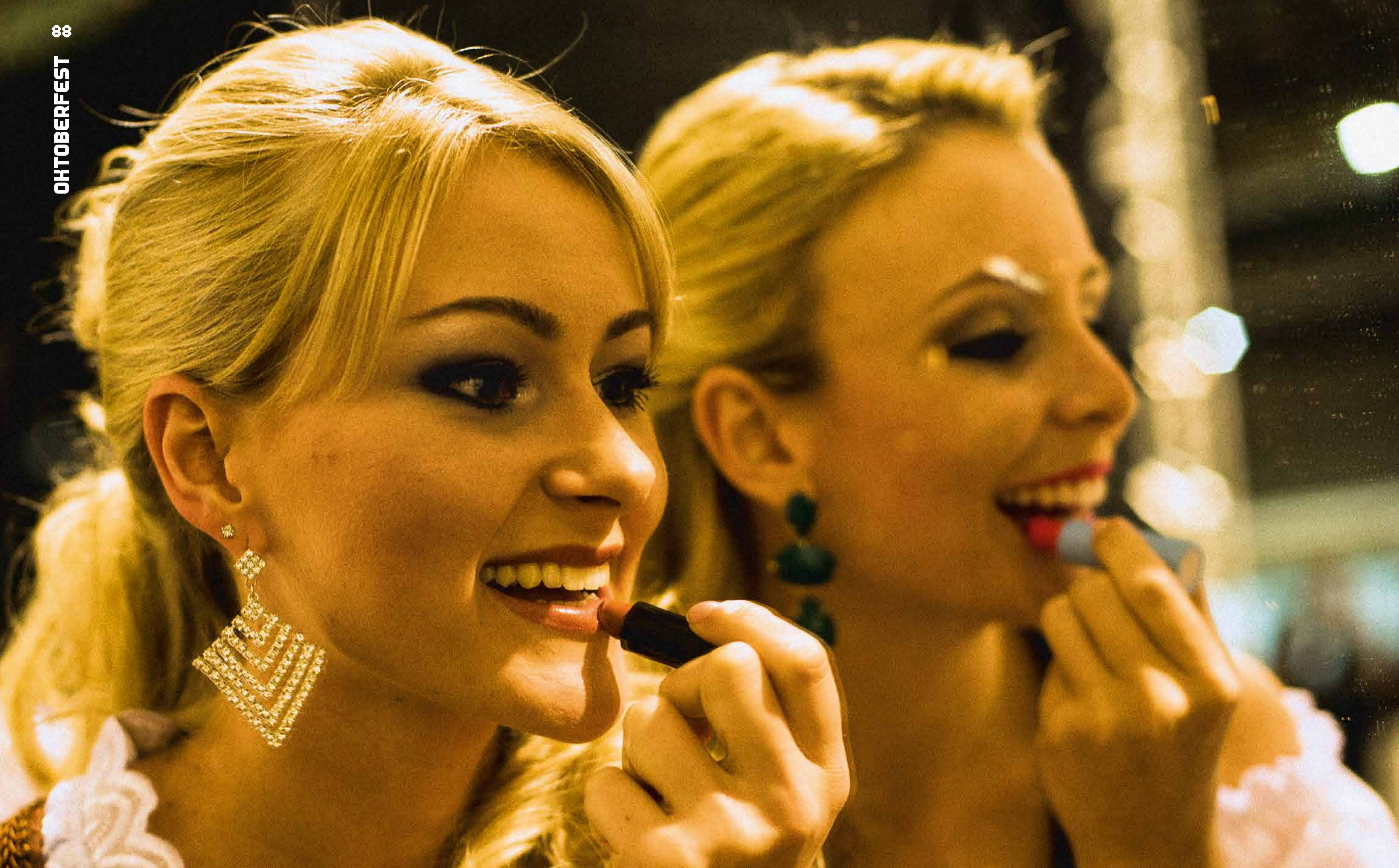
**caio von schmädel cunha** war noch nie in Deutschland, weiß aber, dass es dort viele Schlösser gibt. Und Schnee. Und Leute mit langen Namen wie sein Großvater mütterlichseits Maximilian Josef Hubert Friedrich Maria Wirnto Ritter und Edler von Schmädel, Bayer edler Herkunft der in Brasilien 1960 ankam. Alles was Caio über Deutschland weiß hat ihm der Großvater erzählt. Auch über das Haus der Urgroßvaters, im Krieg zerbombt, das ihm in der Beschreibung wie ein Schloss erschien. Caio spricht noch kein Deutsch aber er singt schon in der deutschen Schule Lieder die von Königen, Prinzen und Adligen zu berichten scheinen. Bald wird er alles verstehen was diese Lieder erzählen. Er wird auch den ganzen Namen des Großvaters aussprechen können. Und wer weiß, vielleicht geht er nach Deutschland um zu entdecken, dass das Land der Ahnen viel mehr hat als die Schlösser seiner Phantasie.



**O PRÍNCIPE LUDWIG DA BAVIERA**, no dia do seu casamento, fez questão de convidar toda Munique para a festa. Foi em 12 de outubro de 1810. Não houve cerveja, mas houve corrida de cavalos. E o povo adorou. No ano seguinte, nova farra se organizou, assim como nos anos subsequentes. Até que, por fim, a cerveja entrasse definitivamente no cardápio (a partir de 1818) e a Oktoberfest se consagrasse a maior festa da Alemanha. Em 1984, Blumenau criou a sua. Não houve casamento, mas houve enchente, uma das piores já registradas. E foi para levantar o ânimo da população que a prefeitura, naquele ano, fez sua própria versão da festa de Munique. Deu certo: todo ano, uma enxurrada de tiaras floridas e chapéus de feltro invade os pavilhões da Vila Germânica com o claro objetivo de encher o caneco de cerveja – devidamente atado ao corpo por meio de uma cinta, para evitar a perda. Há também desfiles de carros alegóricos, shows de danças folclóricas, concursos de tiro ao alvo e menus onde figuram hambúrgueres de marreco e codornas recheadas. Mas a maioria vem mesmo pela cerveja. Só na edição de 2012 beberam-se 600 mil litros.

**PRINZ LUDWIG VON BAYERN** bestand am Tag seiner Hochzeit darauf ganz München zur Feier zu laden. Es war am 12. Oktober 1810. Es gab kein Bier, dafür aber Pferderennen. Und die Bevölkerung hat es geliebt. Im nächsten Jahr wurde eine neue Feier organisiert, wie auch in den darauffolgenden Jahren. Bis schließlich Bier endgültig (ab 1818) in die Speisekarte aufgenommen wurde und das Oktoberfest zum größten Fest Deutschlands wurde. 1984 begann Blumenau mit dem eigenen Oktoberfest. Es gab nicht eine Hochzeit, sondern eine Überschwemmung, eine der schlimmsten überhaupt. Um die Moral der Bevölkerung zu heben, organisierte die Stadtverwaltung in jenem Jahr ihre eigene Version des münchener Festes. Es hat gewirkt: jährlich dringen Ströme von geblühten Kränzen und Filzhüten in die Hallen der Vila Germana mit dem klaren Ziel den Krug – gehörig durch einen Gurt gegen Verlust gesichert – mit Bier zu füllen. Es gibt auch Wagenumzüge, Vorführung von Volkstänzen, Schießwettbewerbe und Menüs mit Entenhamburger und gefüllten Wachteln. Aber die meisten kommen wegen dem Bier. Es wurden, nur in 2012, 600 Tausend Liter getrunken.









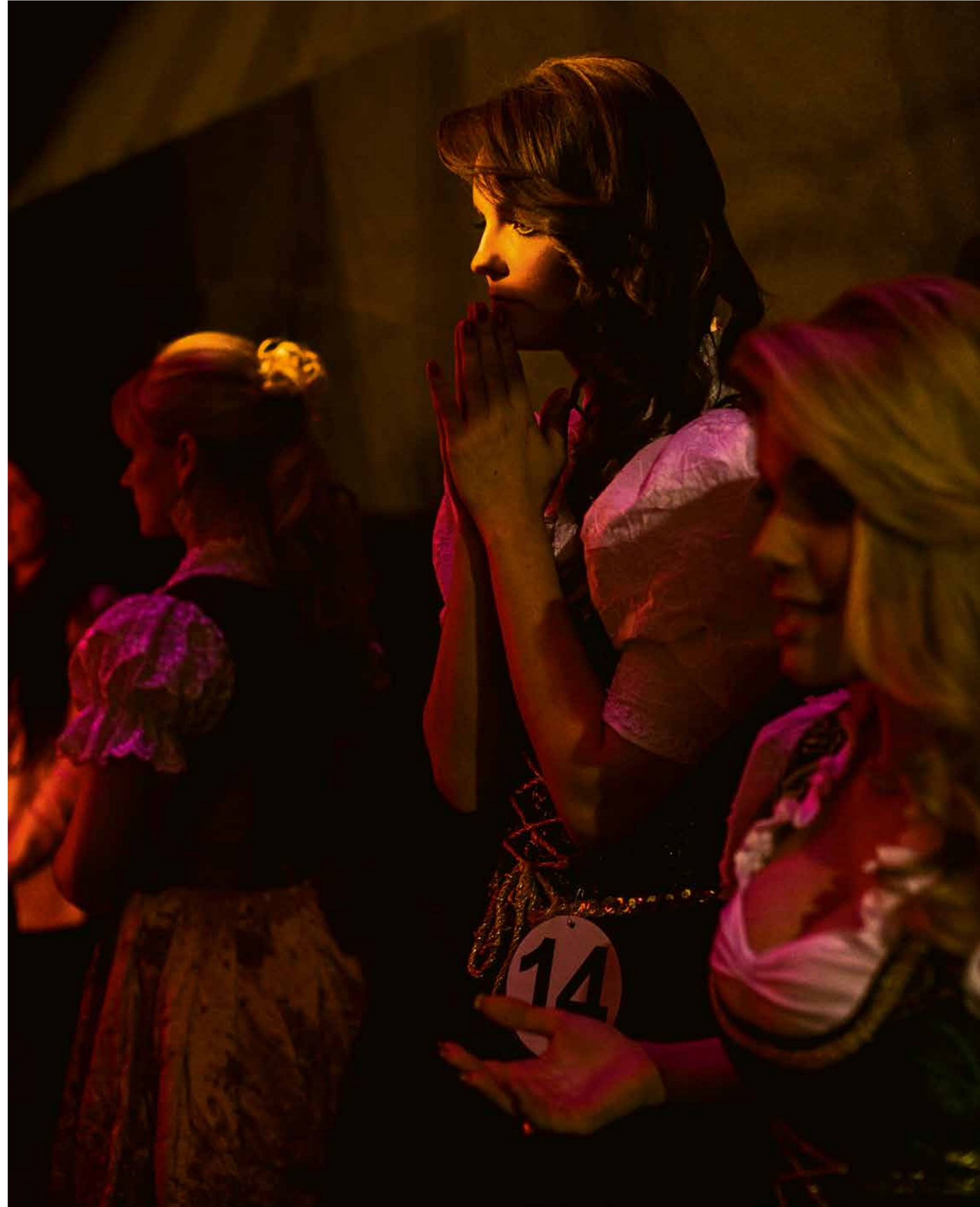






**ELKA CHRISTINA** é a única ruiva num mar de loiras. Precisamente 25, todas invariavelmente tensas, cada uma à sua maneira: há as que rezam, as que andam em círculos e as que recitam o discurso para si mesmas, na frente do espelho. Elka está nervosa também, mas parece segura. É uma das raras candidatas à rainha da Oktoberfest de 2013 que não tingiram seus cachos de loiro. "Resolvi assumir." Manobra ousada, embora legítima: pelas regras do concurso, carisma, eloquência e elegância são critérios bem mais decisivos do que a cor dos cabelos. Afinal, a função de uma rainha da Oktoberfest – e suas princesas consortes – não é outra senão promover o evento nas feiras do país. Quem conquistar o posto há de passar um ano circulando de coroa na cabeça, anágua no torso e sorriso no rosto para atrair os futuros turistas. Trabalho fácil não é, mas mobiliza dezenas de meninas, ansiosas por viver seu ano de realeza. Nem mesmo o concurso de Miss Blumenau atrai tantas candidatas. Em tempo: Elka não foi classificada. E jura que não foi por causa do cabelo.

**ELKA CHRISTINA** ist die einzige rothaarige in einem Meer von Blondinen. Genau 25, alle unweigerlich angespannt, jede auf ihre Art: einige beten, einige laufen im Kreis und andere rezitieren ihre Reden vor dem Spiegel. Elka ist auch nervös, aber sie wirkt sicher. Sie ist eine der wenigen Kandidatinnen für Königin des Oktoberfests 2013 die nicht ihre Locken blondiert haben. "Ich habe beschlossen mich so zu nehmen wie ich bin". Ein gewagtes, aber legitimes Manöver: laut Regeln sind Charisma, Beredsamkeit und Eleganz viel entscheidender als Haarfarbe. Schließlich ist die Aufgabe der Oktoberfestkönigin – und der Prinzessinnen – keine andere als landweit für die Veranstaltungen des Oktoberfests zu werben. Wer die Stelle gewinnt wird ein Jahr lang, die Krone auf dem Haupt, Lächeln im Gesicht umherwandeln um künftige Touristen anzulocken. Keine einfache Arbeit, aber sie mobilisiert Dutzende von Mädchen die auf ein Jahr Königswürde brennen. Noch rechtzeitig: Elka hat's nicht geschafft, aber sie schwört darauf: es war nicht wegen des Haars.





**MARIA ODETE CUGIK** nunca foi à Alemanha, mas ressalta que já esteve algumas vezes na Serra Gaúcha – o que, dependendo do lugar, é quase como ir à Baviera. Ela também não fala alemão. E nem deveria: de solteira, é Pereira; do marido, tomou o sobrenome polonês. Contudo, Odete é a maior especialista em trajes típicos alemães de Blumenau. Na Oktoberfest, quase tudo que se veste e lembra os Alpes saiu de suas mãos. Inclusive o vestido das rainhas e princesas, de quem é costureira oficial há 20 anos. Quem vê, logo nota o estilo arrojado de Odete, cheio de brilhos e bordados que na Alemanha nem se concebem. Ela se justifica dizendo que rainha da Oktoberfest é coisa que só existe no Brasil. “É como no Carnaval: não tem a rainha da bateria?”

**Maria Odete Cugik** ist nie in Deutschland gewesen, unterstreicht aber, dass sie schon einigen Male die Serra Gaúcha besucht hat – was, je nach Ort, fast so ist wie Bayern zu besuchen. Sie redet auch kein Deutsch. Anlass hätte sie auch keinen: sie ist geborene Pereira; vom Ehemann hat sie den polnischen Nachnamen. Trotzdem ist sie Blumenaus grösste Spezialistin in typisch deutschen Trachten. Im Oktoberfest ist fast jede Kleidung die an die Alpen erinnert ihr Werk, einschließlich der Trachten der Königinnen und Prinzessinnen, deren offizielle Schneiderin sie seit zwanzig Jahren ist. Dem Beobachter fallen sofort Odetes gewagter Stil, voller Glanz und Stickereien, wie man sie sich in Deutschland niemals vorstellen würden, auf. Sie rechtfertigt es damit, dass es eine Oktoberfestkönigin nur in Brasilien gibt. “Das ist wie Karneval: gibt es nicht die Königin der Samba-schule?”







**CASAS ENXAIMEL**, para os primeiros colonos alemães, eram, acima de tudo, práticas. Bastava-lhes uma mata com boas madeiras, barro para os tijolos e disposição para reinventar a vida nos trópicos. Tudo isso tinham de sobra. Nem de pregos precisavam, pois as ripas em treliça que estruturam esse tipo de construção conectam-se apenas por meio de encaixes e pinos de madeira. Todo o resto vinha alojado na memória dos colonos, transmitido ao longo das gerações desde quando nem existia a Alemanha. Estima-se em mil anos a idade da técnica enxaimel – dado confirmado pelos algarismos romanos e pelos símbolos enigmáticos, semelhantes às runas, que aparecem entalhados nas ripas, ambos indicando a sequência da montagem. No Brasil, manteve-se a mesmíssima técnica, tal como trazida da Alemanha. Foi só questão de trocar as madeiras originais – carvalho ou pinheiro – pelas nativas – cedro ou canela-preta. Durante mais de um século foram casas baratas, simples de montar e, sobretudo, de extraordinária resistência às intempéries. Tanto que muitas resistem até hoje, em particular na zona rural de Pomerode, onde se espalham cerca de 240 construções desse tipo. É o maior patrimônio enxaimel fora da Alemanha.

**FACHWERKHÄUSER** waren für die ersten deutschen Siedler vor allem praktisch. Sie brauchten nichts mehr als einen Wald mit gutem Holz, Lehm für die Backsteine und Arbeitslust um sich in den Tropen ein neues Leben zu schaffen. All dies hatten sie zum Überfluss. Nicht mal Nägel brauchten sie, denn bei dieser Bauart verbinden sich die Latten durch Einfügungen und Holzstiften. Alles sonstige hatten die Siedler im Gedächtnis, über Generationen vermittelt seit der Zeit in der es noch kein Deutschland gab. Die Fachwerkbautechnik gilt als tausendjährig – bestätigt durch römische Zahlen und rätselhafte runenähnliche Symbole die in die Latten geritzt sind und die Reihenfolge des Aufbaus anzeigen. In Brasilien wurde die Bautechnik, genau wie aus Deutschland gekommen, erhalten. Es war nur eine Frage des Austauschs der Bauholzarten – an Stelle von Eiche oder Nadelhölzern, die einheimischen Cedro oder Canela-Preta. Über ein Jahrhundert lang waren sie billige, leicht zu bauende und, vor allem, extrem wetterbeständige Häuser. Deshalb stehen viele heute noch, insbesondere in ländlichen Bezirken von Pomerode, wo ca 240 solcher Bauten verstreut sind. Es ist die größte Ansammlung Fachwerkhäuser außerhalb Deutschlands.



**PAULO VOLLES** constrói casas como quem monta quebra-cabeças. Viga por viga, encaixe perfeito, sem um prego sequer. Tal como faziam os primeiros colonos de Blumenau, entre os quais seu trisavô, chegado da Renânia no ano de 1864. Paulo Volles é um *Zimmermann*. Um carpinteiro de casas enxaimel. Ao que consta, o único do Brasil. Aprendeu sem professor, frequentando moradias em ruínas, para depois arrematar os últimos ensinamentos com dois alemães em visita ao Brasil. Com eles desvendou o que faltava: as medidas exatas, os segredos do ofício, a exigência do uniforme. Chapéu de feltro, roupa preta – a cor dos carpinteiros na Alemanha. Conheceu também os rituais, antiquíssimos, que protegem e celebram a construção. Desde então, Paulo não levanta casa alguma sem fazer o *Bauopfer*, o rito de sacrifício. No passado era um animal, hoje é uma moeda que se põe entre o alicerce e o baldrame, acompanhada de oração e marretadas, para abençoar a moradia. Feita a cerimônia, basta um dia apenas para que Paulo, com a ajuda da família, erga a estrutura em treliça que depois receberá o preenchimento de tijolos. Construções enxaimel são, acima de tudo, práticas. Caso seja preciso, serão desmontadas com a mesma agilidade com que foram postas de pé. Era muito comum no passado: mudava-se de endereço com a casa junto. Hoje, quem quiser fazê-lo, basta falar com Paulo Volles. "Nós já mudamos uma casa inteira de lugar, a uma distância de 250 quilômetros, entre Blumenau e Urubici."

**PAULO VOLLES** baut Häuser wie jemand der Puzzles legt. Balken für Balken, perfekte Einfügung, ohne einen einzigen Nagel. So wie die ersten Siedler Blumenaus, unter ihnen sein Ururgroßvater der 1864 aus dem Rheinland kam. Paulo Volles ist Zimmermann, ein Fachwerkzimmermann. Angeblich der einzige in Brasilien. Er hat sein Handwerk ohne Meister erlernt, durch die Untersuchung von Häuserruinen. Die Kenntnis wurde dann von zwei besuchenden Deutschen abgerundet. Mit ihnen entwickelte er was fehlte: die genauen Maße, die Handwerksgeheimnisse, die Uniformforderung. Filzhut, schwarze Kleidung – die Farbe der Zimmermänner in Deutschland. Er lernte auch Rituale kennen, sehr alte Rituale, zum Schutz und Feiern des Hauses. Seitdem baut er kein Haus mehr ohne das Bauopfer. Früher war es ein Tier, heute ist es eine Münze die, unter Gebeten und Vorschlaghammerhieben, zum Segen des Hauses im Unterbau gelassen wird. Nach dem Ritual reicht ein Tag dafür, daß Paulo mit Hilfe der Familie die Struktur errichtet und sie mit Backsteinen ausfüllt. Fachwerkbauten sind vor allem praktisch. Notfalls können sie genau so schnell abgebaut werden wie sie errichtet wurden. Das war früher sehr gewöhnlich: beim Umzug nahm man das Haus mit. Wer es heute machen will braucht nur Paulo aufzusuchen. "Wir haben schon ein ganzes Haus umgesiedelt, 250 km Abstand, vom Blumenau nach Urubici."







“O projeto é grandioso e relevante para a Alemanha e os alemães, por isso continuarei até onde puder enquanto houver esperança de sucesso”

HERMANN BRUNO OTTO BLUMENAU,  
1848

“DAS PROJEKT IST  
GROßARTIG UND  
FÜR DEUTSCHLAND  
UND DIE DEUTSCHEN  
BEDEUTSAM,  
DESHALB WERDE  
ICH FORTFAHREN  
SOLANGE ICH  
VERMAS UND  
HOFFNUNG AUF  
ERFOLG BESTEHT”

**OSCAR TROPLOWITZ**, farmacêutico da Silésia, criou o produto. Isaac Lifschütz, químico bielorusso, trouxe a matéria-prima – um agente emoliente derivado da lã de ovelha. E Paul Gerson Unna, dermatologista hamburguês, fez os testes. Em 1911, veio ao mundo o primeiro creme hidratante da história. E por ser branco, chamaram-no Nivea – “como a neve”, em latim. A lata, porém, nasceu amarela. E art nouveau, cheia de motivos florais, bem ao gosto da época. Foi assim que o creme Nivea chegou ao Brasil, em 1914, inicialmente importado da fábrica em Hamburgo. A embalagem azul seria criada apenas em 1925, já sob a influência da Bauhaus: austera, minimalista, equilibrada. E assim permanece até hoje: a mesma lata, a mesma cor, em mais de 150 países. As peles do mundo agradecem.

**OSCAR TROPLOWITZ**, schlesischer Apotheker schuf das Produkt. Isaac Lifschütz, weißrussischer Chemiker, besorgte den Rohstoff – ein von Schafswolle gewonnener Wirkstoff. Und Paul Gerson Unna, hamburger Hautarzt führte die Tests durch. 1911 erschien die erste Feuchtigkeitspflegecreme der Welt. Wegen seiner weissen Farbe, wurde sie Nivea – “wie Schnee”, auf Latein, getauft. Die Dose war aber zunächst gelb. Und Art-Nouveau, voller Blumenmotiven, ganz nach dem damaligen Geschmack. So ist Niveacreme 1914 auch nach Brasilien gekommen, zunächst von der Fabrik in Hamburg importiert. Die blaue Packung würde erst 1925, schon unter Bauhaus-Einfluss erscheinen: nüchtern, minimalistisch, ausgewogen. Und so verbleibt sie auch heute noch: die selbe Dose, die selbe Farbe in über 150 Ländern. Weltweit danken die Häute.



pele limpa  
jovem  
bela  
com Nivea  
diariamente



**SIEGFRIED ADLER** vendia tampinhas de garrafa para as Lojas Americanas quando soube de uma certa fábrica de bonecas no Brás, propriedade de um italiano, a ponto de falir. Alemão recém-chegado a São Paulo, fugindo do nazismo, sua alma de negociante enxergou ali a oportunidade de ouro para se expandir. Em 1937, a Manufatura de Brinquedos Estrella – com dois eles, na época – passou à sua mão por 11 contos de réis. E Siegfried Adler já começou inovando: lançou, no mesmo ano, a primeira boneca fabricada em série no país, com corpo de tecido e cabeça de massa – uma mistura de serragem e goma arábica. Convém lembrar que, naquele momento, a indústria de brinquedos praticamente não existia no Brasil. Apenas oficinas onde se produziam, de modo artesanal, bonecas de pano e carrinhos de madeira. Mais do que isso, só os brinquedos importados da Europa, exclusividade das crianças ricas. Com a Estrella, deu-se início à era da diversão democrática. Até hoje, mais de 25 mil brinquedos diferentes da marca já passaram pelas mãos das crianças brasileiras. Entre eles, clássicos absolutos como o Autorama, o Genius, a boneca Susi (para as meninas), o boneco Falcon (para os meninos) e o Banco Imobiliário.

**Siegfried Adler** verkaufte Flaschendeckel an "Lojas Americanas" als er von einer gewissen Puppenfabrik in Brás hörte, Eigentum eines Italieners, die kurz vor dem Bankrott stand. Neulich als Flüchtling vor dem Nazi-Regime angekommener Deutscher, erblickte sein Unternehmergeist dort eine goldene Wachstumsgelegenheit. 1937 übernahm er für elf "Contos-de-réis" die Manufatura de Brinquedos Estrella – damals mit doppeltem "L". Siegfried Adler führte schon vom Anfang an Neuerungen ein: noch im selben Jahr brachte er die erste serienmäßig produzierte Puppe Brasiliens auf den Markt, mit Körper aus Stoff und dem Kopf auf Sägemehl und Arabinsäure gefertigt. Es ist zu bedenken, dass damals Stoffpuppen und Holzautos nur handwerkshaftlich gefertigt wurden. Darüber hinaus gab es nur aus Europa importierte Spielzeuge, nur für reiche Kinder denkbar. Mit der "Estrella" begann die Demokratisierung des Spielens. Bisher haben schon über 25 Tausend verschiedene Spielzeuge der Marke die Kinder erreicht. Darunter einige absolute Klassiker wie Autorama, Genius, die Puppen Susi (für Mädchen) und Falcon (für Jungen) und Banco Imobiliário (Monopoly).



**HERMANN HERING**, filho e neto de tecelões da Saxônia, desembarcou em Blumenau no ano de 1878, decidido a continuar a tradição da família em terras brasileiras. A Gebrüder Hering, tecelagem que mantinha com o irmão Bruno, não ia lá muito bem. E os trópicos pareciam um bom lugar para uma segunda chance. Dois anos depois, Hermann já mandava trazer o irmão, a esposa e os sete filhos. Era a Gebrüder Hering que renascia do outro lado do mundo, numa pequena casa da Rua da Salsicha equipada com um tear comprado de um alemão em passagem pela zona. No começo, faziam-se camisetas, meias e ceroulas. Mas já com certo arrojo: as primeiras camisetas traziam um reforço de algodão no peito, para proteger os colonos do frio meridional. O negócio cresceu rápido, e em 1897 a fábrica estava instalada no vale do Bom Retiro, a salvo das enchentes do Itajaí-Açu. Dali as camisetas espalharam-se pelo Brasil e pelo mundo, até atingir a marca de 5 bilhões de unidades vendidas em 1997. Um caminho sem volta: o velho sobrenome saxão já era sinônimo de camiseta no país.

**HERMANN HERING**, Sohn und Ekel sächsischer Weber, ist 1878 in Blumenau angekommen, entschlossen die Familientradition in Brasilien fortzusetzen. Der Gebrüder Hering Weberei, die er mit seinem Bruder Bruno besaß ging es nicht sonderlich gut und die Tropen schienen ein guter Ort für eine zweite Chance. Zwei Jahre später ließ er den Bruder, die Frau und die sieben Kinder nachkommen. Die Gebrüder Hering entstand neu, auf der anderen Seite der Welt, in einem kleinen Haus auf der Rua da Salsicha (die Wurststraße), ausgerüstet mit einem Webstuhl der einem passierenden Deutschen abgekauft worden war. Zunächst wurden Unterhemde, Strümpfe und lange Unterhosen gemacht, aber schon mit gewissen Wagemut: die ersten Unterhemde hatten schon eine frontale Verstärkung, zum Schutz vor der südlichen Kälte. Das Geschäft wuchs schnell und 1897 ließ sich die Fabrik im Bom-Retiro-Tal nieder, geschützt vor den Überflutungen des Itajaí-Açus. Von dort verbreiteten sich die T-shirts nach ganz Brasilien und die Welt, bis 1997 die Anzahl von 5 Milliarden verkaufter Einheiten erreicht wurde. Ein Weg ohne Rückkehr: der alte sächsische Nachname war schon Synonym von T-Shirt im ganzen Land.

para a mamãe e para as meninas

Festival de artigos de malha

Pyjamas, camisetas, camisolas, combinações etc., etc., etc. Compre agora tudo o que a família precisa! Em matéria de malhas é tradicional e indiscutível: Hering sempre apresenta o melhor! Beleza, durabilidade e resistência — Hering é o primeiro nome.

a mamãe conhece  
**MALHAS HERING**  
a marca dos dois peixinhos



**KASPAR FABER**, marceneiro de Stein, vila próxima a Nuremberg, começou a fabricar lápis antes mesmo que as primeiras caldeiras da Revolução Industrial fossem acesas. Antes até que a Alemanha existisse – na época, aquele pedaço da Europa era ainda um imenso retalho de reinos, condados, ducados e cidades imperiais agrupados sob o nome de Sacro Império Romano-Germânico. Isso aconteceu em 1761, o que coloca os lápis da Faber-Castell entre os mais antigos do mundo. Ao Brasil eles chegaram na década de 1930, e rapidamente ajudaram a tornar nossa vida escolar mais colorida. Hoje a fábrica de São Carlos, no interior de São Paulo, é a maior produtora de lápis do mundo. São 2 bilhões de unidades por ano. Ou seja, quase toda a produção mundial de lápis da Faber-Castell é feita aqui. E daqui sai para mais de 70 países. É tanta madeira que a empresa mantém, em Minas Gerais, uma floresta inteira destinada aos lápis. Fosse durante a Revolução Industrial, os 15 milhões de pinheiros ali plantados teriam como fim certo as caldeiras. Hoje se prestam ao ensino e à arte.

**HASPAR FABER**, Schreiner aus Stein, eine Kleinstadt in der Nähe von Nürnberg, nahm die Bleistiftproduktion auf, noch bevor die Dampfkessel der Industriellen Revolution begannen zu dampfen. Noch bevor es ein Deutschland gab – damals war dieses Gebiet Europas noch ein enormer Flickenteppich von Reichen, Grafschaften, Herzogtümern und als Heilige Römische Reich Deutscher Nation gruppierte kaiserliche Städten. Es passierte 1761 und macht somit die Faber-Castell Stifte zu mit den ältesten der Welt. Nach Brasilien kamen sie in den 1930er Jahren und machten das schulische Leben rasch viel bunter. Heute ist die Fabrik in São Carlos, im Innern des Staats São Paulo, die weltgrößte Herstellerin von Bleistiften. Es sind 2 Milliarden Stück pro Jahr. Fast die gesamte Bleistiftfertigung der Faber-Castell erfolgt hier. Von hier, werden sie in über 70 Länder verteilt. Es ist so viel Holz, dass die Firma sich in Minas Gerais einen gesamten Wald eigens für ihre Bleistifte hält. Zur Zeit der Industriellen Revolution würden die 15 Millionen Fichten im Dampfkessel enden. Heute dienen sie dem Unterricht und der Kunst.

**VOLKSWAGEN** não era lá uma palavra que coubesse muito facilmente na boca dos brasileiros. Por força do hábito, virou "fusca", variação do alemão Volks. Que, pela sonoridade, até parece coisa nossa. Não deixa de ser: o Brasil, onde o carro começou a ser fabricado em 1959, é o terceiro país que mais produziu Fuscas no mundo: 3 milhões de unidades em 30 anos. Aqui ele foi, de fato, o "carro do povo" – Volkswagen –, tal como imaginara Adolf Hitler nos anos 30: um veículo que coubesse no bolso das famílias, durável e econômico. Não tínhamos as rodovias que o Führer mandara pavimentar para receber o novo carro popular alemão, mas abundavam os caminhos de chão. E para esses, durante décadas, não houve veículo melhor no país. Mesmo descontinuado desde 2003, o Fusca garantiu lugar cativo no panteão dos ícones nacionais. Ganhou até data comemorativa. Todo 20 de janeiro, o Brasil celebra o Dia Nacional do Fusca.

"VOLKSWAGEN" war dem Brasilianer nicht sonderlich mundgerecht. Allmählich wurde aus dem deutschem "Volks" das brasilianische "fusca" (der Käfer), und das hört sich ganz brasilianisch an. So ist es eigentlich auch: Brasilien, wo die Produktion 1959 aufgenommen wurde, hat die drittgrößte Produktion "Fuscas" der Welt erreicht: 3 Millionen in 30 Jahren. Hier wurde er tatsächlich das Auto des Volks – Volkswagen, so wie Adolf Hitler es sich in den 30er Jahren vorstellte: ein Fahrzeug das ins Budget der Familien passte, dauerhaft und sparsam. Wir hatten nicht die Autobahnen die der Führer hatte erbauen lassen um das neue völkische Auto zu empfangen, dafür wimmelte es aber an Erdstraßen. Und für diese Wege gab es jahrzehntelang kein besseres Auto im Land. Die Produktion wurde 2003 eingestellt, aber der Fusca hatte schon seinen Platz im Herzen der Brasilianer, als eins der großen Nationalsymbolen gesichert. Sogar ein Tag ist ihm gewidmet. Am 20. Januar feiert man den nationalen Fusca-Tag.



A **BASF**, em seus quase 150 anos de vida, já fabricou fertilizantes, combustíveis, corantes de tecido, tinturas automotivas, vitaminas para iogurtes e fragrâncias para xampus. Mas ficou célebre mesmo pela fita cassete. Claro: dos mais de 8 mil produtos no catálogo da empresa, foi o único a levar a marca estampada na embalagem. Ele começou a nascer em 1936, quando a Basf comprou, de um certo Fritz Pfeumer, engenheiro de Dresden, os direitos de fabricação de seu "papel sonoro", que consistia em óxido de ferro polvilhado sobre uma fina folha de celulose. Era a fita magnética. Os cassetes compactos viriam mais tarde, na década de 60, criados pela holandesa Philips, mas com a fita Basf em seu interior. Depois a própria empresa alemã passou a produzi-los – inclusive no Brasil. Em 1973, os primeiros cassetes virgens inauguraram a era da música portátil no país. Tiveram vida breve, mas gloriosa: era a primeira vez que podíamos carregar nossas músicas favoritas para onde quiséssemos escutá-las.

Die **BASF** hat in ihren fast 150 Jahre Düngemittel, Treibstoffe, Gewebefarbstoffe, Autolacke, Vitamine für Joghurt und Aromastoffe für Champuns produziert. Aber richtig berühmt wurde sie wegen den Kassetten. Klar, denn von den über 8 Tausend Produkten des Sortiments, war es das einzige die Marke auf der Packung aufzuweisen. Die Geschichte began in 1936, mit dem Aufkauf der Produktionsrechte für "Tonpapier" von einem gewissen Fritz Pfeumer, Ingenieur aus Dresden. Es bestand aus auf einem dünnen, mit Eisenoxid beschichteten Zellulosefilm. Es war das Magnetband. Die Kompaktkassetten entstanden später, in den 60er Jahren, als Erfindung der holländischen Philips, aber mit dem BASF-Band in ihrem Innern. Später nahm auch die deutsche Firma die Produktion der Bänder auf – einschlie lich in Brasilien. In 1973 eröffneten die ersten unbespielten Kassetten das Alter der tragbaren Musik im Land. Ihr Leben war kurz aber glorreich: zum ersten Mal konnten wir unsere beliebtesten Lieder dorthin tragen wo wir sie hören wollten.



A BAYER começou a curar nossas dores de cabeça há mais de um século. Exatamente em 1901, quando os primeiros comprimidos de ácido acetilsalicílico chegaram ao país, importados da fábrica de Wuppertal, no oeste da Alemanha. Vinham na esteira de um sucesso retumbante no exterior, onde eram vendidos como “pílulas mágicas”, capazes de aliviar febres e dores com uma eficácia até então desconhecida. Êxito igual tiveram por aqui, tanto que, em 1921, a Bayer já estava produzindo os comprimidos no Brasil. Seu mais célebre slogan – “Se é Bayer, é bom” – é daquela época. Foi com ele, estampado em furgões e caminhões, que a Bayer correu os grotões do país vendendo aspirinas e veiculando filmes para divulgar a marca. Uma ousada manobra de marketing cujo resultado, décadas depois, se mede em números: 90 milhões de comprimidos vendidos anualmente em todo o território nacional. Algo como uma aspirina para cada dois brasileiros.

BAYER begann vor über einem Jahrhundert unsere Kopfschmerzen zu heilen. Genau in 1901, als die ersten Pillen Acetylsalizylsäure, aus der Fabrik in Wuppertal im Westen Deutschlands importiert, hier ankamen. Sie kamen im Einklang mit dem großartigen Erfolg im Ausland, wo sie als “Zauberpillen” verkauft wurden, fähig Fieber und Schmerzen mit bisher unbekannter Wirksamkeit zu lindern. Hier hatten sie den gleichen Erfolg und in 1921 produzierte Bayer die Pillen auch schon in Brasilien. Bayers bekanntester Slogan “Se é Bayer, é bom” (“Ist es Bayer, so ist es gut”) stammt aus dieser Zeit. Er prangte auf den Lieferwagen und LKWs die durch ganz Brasilien Apirin verkauften und wurde auch in TV-Werbefilmen benutzt. Ein gewagtes Werbungsmanöver dessen Ergebnis, Jahrzehnte später, in Zahlen messbar ist: 90 Millionen Pillen werden monatlich im ganzen Land verkauft. Etwa eine Pille für jeden zweiten Brasilianer.





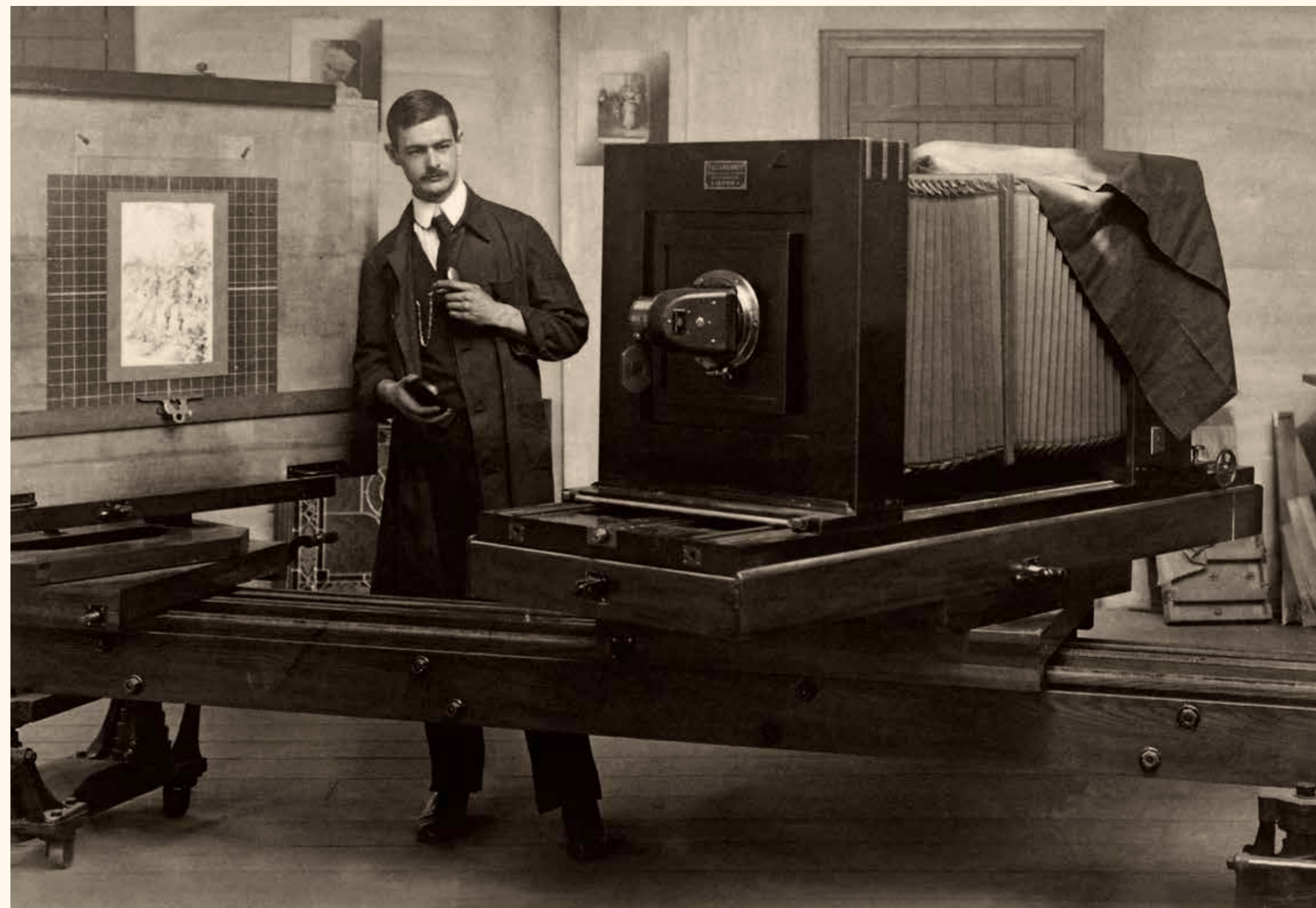
**AS PRIMEIRAS CERVEJAS VENDIDAS NO BRASIL** foram inglesas. Vieram na cola da família real portuguesa e seus acordos comerciais unilaterais. Mas devemos aos alemães a fundação da indústria cervejeira nacional. Por todo o século 19, e em diversos pontos do território nacional, os imigrantes começaram a produzir, na nova casa, o que bebiam na antiga pátria. Muitos não passaram do consumo familiar. Mas houve os que montaram fábrica e criaram rótulos, e esses foram os que ajudaram a tornar a cerveja popular por aqui. No começo era uma bebida de alta fermentação, por falta de tecnologia. Tanto que, pela pressão, havia que amarrar a rolha à garrafa, para impedir que saltasse na hora de abrir. Daí "cerveja de barbante", como a chamavam na época. Assim nasceram algumas das grandes marcas atuais. E os alemães por trás delas. Em 1853, Heinrich Kremer, colono em Petrópolis, fundou a Cervejaria Bohemia. Em 1877, Heinrich Stupakoff começou a produzir, em São Paulo, a cerveja Bávara, mais tarde Bavária. Em 1888, no Rio de Janeiro, o suíço de origem alemã Joseph Villiger abriu a Manufactura de Cerveja Brahma. No mesmo ano, em São Paulo, Louis Bücher transformou sua fábrica de gelo numa cervejaria – a Companhia Antártica Paulista. E inovou: pela primeira vez no país, botou tecnologia para produzir em baixa fermentação. Era o fim das cervejas de barbante. E o começo de tudo.

**Die ersten in Brasilien verkauften Biere** waren englischer Fertigung. Sie kamen als Folge der Übersiedlung der portugiesischen königlichen Familie und ihrer einseitigen Handelsabkommen. Es ist aber den Deutschen, die Begründung der nationalen Bräuerei verdanken. Das ganze 19. Jahrhundert durch produzierten die Einwanderer an verschiedene Stellen der neuen Heimat das Getränk das sie in der alten Heimat tranken. Viele beschränkten sich auf den eigenen Verbrauch. Aber einige haben Fabriken eingerichtet und Marken geschaffen, und diese haben Bier im Land beliebt gemacht. Anfangs war es obergäriges Bier, wegen Technologiebeschränkungen. Deshalb musste der Kork auf dem Flascheneck festgebunden werden, damit er nicht wegflog. Es wurde darum 'Fadenbier' genannt. So sind einige der heute wichtigen Marken entstanden, und die Deutschen standen im Hintergrund. 1853 gründete Heinrich Kremer, Siedler in Petrópolis, die "Cervejaria Bohemia". 1877 begann Heinrich Stupakoff in São Paulo das Bier "Bávara", später "Bavária" zu brauen. 1888 eröffnete der Schweizer deutschen Ursprungs Joseph Villiger die "Manufactura de Cerveja Brahma". Im selben Jahr verwandelte Louis Bücher seine Eisfabrik in eine Bräuerei – die Companhia Antártica Paulista". Und er führte Neuerungen ein: mittels Technologie produzierte er untergäriges Bier. Es war das Ende der 'Fadenbiere'. Und der Anfang von allem.



**CONRADO WESSEL** começou vendendo papéis fotográficos para os lambe-lambes do Jardim da Luz, em São Paulo. Terminou desafiando a Kodak. Ubaldo Konrad August Wessel, neto de um fabricante de chapéus hamburguês, nasceu em Buenos Aires em 1891. Com 1 ano de idade veio para o Brasil, onde cresceu em meio aos equipamentos fotográficos vendidos na loja do pai, na Rua Direita. Depois foi estudar clichéria em Viena, de onde voltou decidido a desenvolver um papel fotográfico inteiramente nacional, tão bom como os da Kodak, da Agfa e da Gevaert, todos importados. Passou quatro anos mergulhado em experimentos, até que encontrou a fórmula definitiva e montou fábrica no bairro de Santa Cecília, em 1921. A primeira desse tipo no Brasil. No começo, apenas os lambe-lambes da Luz o conheciam. Até que, em 1924, uma revolta tenentista ocupou a cidade por três semanas, impedindo a chegada dos produtos estrangeiros que vinham pelo porto do Rio de Janeiro. Inclusive os papéis fotográficos. Foi aí, por falta de opção, que os fotógrafos conheceram a alternativa nacional. E descobriram que era ainda melhor que os importados. Quando a revolta terminou, todos queriam o papel Wessel. Cinco anos depois, a Kodak percebeu que a melhor saída era criar uma sociedade com Conrado. Surgiu, então, o papel Kodak-Wessel, produzido com exclusividade por Conrado para a empresa americana. Até a compra definitiva da patente, 25 anos depois, foi o papel preferido dos fotógrafos do país. Ele morreu com a era digital, mas Conrado Wessel sobrevive na fundação que leva seu nome, concessora do mais importante prêmio de apoio à arte, à ciência, à cultura e à medicina do país. Algo como um Nobel nacional.

**CONRADO WESSEL** verkaufte zunächst photographisches Papier an die wandelnde Fotografen des Luz-Parks in São Paulo, die "lambe-lambes". Schliesslich nahm er es mit Kodak auf. Ubaldo Konrad Wessel, Enkel eines deutschen Hutmakers aus Hamburg, wurde 1891 in Buenos Aires geboren. Einjährig kam er nach Brasilien und ist inmitten der photographische Apparaturen die sein Vater im Geschäft auf der Rua Direita verkaufte aufgewachsen. Später ging er nach Wien um die Fertigung von Druckklischees zu erlernen und kam zurück mit dem Beschluss voll nationales photographisches Papier zu entwickeln. So gut wie die importierten von Kodak, Agfa oder Gevaert sollte es sein. Er verbrachte vier Jahre in viele Experimente vertieft, bis er die endültige Formel fand und eine Fabrik im Stadtteil Santa Cecília eröffnete. Die erste ihrer Art in Brasilien. Zunächst kannten ihn nur die "lambe-lambes" des Parks. Bis die Revolte von 1924 die Stadt drei Wochen lang besetzte und keine Importwaren, die über den Rio de Janeiro Hafen kamen, eingeführt werden konnten, einschließlic photographisches Papier. In diesem Moment, mangels jeglicher Alternative, machten die Fotografien Bekanntheit mit der nationalen Alternative. Und sie fanden heraus sie war noch besser als die Importware. Als die Revolte vorbei war, wollten alle das Wesselpapier. Fünf Jahre später bemerkte Kodak es wäre besser eine Partnerschaft mit Wessel zu schließen. Es entstand das Kodak-Wessel-Papier, das Conrado exklusiv für Kodak fertigte. Bis zum endgültigen Kauf des Patents, 25 Jahre später, war es das bevorzugte Papier der Fotografen Brasiliens. Photographische Papiere sind in der digitalen Era ausgestorben, aber Conrado Wessel überlebt in der Stiftung seines Namens die jährlich den wichtigsten Preis zur Unterstützung der Kunst, der Wissenschaft, der Kultur und der Medizin im Land verleiht. Etwas wie ein nationaler Nobelpreis.



**KARL BENZ**, inventor do primeiro carro a gasolina, nem poderia imaginar que, meio século depois, seus caminhões ajudariam a conectar uma nação do tamanho do Brasil. Um que marcou foi o L-312 – “Torpedo” de apelido, pelo capô em forma de projétil –, o primeiro caminhão produzido inteiramente em solo nacional. Foi lançado em 1956, pouco depois de inaugurada a fábrica em São Bernardo do Campo. Era uma dupla ousadia na época, pois o Torpedo vinha também equipado com motor a diesel, mais econômico, logo num tempo em que quase todos os veículos pesados que circulavam no país eram movidos a gasolina. Outro clássico das estradas foi o L-1113, o equivalente ao Fusca no mundo dos pesos-pesados, tamanha a popularidade entre os caminhoneiros do Brasil. Durante o tempo que o “onze-treze” foi produzido, de 1970 a 1987, cerca de 200 mil unidades saíram da fábrica da Mercedes-Benz. Foi o caminhão mais vendido no país.

**KARL BENZ**, Erfinder des ersten benzinbetriebenen Fahrzeugs, konnte sich nie vorstellen, dass ein halbes Jahrhundert später seine Lastwagen zu den Verbindungen eines Landes der Größe Brasiliens beitragen würde. Ein markanter LKW war der L-312 – genannt “Torpedo” wegen der geschütztförmigen Motorhaube – der erste gänzlich im Land hergestellte LKW. Er wurde 1956, kurz nach Eröffnung der Fabrik in São Bernardo do Campo auf den Markt gebracht. Es war damals ein doppeltes Wagnis, denn der “Torpedo” hatte einen sparsameren, dieselbetriebenen, Motor. Aber das zu einer Zeit in der fast alle schweren Fahrzeuge im Land mit Benzin betrieben waren. Ein weiterer Klassiker der Autobahnen war der L-1113, das Gegestück, bei den Schwergewichtlern, zum Käfer, so beliebt war er unter den brasilianischen LKW-Fahrern. Während der Produktionszeit des “elf-dreizehn”, 1970-1987, verließen ca 200 Tausend die Fabrik der Mercedes Benz. Er war der meistverkaufte LKW des Landes.



**OTTO BAUMGART** é o nome a agradecer pelo ar que se respira dentro de casas e escritórios. Imagine um edifício construído sem impermeabilizantes: o mofo subindo pelas paredes, crises de asma nos ocupantes, dezenas de olhos irritados e narinas congestionadas. Sem falar nas dores de cabeça. Essa seria nossa vida hoje se, em 1936, Otto Baumgart não tivesse se proposto um desafio inédito: fabricar os melhores impermeabilizantes do país. Engenheiro mecânico formado na Alemanha, terra do avô Emil Odebrecht, ele já trabalhara nas obras da estrada de ferro que ligava Blumenau ao porto de Itajaí e contribuíra para a linha de montagem dos primeiros Ford T no Brasil. Mas foi na vedação para a construção civil que Otto encontrou seu destino. As instalações iniciais eram modestas – uma casa alugada no Jardim América, em São Paulo – e produziam apenas um item: o aditivo Vedacit. Tão novo no mercado que Otto visitava pessoalmente as obras para ensinar a usá-lo. Não tardou muito, porém, para que a novidade alcançasse aquela rara condição em que a marca se torna sinônimo do produto. Quem hoje procura um impermeabilizante, pede logo um Vedacit. É a herança de Otto Baumgart, ainda que invisível, nas mais diversas estruturas do país. De usinas hidrelétricas a pontes e viadutos.

**Otto Baumgart** ist der Mann dem für die Luft zu danken ist die in Häusern und Büros eingeatmet wird. Man stelle sich ein ohne Imprägnationsmittel errichtetes Gebäude vor: schimmelige Wände, Asthmaanfalle, gereizte Augen und verstopfte Nasen. Ohne die Kopfschmerzen zu nennen. So wäre unser Leben hätte sich nicht 1936 Otto Baumgart die Herausforderung gestetzt die besten Imprägnationsmittel des Landes zu entwickeln. In Deutschland, Heimat des Großvaters Emil Odebrecht, ausgebildeter Maschinenbauingenör hatte er schon im Bau der Eisenbahn zwischen Blumenau und dem Itajaí-Hafen gearbeitet und zur einrichtung der Fließbandfertigung des Ford T in Brasilien beigetragen aber die Imprägnationsmittel für das Bauwesen waren sein Schicksal. Die anfänglichen Einrichtungen waren bescheiden – ein gemietetes Haus im Jardim América, São Paulo – und sie produzierten ein einziges Produkt: Vedacit. So neuartig, dass Otto persönlich die Baustellen besuchte um den Einsatz zu lehren. Es dauerte aber nicht lange, damit die Neuigkeit die für Marken seltene Situation erreichte produktbezeichnend zu sein. Wer heute ein Imprägnationsmittel braucht, bittet gleich um Vedacit. Es ist das Vermächtis von Otto Baumgart, obwohl unsichtbar, in den verschiedensten Bauten anwesend. Vom Wasserkraftwerk zu Brücken und Viadukten.

A maravilhosa massa plástica  
**Garbolástico**  
é a proteção segura contra os perigos da umidade

- Para impermeabilizar pequenos furos
- Aplicável em platibandos e marquises
- Consertos de calhas em geral
- Consertos de goteiras em telhados de zinco ou fibra-cimento
- Colagem de parquet
- Enchimento de juntas

MANTEMOS A DISPOSIÇÃO DOS NOSSOS CLIENTES, PESSOAL APTO A ORIENTAR A APLICAÇÃO DO **Garbolástico**

**OTTO BAUMGART**  
Indústria e Comércio S/A.  
R. Carlos de Souza Nazareth, 53 - Tel. 32-7280 e 35-4226 - S. Paulo

S.P. Light S.A. - Serv. de Eletricidade  
DEPTO. DE ELETRICIDADE  
14 160558  
COMISSÃO DE CONTAS  
CIVIS

**JOHANNES HEINRICH KASPAR GERDAU** era o pai. Hugo e Walter, os filhos. O pai era alemão, natural nos arredores de Hamburgo e radicado em 1869 no Brasil, onde se tornou dono de imobiliária e comerciante de secos e molhados. Já os filhos nasceram gaúchos, precisamente na colônia de Santo Ângelo, hoje a cidade de Agudo. E como ambos traziam o espírito empreendedor inerente aos alemães, o pai decidiu dar-lhes mais que uma boa educação: comprou uma fábrica para cada um, as duas em Porto Alegre. A de Hugo era a indústria de pregos Pontas de Paris, adquirida à beira da falência em 1901. Já Walter ganhou, em 1907, uma fábrica de móveis especializada em cadeiras de balanço, dessas com encosto de palhinha. Dali em diante, cada firma seguiu seu caminho. A de Walter foi vendida poucos anos depois e transformada na Thonart. A de Hugo está nas mãos da família até hoje. No começo, eram apenas os pregos. O aço entraria na vida dos Gerdau apenas em 1948, quando Curt Johannpeter, genro de Hugo, comprou a Siderúrgica Riograndense, com sede na Avenida Farrapos. Foi a primeira usina da família. Hoje são nove no Brasil e outras nove no exterior. Um império de aço nascido dos pregos.

**Johannes Heinrich Kaspar Gerdau** war der Vater. Hugo und Walter, die Söhne. Der Vater war Deutscher, geboren in der Umgebung von Hamburg und 1869 in Brasilien etabliert, wo er Besitzer eines Maklerbüros und Gemischtwarenhändler wurde. Die Söhne waren "gaúchos", geboren in der Siedlung Santo Ângelo, heute die Stadt Agudo, in Rio Grande do Sul. Da beide in sich den typisch deutschen Unternehmungsgeist hatten, beschloss der Vater ihnen mehr als eine gute Erziehung zu geben: er kaufte jedem eine Fabrik, beide in Porto Alegre. Hugo bekam die Nagelfabrik "Pontas de Paris", die 1901 fast bankrott aufgekauft wurde. Walter erhielt 1907 eine Schaukelstuhlfabrik. Von da an, zogen sie ihre Wege. Walter's Fabrik wurde wenige Jahre später verkauft und wurde zur "Thonart". Hugo's Firma ist bis heute in der Hand der Familie. Zunächst waren es nur Nägel. Stahl würde erst 1948 im Leben der Gerdaus erscheinen, als Curt Johannpeter, Hugo's Schwager, die Siderúrgica Riograndense, mit Sitz an der Avenida Farrapos erwarb. Es war die erste Eisenhütte der Familie. Heute sind es 9 in Brasilien und weitere 9 im Ausland. Ein aus Nägeln entstandenes Imperium.



**A SIEMENS** chegou ao Brasil no remoto ano de 1867, quando veio instalar a primeira linha telegráfica de longa distância no país, entre o palácio do imperador, no Rio de Janeiro, e o porto gaúcho de Rio Grande. Desde então, onde houve a necessidade de se comunicar – qual fosse o meio –, os alemães estavam lá. Muitas vezes, antes que todo o mundo. Ainda no tempo dos telégrafos, em 1874, a empresa estendeu o primeiro cabo submarino da América do Sul, entre o Rio e a fronteira com o Uruguai. Quando surgiram os telefones, a Siemens não só espalhou aparelhos pelo país como montou nossa primeira central automática, aposentando as telefonistas. Foi em 1922, em Porto Alegre – a terceira cidade das Américas a receber tal honra, depois de Chicago e Nova York. Telex? A Siemens também foi pioneira: é de 1953 a primeira central automática da América do Sul, montada no Rio de Janeiro. E tem mais. Não bastasse a vocação para a comunicação, a empresa também ajudou a iluminar o Brasil. Desde 1894, quando instalou a primeira usina elétrica a vapor do país, em Belém, seus geradores, transformadores e disjuntores atravessaram dois séculos levando a eletricidade aos mais diversos cantos do território nacional. Hoje, metade da energia elétrica consumida no Brasil é gerada pelos sistemas e equipamentos da Siemens.

**SIEMENS** hat sich im entfernten Jahr 1867 in Brasilien niedergelassen um die erste telegrafische Langstreckenverbindung im Land einzurichten, zwischen dem kaiserlichen Palast in Rio de Janeiro und dem Rio-Grande Hafen, in Rio Grande do Sul. Seitdem waren, wo immer Kommunikationsbedarf bestand, die Deutschen vor Ort. Oft vor allen anderen. 1874, noch in der Zeit des Telegrafs, verlegte die Gesellschaft das erste Unterseekabel Südamerikas zwischen Rio und der Grenze zu Uruguai. Als das Telefon erschien, hat Siemens nicht nur die Apparate im Land verteilt sondern auch die erste automatische Zentrale eingerichtet und somit die Figur der Telefonistin pensioniert. Das war 1922 in Porto Alegre – die dritte Stadt Amerikas der solche Ehre erwiesen wurde. Telex? Siemens war wieder Pionier: 1953 wurde die erste automatische Zentrale Südamerikas in Rio de Janeiro eingerichtet. Und mehr: Als wäre die Kommunikationsberufung nicht genug, hat die Firma auch geholfen Brasilien zu beleuchten. Seit 1894, als das erste dampfbetriebene Stromwerk in Belém seine Generatoren startete, leiten in zwei Jahrhunderten Transformatoren und Schaltmechanismen von Siemens Strom durch das ganze Land. Heute wird die Hälfte des verbrauchten Stroms von Siemensausrüstungen und -systemen erzeugt.





“Quanto mais eu conheço este país, mais aumenta o interesse para com seus lugares desconhecidos. O Brasil é realmente um novo mundo”

GEORG HEINRICH VON LANGSDORFF,  
1825

“Je mehr ich dieses Land kennenlerne, desto größer wird mein Interesse für seine unbekanntesten Stellen. Brasilien ist echt eine neue Welt”

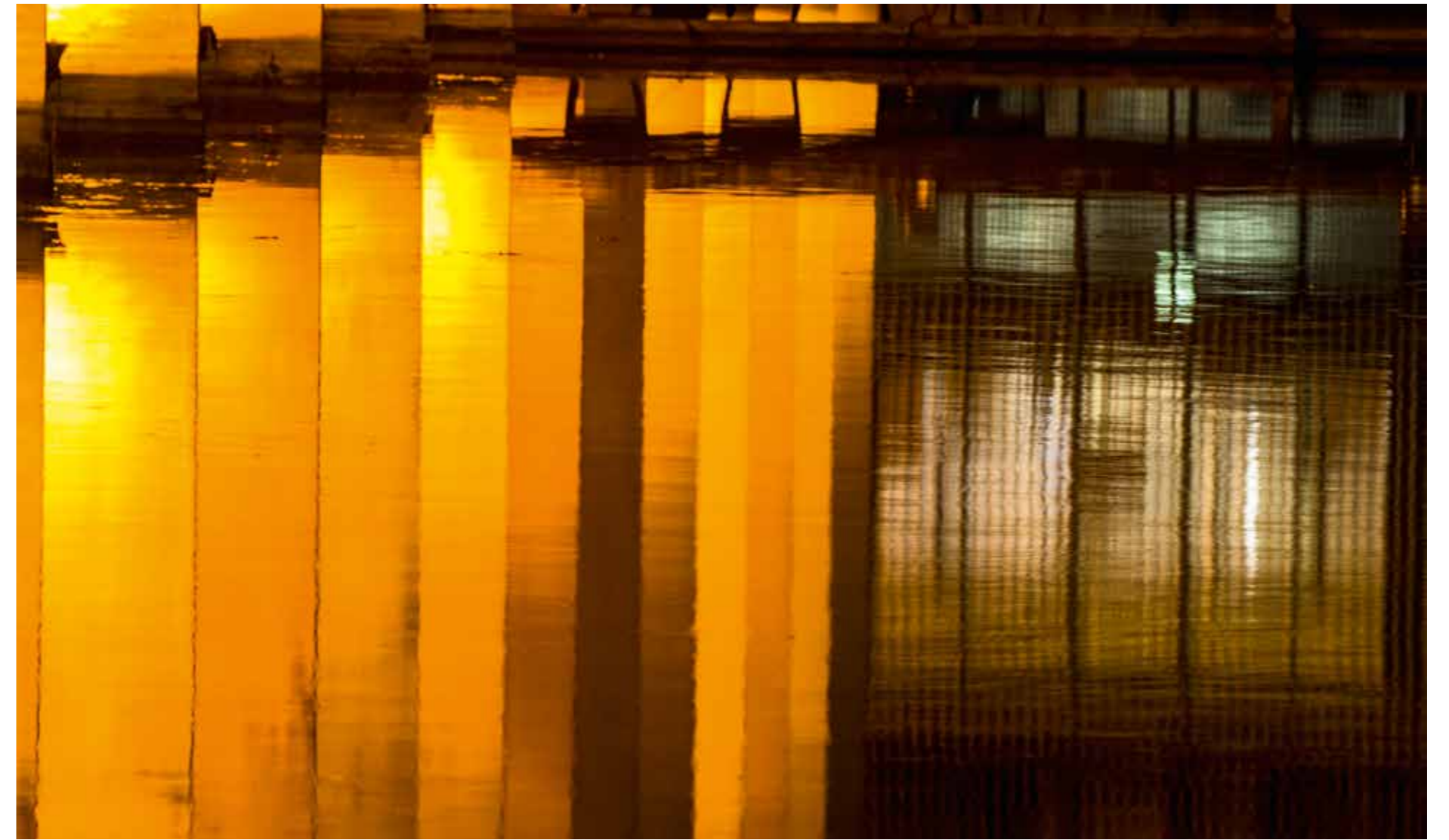
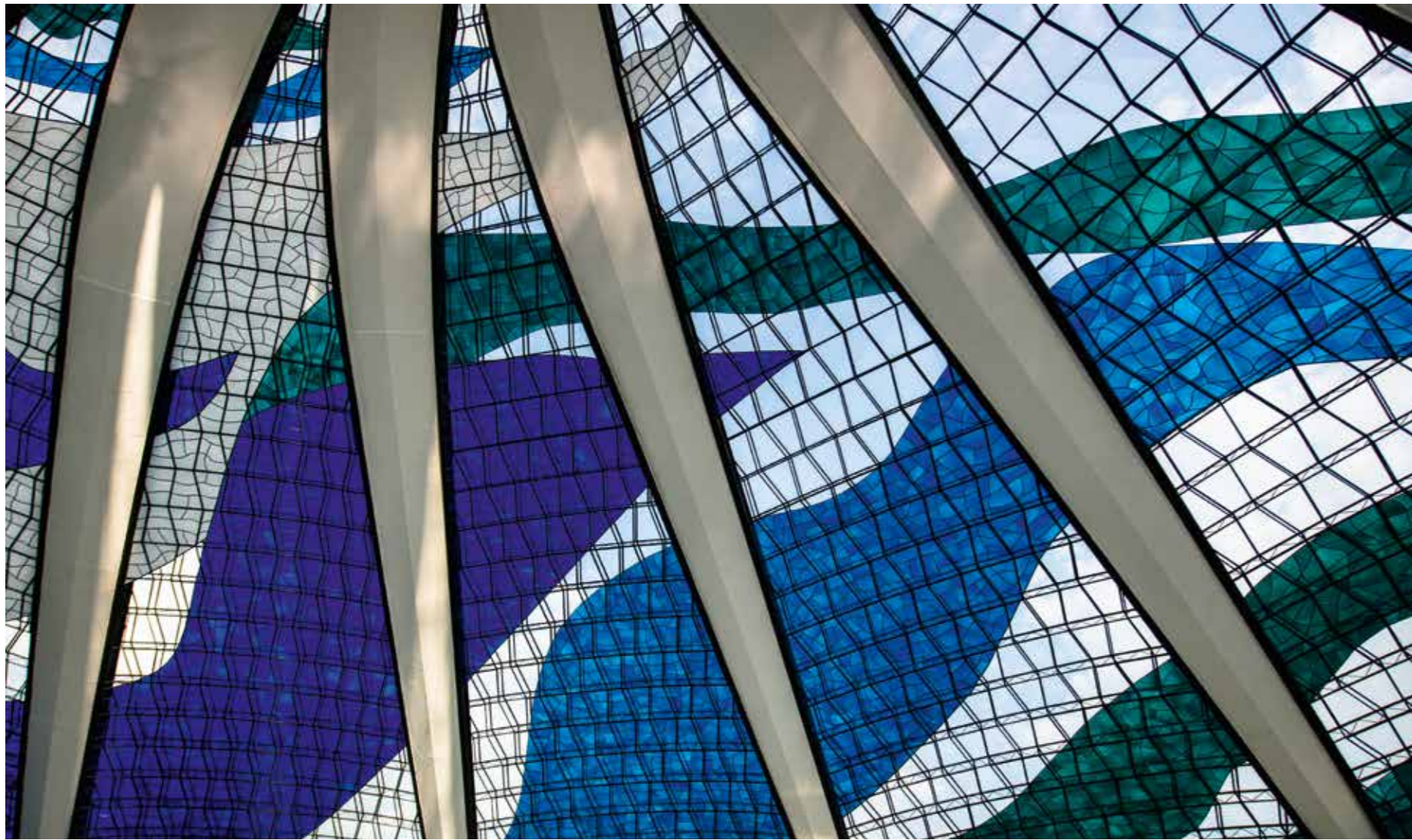




**OSCAR NIEMEYER**, apesar de entusiasta das sinuosidades cariocas, tinha lá sua cota de alemão. A começar pelo sobrenome, herdado do tetravô Konrad Heinrich von Niemeyer, engenheiro de Hannover que se radicara em Portugal em fins do século 18. Houve também o flerte com a escola Bauhaus, discreto e inconfesso, mas visivelmente materializado nas geometrias lineares de Brasília, em particular nos edifícios da Esplanada dos Ministérios. A Bauhaus, como se sabe, pregava a arquitetura funcional e seriada, de fácil reprodução, pensada para permitir o amplo acesso das massas às construções de qualidade. Brasília tinha tudo a ver com isso. Mas Niemeyer, como mais tarde se viu, não. Entregou-se, por fim, às curvas como quem reinventa a geografia, misturando Tijuca e Le Corbusier. E rompeu de vez com a escola alemã quando recebeu a visita de Walter Gropius, o fundador, na Casa das Canoas. “Sua casa é bonita, mas não é multiplicável”, disse o homem. Desde então, Niemeyer tornou-se o maior crítico da Bauhaus por aqui. Numa entrevista, declarou: “Foi um período de burrice que conseguimos vencer”.

**OSCAR NIEMEYER**, obwohl Enthusiast der Kurvenreicht Rios, hatte seinen deutschen Anteil. Es beginnt mit dem Nachnamen, geerbt vom Urururgroßvater Konrad Heinrich von Niemeyer, Ingenieur aus Hannover, der sich Ende des 18. Jahrhunderts in Portugal niederließ. Da war auch der Flirt mit der Bauhaus-Schule, diskret und ungestanden, aber erkennbar in der geradelinigen Geometrie Brasílias, insbesondere in der “Esplanada dos Ministérios”. Die Bauhauschule pries bekannterweise funktionelle und serienmäßige Architektur, einfach zu vermehren, gedacht um den Zugang der Massen zu Qualitätsbauten zu ermöglichen. Brasília hatte damit viele gemeinsam. Niemeyer, aber, wie sich später herausstellte, nicht. Er ergab sich schließlich den Kurven, wie jemand der die Geographie neu erfindet, als eine Mischung von Tijuca und Le Corbusier. Der endültige Bruch mit der deutschen Schule kam als er Walter Gropius zu Besuch in der Casa das Canoas empfing. “Ihr Haus ist schön, aber nicht multiplizierbar” sagte der Mann. Seitdem wurde Niemeyer der größte Kritiker der Bauhaus-Schule hierzulande. In einem Interview sagte er: “Das war eine Zeit der Dummheit, die wir haben überwinden können”.

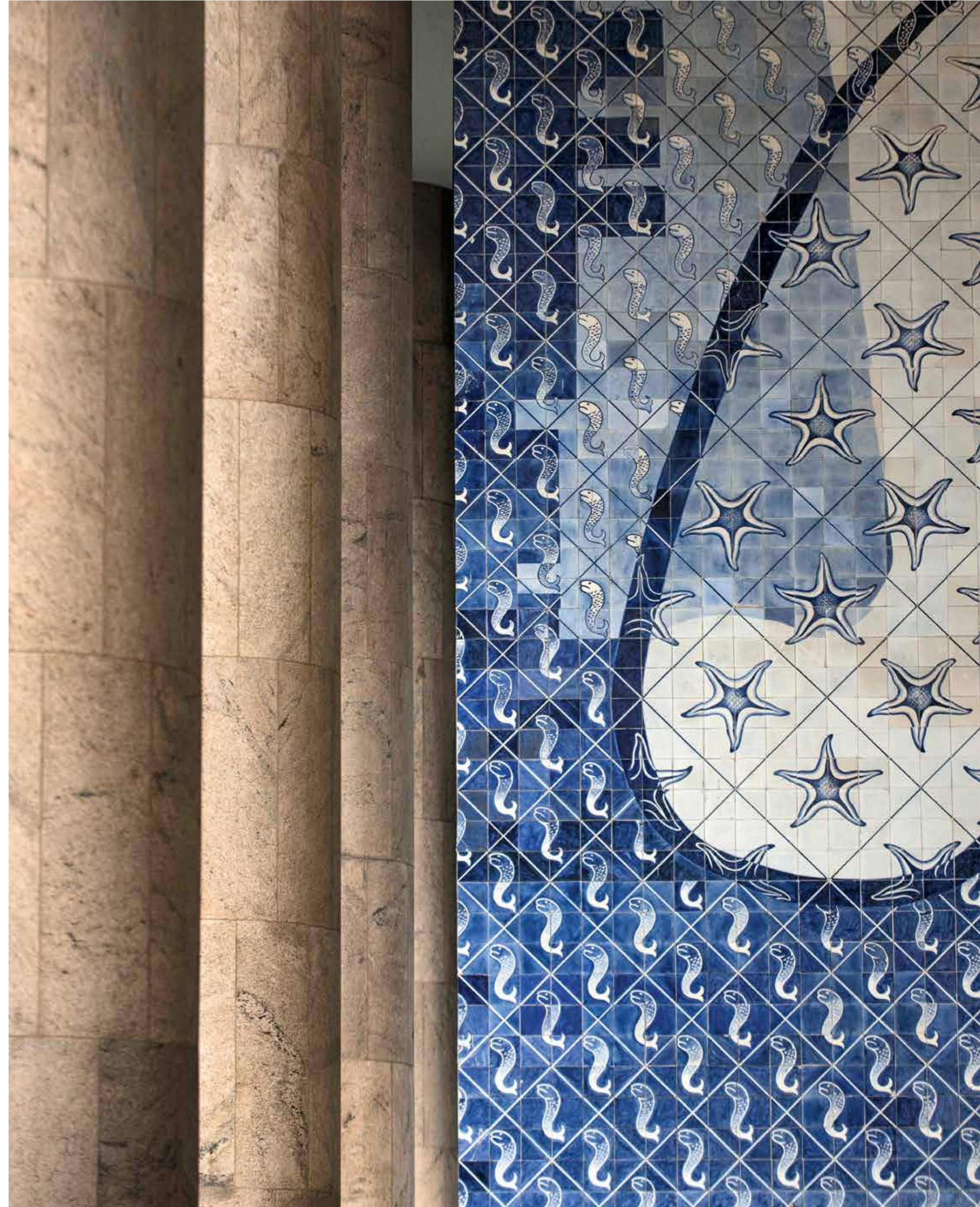






**EMILIO BAUMGART** tinha menos de 30 anos quando projetou sua primeira ponte. Foi a ponte Maurício de Nassau, em Recife, cujos 178 metros de comprimento a tornavam, em 1917, a mais extensa do Brasil. Era também um marco da engenharia nacional – a primeira grande obra no país erguida em concreto armado, técnica que o alemão Lambert Riedlinger havia acabado de introduzir por aqui. Como Emilio tivera a sorte de começar a carreira de engenheiro na construtora desse alemão, logo se pôs em contato com o alvorecer da era do concreto armado no Brasil. Tornou-se, inclusive, sua maior autoridade na primeira metade do século 20. “Um gênio do concreto armado”, na definição do arquiteto Oscar Niemeyer, com quem Emilio trabalhou na construção do Palácio Gustavo Capanema, no Rio de Janeiro (foto ao lado). No total, Emilio Baumgart – que era neto de Emil Odebrecht, um dos pioneiros de Blumenau – projetou mais de 100 pontes e cerca de 500 obras, de hangares para aviões aos primeiros arranha-céus do país. Um deles foi o edifício carioca A Noite, o mais alto da América Latina durante parte dos anos 30. A obra-prima de Emilio Baumgart, porém, se deu na pequena cidade catarinense de Joaçaba. Ali, em 1928, ele projetou a primeira ponte de concreto em balanço sucessivo do mundo. Ou seja, uma ponte construída sem apoios, a partir das extremidades que avançam até se encontrar no meio. O resultado foi um vão livre sobre o Rio do Peixe de 68 metros de largura. Um recorde para a época.

**EMILIO BAUMGART** war keine 30 Jahre als er seine erste Brücke entwarf. Es war die Maurício-de-Nassau-Brücke in Recife, deren 178m sie zur längsten Brücke Brasiliens machten. Sie war auch ein Meilenstein des brasilianischen Ingeiörwesens – der erste grosse Bau mit Beton, Technik die der Deutsche Lambert Riedlinger neulich eingeführt hatte. Da Emil das Glück hatte seine berufliche Laufbahn in der Baufirma dieses Deutschen zu beginnen, kam er gleich mit dem Anbruch des Betonalters in Brasilien in Kontakt. Er wurde sogar die größte Bezugsperson für Beton in der ersten Hälfte des 20. Jahrhunderts. “Ein Genie des Betons”, so definierte ihn der Architekt Oscar Niemeyer mit dem Emilio beim Bau des Palácio Gustavo Capanema in Rio de Janeiro arbeitete. Insgesamt entwarf Emilio Baumgart – Enkel des Emil Odebrecht, einer der Pioniere von Blumenau – über 100 Brücken und ca 500 andere Bauten, von Flugzeughangaren zu der ersten Wolkenkratzern Brasiliens. Einer von diesen war das Gebäude “A Noite”, in den 30er Jahren das höchste Lateinamerikas. Emilio Baumgarts Meisterwerk würde aber in der kleinen Joaçaba in Santa Catarina stehen. Dort entwarf er 1928 die erste Brücke im Freivorbauverfahren der Welt. Das heißt die Brücke wurde von den Enden ausgehend, ohne Stützung, nach und nach gebaut bis sich die Arbeitsfronten in der Mitte trafen. Das Ergebnis war eine freie Spannweite von 68 m, über den Peixe-Fluss. Ein Rekord für die Zeit.





**CURT W. OTTO BAUMGART** havia acabado de voltar da Alemanha, onde fora estudar Engenharia, quando decidiu: queria construir um shopping. E era um shopping do outro lado do Rio Tietê, fora do eixo comercial, justo quando a única conexão da Zona Norte de São Paulo com o resto da cidade era o bonde que cruzava a Ponte das Bandeiras até o Tremembé. Mas Curt Baumgart, ousado e obstinado como seu célebre bisavô alemão – Emil Odebrecht –, não teve dúvidas quando enxergou ali, na várzea norte do rio, a grande vocação para o comércio. O lugar em questão era um terreno de 150 mil metros quadrados, comprado havia anos pelo pai, Otto Baumgart, onde restavam dezenas de lagoas, resquícios de uma antiga exploração de areia. Em 1964, Curt pôs-se a aterrará-las. Chegou, inclusive, a aproveitar as escavações da Linha Azul do Metrô. Vinte anos depois, estava pronto o Shopping Center Norte. Já era um terreno quatro vezes maior, pois Curt, além de preencher as lagoas, também comprara glebas ao redor. Decisão inteligente e visionária: poucos anos depois, surgiram o Lar Center – o primeiro shopping temático de decoração do país –, o Expo Center Norte e uma unidade do Novotel. Quando viram, aquilo já era quase uma cidade. Passou a chamar-se, então, Cidade Center Norte. Depois dela, a Zona Norte de São Paulo nunca mais foi a mesma.

**CURT W. OTTO BAUMGART** war gerade aus Deutschland zurückgekehrt, wo er sein Studium gemacht hatte als er beschloss: er wollte ein Einkaufszentrum bauen. Und es sollte jenseits des Tietê-Flusses sein, ausserhalb der gewöhnlichen Handelsgegend, obwohl die einzige Verbindung des gesamten Nordteil São Paulos mit dem Stadtzentrum die Straßenbahn war, die über die Bandeiras-Brücke nach Tremembé führte. Aber Curt Baumgart, wagemutig und hartnäckig wie sein bekannter Urgroßvater – Emil Odebrecht – blieb fest in der Überzeugung in der nörtlichen Flussaue eine große Handelsberufung zu sehen. Es ging um ein 150.000 Quadratmeter großes Grundstück, das Jahre zuvor seu Vater, Otto Baumgart, gekauft hatte und wo noch zahlreiche Teiche waren, Rückstände der früheren Sandförderung. 1964 begann Curt sie zuzuschütten. Dazu nutzte er sogar die Grabungen einer U-Bahnlinie. Zwanzig Jahre später war der "Shopping Center Norte" fertig. Die Fläche war schon das Vierfache, denn Curt hatte nicht nur die Teiche zugeschüttet sondern auch benachbarte Grundstücke aufgekauft. Kluge und hellsichtige Entscheidung: wenige Jahre später entstanden der "Lar Center" – das erste Einkaufszentrum für Hauseinrichtung des Landes –, der "ExpoCenter Norte und eine Einheit des Novotel. Ehe sie sich versahen, war es schon fast eine Stadt geworden. Und wurde Center-Norte-Stadt genannt. Danach war der Nordteil São Paulos nie mehr derselbe.





CINEPLANET



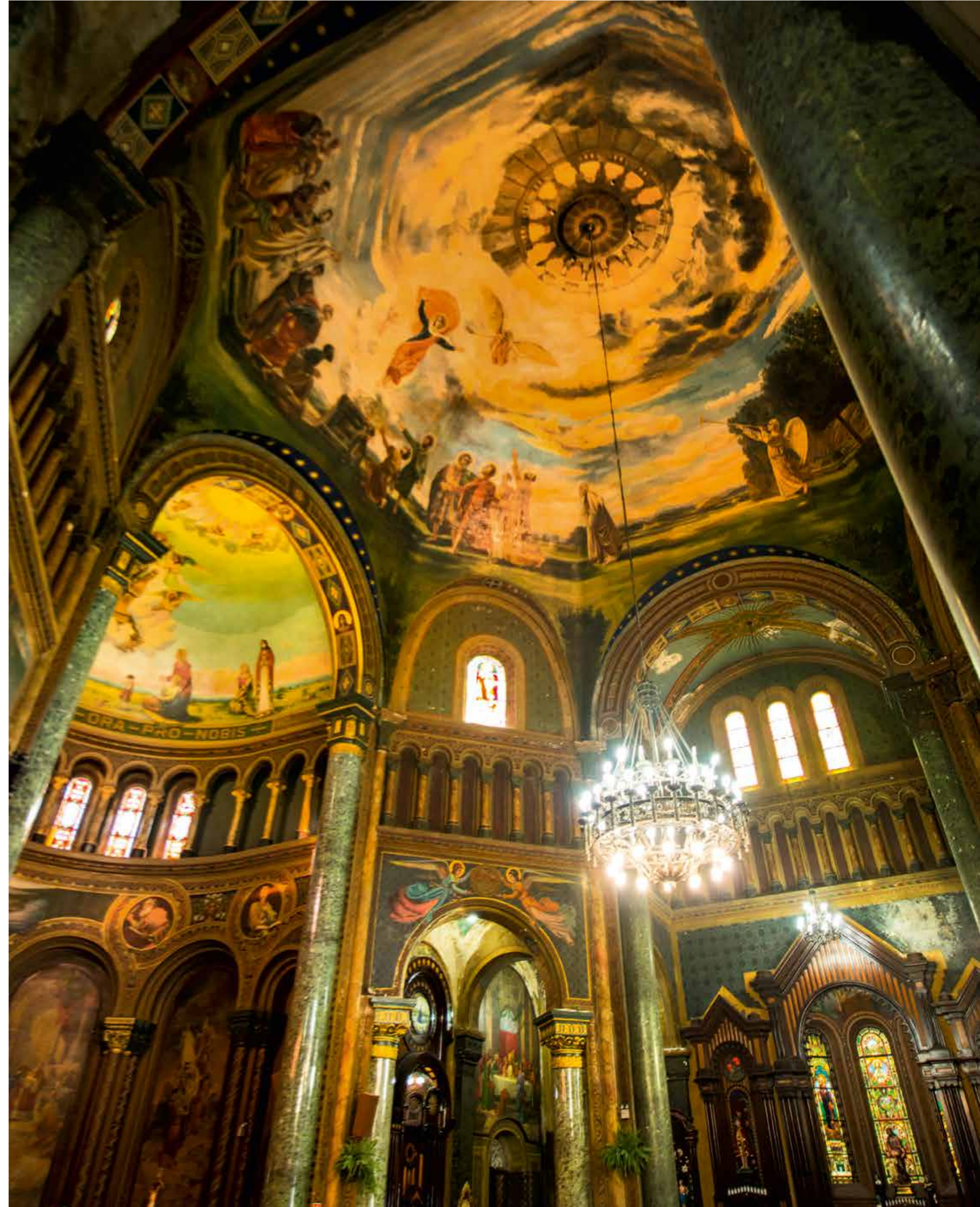
PQ. DAS CRIANÇAS  
RESTAURANTES





**SÃO PAULO** recebeu os primeiros colonos alemães em dezembro de 1827, quando o navio Maria aportou em Santos carregando 226 imigrantes. Instalaram-se, no início, em Santo Amaro e Itapeçerica da Serra, ainda sertão virgem, onde se puseram a plantar batata, milho e mandioca. Mas eram terras de difícil acesso, além de pouco férteis, o que logo levou essa gente a trocar o campo pela cidade. Outros vieram em seguida, e aos poucos São Paulo, na época uma vila de só 20 mil habitantes, começou a ganhar tintas germânicas – misturadas, é claro, às de outros povos. Como muitos já exerciam ofícios na terra natal, a São Paulo logo se encheu de sapateiros, chapeleiros, cervejeiros, fotógrafos, tipógrafos, farmacêuticos e ourives. Arquitetos também, idealizadores de igrejas neogóticas inspiradas nas de lá – entre elas a da Consolação, a de Santa Ifigênia e a Catedral da Sé. Discretamente, como é de praxe entre eles, os alemães foram mudando a cara da cidade. Construíram hospitais – como o Santa Catarina e o Oswaldo Cruz –, fundaram clubes esportivos – como o Germânia, atual Esporte Clube Pinheiros – e abriram numerosas escolas, muitas ainda na ativa. Citemos três: Porto Seguro, Humboldt e Benjamin Constant. Até nos vitrais da cidade reluz a presença alemã. Mercado Municipal, Catedral da Sé, Sala São Paulo, Teatro Municipal, Faculdade de Direito do Largo São Francisco: todos esses edifícios têm os vitrais assinados pela Casa Conrado, fundada em 1889 pelo alemão Konrad Sorgenicht. Introdutor, aliás, dessa arte do Brasil.

**SÃO PAULO** empfing die ersten deutschen Siedler Dezember 1827, als das Schiff "Maria" mit 226 Einwanderern an Bord in Santos anlegte. Sie ließen sich in Santo Amaro und Itapeçerica da Serra, damals noch Wildland, nieder und begannen Kartoffeln, Mais und Maniok anzubauen. Aber die Ländereien waren schwer zugänglich und nicht sehr fruchtbar, was die Leute veranlasste in die Stadt zu ziehen. Andere folgten bald und allmählich begann São Paulo, damals eine Kleinstadt mit nur 20 Tausend Einwohnern, deutsche Farben, mit denen anderer Völker vermischt, zu gewinnen. Da viele schon in ihren Heimatsorten Handwerke ausübten, gab es bald viele Schuster, Hutmacher, Braumeister, Fotografen, Setzer, Apotheker und Goldschmiede. Architekten waren auch dabei, die von den europäischen inspirierte neogotische Kirchen vorschlugen – unter ihnen die Consolação-Kirche, die Santa-Ifigênia-Kirche und die Sé-Kathedrale. Diskret, wie ihr Brauch ist, veränderten die Deutschen das Aussehen der Stadt. Sie errichteten Krankenhäuser – wie die Santa-Catarina- und Oswaldo-Cruz-Krankenhäuser –, gründeten Sportvereine – wie den Germânia, heute Pinheiros Esporte Clube – und eröffneten zahlreiche Schulen, viele heute noch aktiv. Um drei zu nennen: Porto Seguro, Humboldt und Benjamin Constant. Sogar in den Kirchenfenstern glänzt die deutsche Anwesenheit. Mercado Municipal, Sé-Kathedrale, Konzerthalle Sala São Paulo, die Rechtsschule Largo do São Francisco: all diese Gebäude haben Fenster mit Glasmalerei der Casa Conrado, 1889 vom Deutschen Konrad Sorgenicht gegründet. Er ist der Einführer dieser Kunst in Brasilien.





**A ESCOLA ALLEMÃ** da Rua Florêncio de Abreu foi uma das 40 escolas germânicas que surgiram na cidade de São Paulo entre a segunda metade do século 19 e o começo do século 20. Todas com o mesmo objetivo: atender à crescente massa de imigrantes, oferecendo um sistema de ensino que se adequasse aos padrões nacionais, mas que também preservasse, nas gerações mais novas, a língua e a cultura dos antepassados. A Escola Allemã não foi a primeira, mas é a mais antiga ainda em atividade: foi aberta em janeiro de 1878, com 52 alunos e dois professores, num edifício alugado da região central. Ganhou sede própria apenas em 1913, quando o esforço coletivo de pais e professores levantou o casarão na Rua Olinda, hoje Praça Roosevelt, onde a escola se manteve até a década de 70. Foi também uma das poucas, entre as escolas germânicas paulistanas, a sobreviver a Era Vargas. Primeiro durante a política de nacionalização do ensino no país, depois durante a Segunda Guerra, quando os alemães tornaram-se inimigos da pátria e tudo que remetia a eles passou a ser duramente reprimido – inclusive a língua. Para não fechar, a Escola Allemã mudou de nome. Passou a se chamar Colégio Visconde de Porto Seguro, homenagem a Francisco Adolfo de Varnhagen, historiador teuto-brasileiro. Na época, dois terços dos alunos ainda eram alemães ou descendentes.

**Die ESCOLA ALLEMÃ** der Florêncio-de-Abreu-Straße war eine der 40 deutschsprachigen Schulen die in São Paulo in der zweiten Hälfte des 19. und Anfang des 20. Jahrhundert eröffnet wurden. Alle mit demselben Ziel: der wachsenden Menge Immigranten die in die Stadt kamen ein Schulsystem zu bieten das dem nationalen Standard angemessen war und in den neueren Generationen die Sprache und Kultur der Vorfahren bewahrte. Die Escola Alemã war nicht die erste, ist aber die älteste noch aktive: sie wurde Januar 1878, mit 52 Schülern und zwei Lehrern eröffnet, in einem gemietetem Gebäude im Stadtzentrum. Einen eigenen Sitz bekam sie erst 1913, als gemeinsamer Einsatz von Eltern und Lehrern das Gebäude auf der Olinda-Straße, heute Roosevelt-Platz, errichtete wo die Schule bis in die 70er Jahre verblieb. Sie war auch eine der wenigen deutschsprachigen Schulen die die Vargas-Periode überlebten. Zuerst war die Schulnationalisierungspolitik, dann während dem Zweiten Weltkrieg, wurden die Deutschen zu Feinden und alles was an sie erinnerte – einschließlich Sprache – wurde hart unterdrückt. Um nicht zu schließen änderte die Schule ihren Namen. Sie wurde zum Colégio Visconde de Porto Seguro, zu Ehren von Francisco Adolfo de Varnhagen, deutsch-brasilianischer Historiker. Damals waren zwei Drittel der Schüler noch Deutsche oder Nachkommen.





“O Brasil (...) é um verdadeiro diamante  
à espera de um hábil mestre  
que o transforme na joia mais preciosa  
do mundo”

HERMANN BRUNO OTTO BLUMENAU,  
1848

“BRASIL  
IST ECHT  
EIN DIAMANT  
DER EINEN  
GESCHICKTEN  
MEISTER  
ERWARTET  
DER ES IN DIE  
WERTVOLLSTE  
JUWELE DER WELT  
VERWandelt”

**MARCELO BRATKE** conheceu a música através da escuridão. Foi quase cego até os 44 anos, quando uma cirurgia mostrou-lhe o mundo em cores nunca imaginadas. Antes disso, o mundo era o som. Ainda criança, na chácara do avô em Campos do Jordão, gastava as tardes ouvindo as rádios estrangeiras que chegavam, via ondas curtas, a um aparelho Blaupunkt. Escutava também os discos do avô – obras de Brahms, Beethoven e outros alemães, sobretudo –, mas abria o ouvido para os sertanejos de que o caseiro Julião tanto gostava. Quando o pai comprou um piano, Marcelo parecia já íntimo: aprendeu, de memória e sem enxergar partitura, um concerto de Bach. Era o início de uma carreira que depois seria internacional. O avô em questão era Oswaldo Arthur Bratke, arquiteto entre os grandes do país, filho de um imigrante da Silésia instalado em Botucatu. “Eu era muito apegado a ele. Foi como um pai para mim.” Marcelo não virou arquiteto, mas aprendeu a aplicar na música tudo que o avô lhe ensinara na vida, sobretudo as lições herdadas dos antepassados alemães. A retidão moral, a disciplina de estudo, a clareza de metas, tudo isso Marcelo sorveu desde cedo, com impactos mais definitivos que os das influências italianas e portuguesas que também carrega no sangue. “Sempre gostei mais da vertente alemã da família. Os resultados me pareciam melhores daquele lado.” Até dos Natais introspectivos, regados a canções alemãs, ele gostava. “Minha mãe achava deprimente, mas para mim era um Natal lindo, que me trazia luzes de outros lugares.” Quando sofreu a cirurgia, Marcelo diz ter enxergado, por fim, a luz do Brasil. Não por acaso, entregou-se desde então à obra de Villa-Lobos, de quem se tornou um dos grandes intérpretes. Hoje se equilibra entre Bach e as *Bachianas*.

**MARCELO BRATKE** hat die Musik wegen der Dunkelheit kennengelernt. Er war bis 44 Jahre fast blind, als ihm eine Operation eine Welt in nie vorgestellten Farben offenbarte. Davor war seine Welt des Tons. In der Kindheit verbrachte er die Nachmittage damit im Landhaus seines Großvaters in Campos do Jordão ausländische Kurzwellenradiosendungen in einem Blaupunktapparat zu hören. Er hörte Schallplatten des Großvaters – vor allem Werke von Brahms, Beethoven und anderer Deutschen – beachtete aber auch die “sertanejos” die der Hausverwalter Julião so gern hatte. Als der Vater ein Klavier kaufte, wirkte Marcelo schon damit vertraut: er lernte ein Bachkonzert auswendig, ohne eine Partitur zu sehen. Es war der Anfang einer Karriere die international werden sollte. Der Großvater war Oswaldo Arthure Bratke, einer der grossen Architekten des Landes, Sohn von schlesischen Einwanderern die sich in Botucatu niedergelassen hatten. “Ich hing sehr an ihm. Er war mir wie ein Vater”. Marcelo wurde nicht Architekt, hat aber gelernt alles was sein Großvater ihm beigebracht hatte in der Musik anzuwenden, insbesondere die Lehren der deutschen Vorfahren. Rechtschaffenheit, Disziplin im Lehrnen, Zielbewusstheit, all dies nahm Marcelo seit sehr früh auf und es hatte mehr Wirkung als die italienischen und portugiesischen Einflüsse die er auch in sich trägt. “Mir war immer der deutsche Teil der Familie lieber. Die Ergebnisse schienen mir dort besser”. Sogar die introspektiven Weihnachten, voller deutschen Lieder mochte er. “Meine Mutter fand es deprimierend, aber für mich war es herrlich, es brachte mir Lichter annderer Plätze”. Nach der Operation sagt Marcelo konnte er endlich das Licht Brasiliens ersehen. Es ist kein Zufall, dass er sich seither dem Werk Villa-Lobos’ widmet, von dem er einer der grossen Interpreten geworden ist. Heute pendelt er zwischen Bach und den “Bachianas”.





**VERENA MATZEN** conheceu a liberdade ainda na infância. Com a avó prussiana, Friedel, era a liberdade sem cercas: o vazio do Pampa argentino à espera da exploração, os campos atravessados em cavalo sem montaria, a descoberta do mundo na copa das árvores. Com os avós paternos, Hermann e Elfriede, a liberdade provinha da mente, da busca dos caminhos espirituais desgarrados de todo dogma ou convenção. Cada um, à sua maneira, carregava no espírito o desejo de uma liberdade que, pelas guerras sucessivas, não conhecera na terra natal. Daí que, na Argentina, onde vieram morar na primeira metade do século 20, empenharam-se em transmitir aos netos os valores que no país de origem não puderam cultivar. E tão contundente era a convivência em família que Verena, quando se mudou para o Brasil, aos 7 anos de idade, sentiu que deixava para trás algo de muito importante. "Fui arrancada da minha raiz", diz. Aqui, em chão brasileiro, Verena se replantou por meio da arte. Nas telas, brotaram flores, pássaros e personagens dos contos infantis. Expressões da liberdade, tão somente.

**verena matzen** lernte noch in der Kindheit Freiheit kennen. Bei der preussischen Großmutter, Friedel, war es die Freiheit ohne Zäune: die Leere des argentinischen "Pampa" erwartete Erforschung, die auf Pferderücken durchquerte Felder, die Entdeckung der Welt in den Baumkronen. Mit den Großeltern väterlichseits, Hermann und Elfriede, entsprang die Freiheit dem Geist, der Suche nach geistigen Wegen, fern von jeglicher Form von Dogma oder Konvention. Auf seine eigene Art trug jeder in sich das Sehnen nach einer Freiheit die im Heimatland, wegen den aufeinanderfolgenden Kriegen keiner kennengelernt hatte. Daher setzten sie sich in Argentinien, wohin sie in der ersten Hälfte des 20. Jahrhundert gezogen waren, dafür ein den Enkeln die Werte zu vermitteln die sie daheim nicht hatten pflegen können. Das Familienleben war so prägnant, dass Verena als sie 7-jährig nach Brasilien zog, spürte etwas sehr wichtiges zurückzulassen. "Ich wurde entwurzelt" sagt sie. In Brasilien hat sich dann durch die Kunst umgepflanzt. In den Gemälden sprießen Blumen, Vögel und Märchenfiguren. Ausdruck der Freiheit, einzig und allein.







**PAULO VON POSER** deve às avós o gosto pelas rosas. Uma é a avó materna, Edith Göller, filha de alemães, mulher circunspecta, porém de grande talento criativo. Bordava, esculpia, escrevia e pintava – inclusive rosas, como as que foram parar na parede do apartamento onde Paulo morou quando saiu da casa dos pais. Foi nessa época que ele desenhou as primeiras flores que se tornariam sua assinatura artística. Mais tarde, quando montou sua primeira exposição dedicada inteiramente às rosas, mandou uma carta à avó Edith, agradecendo a inspiração. “É dela que vem meu DNA de arte.” De Suely Stumpf, a avó paterna, também brotaram rosas, porém as vermelhas. Mulher arrojada, era o oposto da outra avó. Ousara até se divorciar em plena Porto Alegre dos anos 40. Quando Paulo se lembra dela, é uma cor que lhe surge na memória. “Tudo que eu pinto de vermelho vem da minha avó Suely.” E há também o gosto pela natureza, sobretudo no que diz respeito à observação atenta das belezas do mundo, à moda dos antigos naturalistas – o que antecede quase tudo o que Paulo desenha. Isso, segundo lhe disseram, é herança do bisavô prussiano, chegado ao Rio Grande do Sul em 1852, com nome e título de barão: chamava-se Karl Hanz Theodore Albert von Poser. Não que fosse naturalista, mas já trazia impressa na alma aquela habitual predileção dos alemães pela vida junto à natureza. Não é por acaso que Paulo hoje vive e trabalha à beira da Represa de Guarapiranga, numa área da capital paulista onde a paisagem é só água e mata. E rosas. Das mais diversas cores, tamanhos e texturas.

**PAULO VON POSER** hat seine Vorliebe für Rosen von den Großmüttern. Mütterlichseits war es Edith Göller, Tochter von Deutschen, umsichtige Frau mit grossem kreativen Talent. Sie stickte, schnitzte, schrieb und malte – unter anderem Rosen, wie diejenigen an der Wand der Wohnung in der Paulo wohnte als er von daheim auszog. Zu dieser Zeit zeichnete er die ersten Rosen, die sein künstlerisches Merkmal werden sollten. Als er später seine erste den Rosen gewidmete Ausstellung zusammenstellte schrieb er der Großmutter Edith um ihr für die Inspiartion zu danken. “Das DNA meiner Kunst stammt von ihr”. Von Suely Stumpf, der Großmutter väterlichseits sprossen auch Rosen, aber die roten. Eine kühne Frau, war sie das Gegenteil der anderen Großmutter. Sie hatte es sogar gewagt sich im Porto Alegre der 40er Jahre scheiden zu lassen. Wenn Paulo sich an sie erinnert ist es eine Farbe die ihm im Gedächtnis erscheint. “Alles rote das ich male kommt von meiner Großmutter Suely”. Und da ist auch die Vorliebe für Natur, vor allem was die aufmerksame Beobachtung der Schönheiten der Welt betrifft, wie die alten Naturalisten es taten – dies geht fast allem was Paulo malt voraus. Dies, sagte man ihm, ist Vermächtnis des preussischen Urgroßvaters, der 1852 nach Rio Grande do Sul kam, mit Baronsnamen und –titel: er hieß Karl Hanz Theodore Albert von Poser. Obwohl er nicht Naturalist war, trug er in der Seele die Vorliebe der Deutschen für das naturnahe Leben. Es ist kein Zufall, dass Paulo heute am Ufer des Guarapiranga-Stausees wohnt und arbeitet, ein Gebiet der Stadt São Paulo’s in dem die Landschaft weitgehend aus Wasser und Wald besteht. Und Rosen. In den verschiedensten Farben, Größen und Beschaffenheiten.





**CLÁUDIA SPERB** tinha 4 anos quando perguntou à avó Hildegard de onde vinham as flores. "Do arrotto das cobras", respondeu a Oma. Era sempre assim: nada que viesse da avó paterna era muito convencional, ainda mais quando visto sob a luz da Novo Hamburgo dos anos 1960. Hildegard fora tenista na juventude, criava histórias, compunha poemas – que gostava de escrever em alemão gótico – e era dada a atrevimentos como vestir roupas de crochê sem nada por baixo. Tão avançada era para a sociedade da época que, a certa altura, foi impelida ao autoexílio em Torres, onde Cláudia diz ter passado os melhores invernos de sua infância. "Ela me ensinou o que é mais importante na minha vida." As serpentes reapareceram muito tempo depois, durante uma viagem à Índia, onde Cláudia descobriu o culto à Ananta, divindade em forma de víbora ligada ao conceito de infinito. Desde então, passou a inventar suas próprias serpentes. Primeiro em xilogravuras, depois como mosaicos – e estes cresceram a ponto de tornar-se a paisagem de um parque que ela criou em Morro Reuter, no alto da Serra Gaúcha, onde hoje vive e trabalha. Foi ali que ela rendeu sua homenagem à avó Hildegard, pouco depois de sua morte, aos 84 anos: a gravura de uma cobra arrotando 84 flores. Desde então, Cláudia tem gostado cada vez mais de criar apenas flores. Nada de cobras. Apenas flores brancas, arrotadas na imbuia com o auxílio da goiva. "Acho que este ano me tornei serpente", conclui.

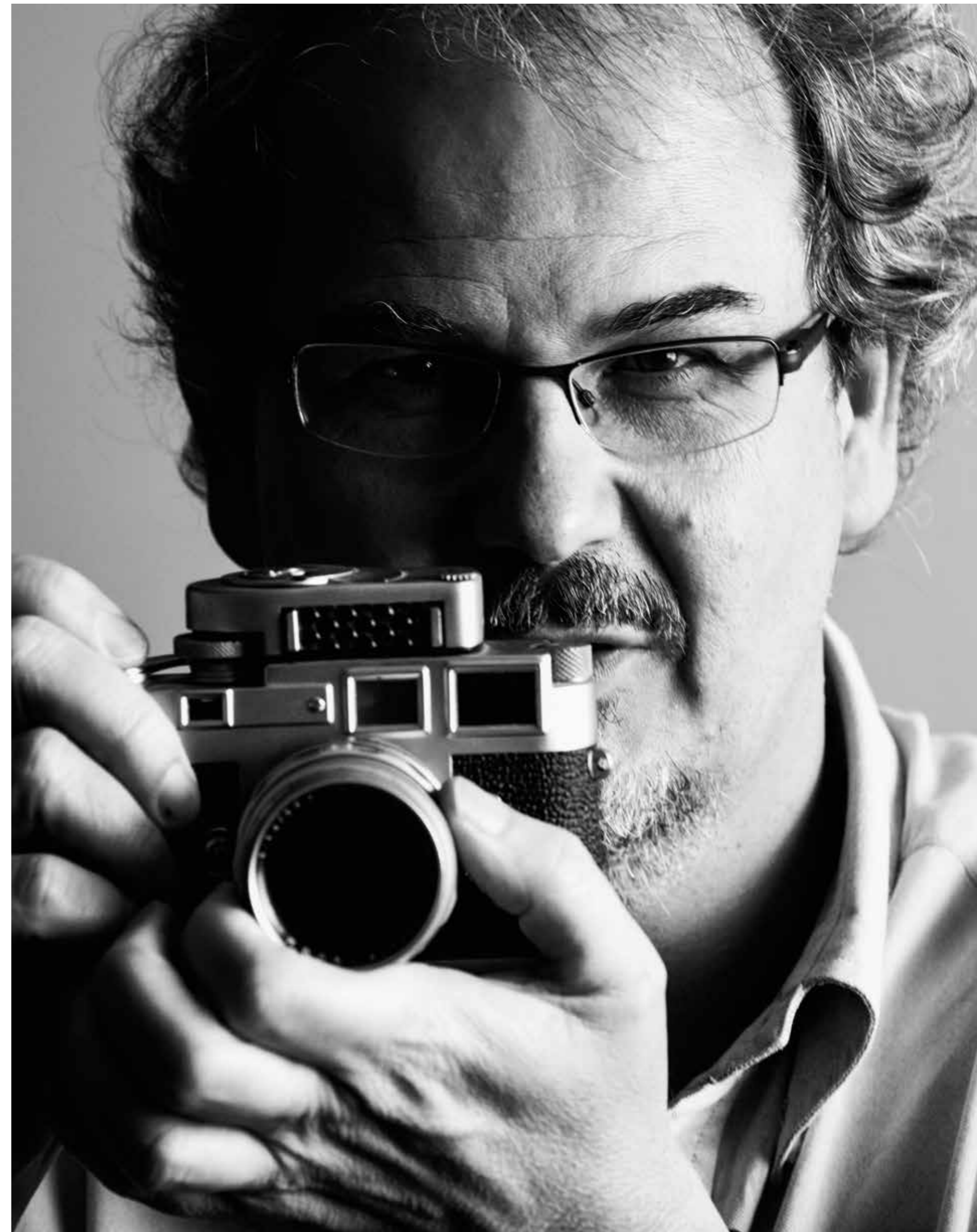
**Cláudia Sperb** war 4 Jahre als sie die Großmutter Hildegard fragte woher die Blumen kamen. "Vom Rülps der Schlangen" antwortete die Oma. Es war immer so: nichts was von der väterlichen Großmutter kam war sonderlich konventionell, besonders vom Gesichtspunkt des Novo Hamburgo der 1960er Jahre. Hildegard war in der Jugend Tennisspielerin gewesen, erfand Geschichten, dichtete – und schrieb dann gerne in gotischer Schrift – und mochte Dreistigkeiten wie gehäkelte Kleider, ohne nichts drunter, zu tragen. Sie war so fortschrittlich für die Gesellschaft ihrer Zeit, dass sie in ein Eigenexil in Torres gedrängt wurde. Claudia sagt sie verbrachte dort die besten Winter ihrer Kindheit. "Sie lehrte mich was in meinem Leben am wichtigsten ist!". Schlangen tauchten viel später wieder in ihrem Leben auf, währen deiner Reise nach Indien, als Cláudia Ananta, eine schlangenförmige Göttin, die mit der Idee des Unendlichen zusammenhängt, kennenlernte. Seitdem begann sie ihre eigenen Schlangen zu erfinden. Zuerste in Holzschnitten, dann in Mosaiken – und diese sind gewachsen bis sie schließlich die Landschaft des Parks den sie in Morro Reuter anlegte, in der Serra Gaúcho, wo sie heute lebt und arbeitet. Dort ehrte sie ihre Großmutter Hildegard, kurz nach ihrem Tod, im Alter von 84: die Gravur einer Schlange die 84 Blumen rülpst. Seither mag Cláudia es immer mehr nur noch Blumen zu schaffen. Keine Schlangen. Nur weiße Blumen, mit dem Beitel in Imbuia-Holz gerülpst. "Ich glaube ich wurde dieses Jahr selbst eine Schlange."





**RICARDO HÄNTZSCHEL** herdou do pai os traços ligeiramente eslavos e duas câmeras fotográficas. Uma Leica M3, "como a do Cartier-Bresson", e uma Zeiss Ikon. *Made in Germany*, ambas. Como chegaram até aqui, ele não sabe. Nem do pai, com quem perdeu contato aos 8 anos de idade, Ricardo sabe muito. Disseram-lhe que seu avô fora um alto dirigente da República de Weimar, fugido para a Áustria em 1933, quando Hitler ascendera ao poder, e depois para o Brasil, com a família, quando o *Führer* dera início a seus delírios expansionistas. E que aqui, no interior do Paraná, morrera assassinado por conflitos de terra. Isso tudo lhe contaram os tios, já que o pai nunca foi muito de versar sobre seu passado. O resto são as recordações de infância, poucas. E entre elas o gosto do pai pela fotografia. "Tinha até um laboratório de revelação em casa", lembra. Em Ricardo essa vocação aflorou depois, por meio de uma madrinha de coração, a dona Yayá, que lhe mostrou as primeiras revelações, e do tio Gerard, que lhe deu sua primeira câmera, uma Agfa. *Made in Germany*, também. Já a opção pela carreira veio ainda mais tarde, aos 22 anos, durante um período sabático no Canadá, onde fez diversos cursos. Foi no mesmo ano, por sinal, em que soube da morte do pai. Agora, Ricardo quer reconstruir a imagem desse pai alemão que pouco conheceu. E que certamente não conhecerá por inteiro, já que são poucas as histórias, as fotografias e as reminiscências que sobraram daquele homem. Mas é provável que Ricardo acabe conhecendo-se a si mesmo, como é de praxe nessas jornadas de resgate. De uns tempos para cá, por exemplo, diz que tem gostado de reter certas coisas apenas na memória. Sem clique. Tanto que não faz questão alguma de manter qualquer registro material de sua busca genealógica. "Eu me libertei da câmera", confessa. "Aprendi a fotografar com o olho."

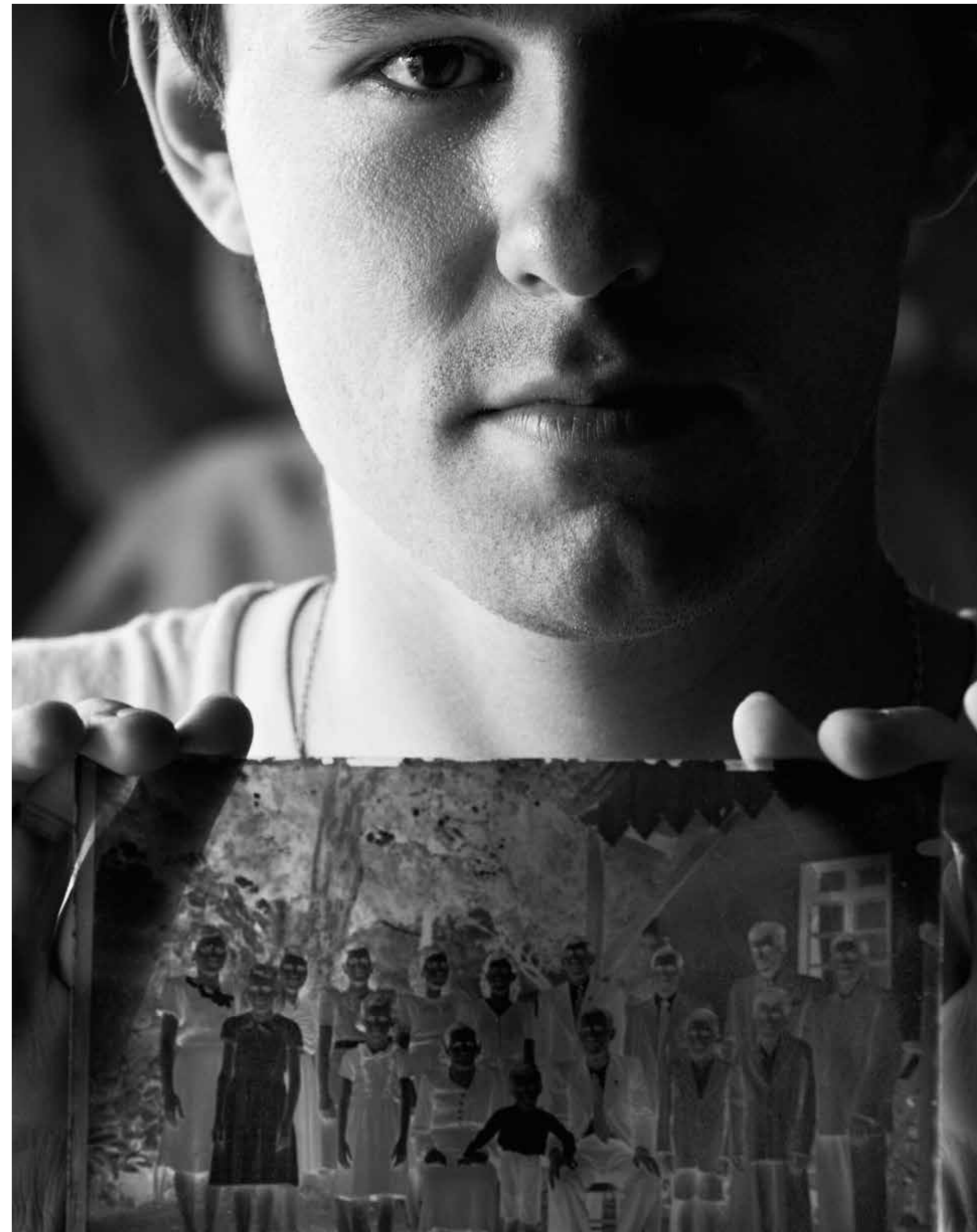
**Ricardo Häntzschel** erbt von seinem Vater die leicht slawischen Züge, das preussische Temperament und zwei Fotokameras. Eine Leica M3, "wie die von Cartier-Bresson", und eine Zeiss Ikon. Beide made in Germany. Wie sie hierherkamen weiß er nicht. Auch vom Vater, mit dem er, achtjährig, Kontakt verlor, weiß Ricardo nicht viel. Man hat ihm gesagt sein Großvater sei eine wichtige Figur der Weimarerrepublik gewesen, 1933 als Hitler an die Macht kam nach Österreich und, als der Führer mit seinem expansionistischen Wahn begann, mit der Familie nach Brasilien geflohen. Hier ist er dann im Innern Paraná wegen Ländereienkonflikt ermordet worden. All dies hat man ihm erzählt, da sein Vater nie sehr bereit war über seine Vergangenheit zu sprechen. Der Rest sind Kindheitserinnerungen, wenige. Darunter die Vorliebe des Vaters für Fotografie. "Er hatte sogar ein Entwicklungslabor zuhause." erinnert er sich. Vom Vater erbt er die Kameras aber nicht das Hobby. Das tauchte später auf, vermittelt von der Patin, Dona Yayá, die ihm die ersten Entwicklungen zeigte und Onkel Gerhard der ihm die erste Kamera schenkte, eine Agfa. Made in Germany, ebenfalls. Die Wahl der Karriere kam noch später, 20jährig, in einer sabatischen Periode in Kanada wo er verschiedene Kurse machte. Es war übrigens dasselbe Jahr in dem er vom Tod seines Vaters erfuhr. Jetzt will Ricardo das Bild dieses deutschen Vaters den er so wenig gekannt hat neu aufbauen. Die Gesamtheit wird er bestimmt nicht kennen, denn es sind wenige Geschichten, Fotos und Erinnerungen die von jenem Mann blieben. Wahrscheinlich ist aber, dass Ricardo sich selbst besser kennenlernen wird, wie bei solchen Untersuchungen üblich ist. Er sagt er bemerkt schon Veränderungen. Die eine war der Drang den er hatte alles zu fotografieren was er sah. Seit einiger Zeit, zieht Ricardo es vor einige Sachen nur im Gedächtnis zurückzuhalten. Ohne Klick. "Ich habe mich von der Kamera befreit" gibt er zu. "Ich habe gelernt mit den Augen zu fotografieren."





**FELIPE KUHN BRAUN** começou colecionando fotos da família, ainda guri. Terminou reconstruindo a memória da colonização alemã no Rio Grande do Sul. No início eram não mais que 50 retratos, armazenados numa caixa na casa da avó paterna, em Novo Hamburgo. Felipe tinha 14 anos e a sede de saber de onde viera. Em busca de informações, foi atrás dos tios, depois dos tios-avós, até chegar aos parentes distantes. Por onde passava, amalhava histórias e imagens. Quando percebeu que todos na região eram, em certa medida, parentes, Felipe estendeu a pesquisa a todo o Vale do Rio dos Sinos. Consultou cartórios, cemitérios, igrejas, além de peregrinar de casa em casa, revirando armários, sótãos e porões com tal de juntar o máximo de fotografias que pudesse. Conseguiu mais de 26 mil imagens até agora, entre cópias e originais, incluindo 80 negativos em vidro, raríssimos. "Hoje me sinto um guardião desse material", diz. E ele não fala apenas dos retratos: sua coleção abarca também itens como uma Bíblia de 1851, trazida pelo tataravô, um sabonete com 80 anos de idade e ainda uma cartilha do governo nazista na qual os cidadãos eram obrigados a anotar o nome de seus antepassados, para comprovar a ascendência ariana. Não bastassem essas preciosidades todas, Felipe ainda compilou um banco de dados onde constam nada menos que 350 mil nomes de imigrantes alemães e seus descendentes. Um tesouro imaterial de valor incalculável que lhe permitiu chegar à sua raiz mais remota: os Heck, instalados em São Leopoldo no ano de 1827. Tecendo laços de parentesco invisíveis, o rapaz descobriu-se um dos 9 mil pentanetos desse único casal.

**FELIPE KUHN BRAUN** begann noch als Junge seine Sammlung Familienfotos. Schliesslich endete es mit einer Rekonstruktion der Geschichte der deutschen Besiedlung in Rio Grande do Sul. Anfänglich waren es nicht mehr als 50 Porträts, in einer Schachtel in Novo Hamburgo bei der mütterlichen Großmutter gelagert. Felipe war 14 Jahre alt und begierig zu wissen wo er herkam. Auf der Suche nach Informationen suchte er Onkel, dann Großonkel und später auch entfernte Verwandte auf. Überall sammelte er Geschichten und Bilder. Als er bemerkte, dass alle in der Umgebung in einem gewissen Maß verwandt waren erweiterte er seine Untersuchung auf das gesamte Sinos-Fluss-Tal. Er befragte Notare, Friedhöfe, Kirchen und wanderte von Haus zu Haus um in Schränken, Keller und Dachböden möglichst viele Fotografien zu sammeln. Bisher hat er 26 Tausend Bilder, Originale und Kopien, darunter 80 sehr seltene Glasnegative. "Ich fühle mich wie der Bewacher dieses Materials." sagt er. Und er spricht nicht nur von den Fotografien: seine Sammlung umfasst auch Sachen wie eine 1851er Bibel die sein Urururgroßvater gebracht hat, eine 80-jährige Seife und eine Fibel der Nazi-Zeit in der die Bürger die Namen ihrer Vorfahren eintragen mussten um arische Abstammung zu belegen. Ausser diesen kleinen Schätzen hat Felipe auch eine Datenbank zusammengestellt in der Namen von mehr als 350 Tausend Einwanderer und ihrer Nachfahren stehen. Ein unermesslicher immaterieller Schatz der ihm erlaubte seine entfernteste Wurzel zu erreichen: die Hecks, die sich 1827 in São Leopoldo niederließen. Er entdeckte einer der Neuntausend Ururururenkel dieses Siedlerpaares zu sein.





Einundvierzigster Jahrgang

# Illustrirte Welt

Deutsches Familienbuch.

Preis bis 30 Pfennig



Hamburg-  
Brasilien  
La P



**LYA LUFT**, quando criança, não bordava, não assava bolos, nem gastava as tardes com qualquer outra atividade à qual uma boa menina de família alemã deveria se dedicar. Lia, apenas. Contos de fadas em alemão, de preferência, como os dos irmãos Grimm. Gostava também de contemplar a mata em torno da cidade gaúcha de Santa Cruz do Sul, onde nasceu, entregue a delírios imaginativos. "Te cuida porque essa menina não vai arranjar marido", diziam as tias à mãe. "Ela lê demais." Botaram-na, então, num internato de freiras luteranas em Novo Hamburgo, para ver se tomava jeito. Saiu de lá dois meses e meio depois, de olhos inchados, de tanto chorar. "Foi a primeira sensação de exílio na minha vida." Regras demais simplesmente não combinavam com a mente de uma garota que, quando lhe diziam que comer sementes de bergamota fazia crescer árvores na barriga, passava a noite esperando o momento, não sem alguma expectativa, em que isso acontecesse. Daí o inevitável: virou escritora. A despeito, porém, dessa cultura de regimentos, tão característica da educação alemã e contra a qual Lya se rebelou, ela reconhece a influência da germanidade em sua escrita. Sobretudo quanto à maneira de extrair poesia das sombras – o que ela chama de "o belo sinistro", descendente direto do universo de Rilke, seu autor preferido, e dos contos infantis europeus; belos, mas cruéis. Afinal, não foram poucos os anos dedicados à exploração da biblioteca do pai, repleta de autores germânicos, muitos dos quais ela própria viria a traduzir depois para o português. Ainda hoje, Lya diz que prefere ler em alemão. "Acho uma língua mais bonita." Contudo, decidiu não ensinar aquele que foi seu primeiro idioma aos filhos. Mais por incentivar o exercício do livre-arbítrio, diz, do que por uma recusa ao passado. Achou mais sensato que crescessem brasileiros, como de fato são – e ela também –, sem o espectro da Alemanha mítica cultivado pelos antepassados, como se isso fosse algum tipo de qualificador. "Acho um insulto quando dizem que somos europeus", protesta. "Eu me sinto tão brasileira quanto uma negra que vende acarajé na Bahia. A diferença é que meus antepassados não vieram acorrentados."

**LYA LUFT**, als Kind, backte nicht, stickte nicht und verbrachte die Nachmittage nicht mit jeglicher anderen Tätigkeit der sich ein braves Mädchen eine deutschen Familie widmen sollte. Sie las nur Märchen auf Deutsch, am liebsten von den Gebrüder Grimm. Sie mochte es auch den Wald um die Stadt Santa Cruz do Sul in der sie geboren war, in Rio Grande do Sul, zu beobachten, in Tagesträumen verloren. "Nimm dich in Acht, sonst besorgt die sich keinen Ehemann" sagten die Tanten ihrer Mutter. "Sie liest zu viel." Sie wurde dann in ein Nonneninternat in Novo Hamburgo gesteckt um zu sehen ob das sie zurechtbog. Zweieinhalb Monate später kam sie mit vom Weinen geschwellenen Augen wieder raus. "Das war das erste Exilgefühl meines Lebens." Übermaß an Regeln passte nicht zum Geist eines Mädchens das als man ihr sagte, dass verschluckte Mandarinenkerne im Bauch zu Bäumen wachsen könnten, die ganze Nacht gespannt darauf wartete es passieren zu spüren. Dann passierte das Unvermeidliche: sie wurde Schriftstellerin. Trotz der Regelmäßigkeit der deutsche Erziehung gegen die Lya sich rebellierte hatte, erkennt sie den Einfluss des Deutschtums auf ihr Schreiben. Vor allem in der Form Poesie aus den Schatten zu locken – sie nennt es "das schöne Düstere", direkter Nachfahre des Universum Rilkes, ihr Lieblingsautor, und der europäischen Märchen; schön aber grausam. Schließlich waren es viele Jahre die sie der Erforschung der Bibliothek voller germanischer Autoren ihres Vaters widmete. Viele würde sie später ins Portugiesische übersetzen. Heute noch zieht sie es vor auf Deutsch zu lesen. "Ich finde es eine schönere Sprache." Sie beschloss aber diese ihre erste Sprache nicht den Kindern beizubringen. Mehr um die Willensfreiheit zu stimulieren als um die Vergangenheit zu leugnen sagt sie. Sie fand es vernünftiger sie als Brasilianer aufwachsen zu lassen, wie sie es ja sind – sie selbst auch –, ohne das Gespenst eines mythischem, von den Vorfahren verehrten Deutschlands. "Ich empfinde es als Beleidigung, wenn man uns Europäer nennt" protestiert sie. "Ich fühle mich so brasilianisch wie eine Negerin die in Bahia Acarajé verkauft. Der Unterschied ist, dass meine Vorfahren nicht in Ketten ankamen."



ROQUETTE

ONARIO  
ONYMOS

Samtliche  
Werke.

1.

Heines  
sämtliche  
Werke.

2.

Samtliche  
Werke.

2.

Heines  
sämtliche  
Werke.

3.

Hein  
sämt  
Wer

4.

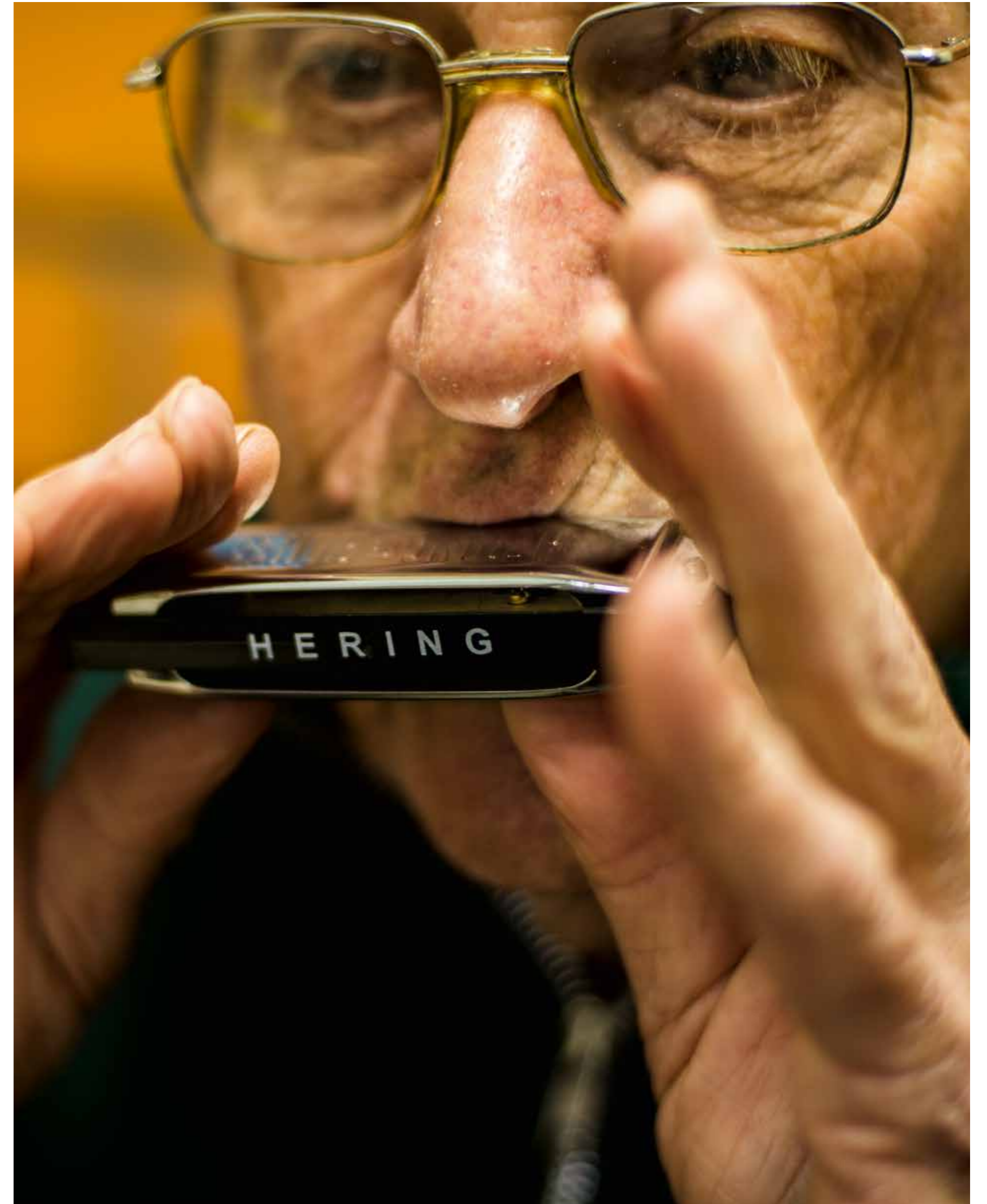
**WILLI BOLLE** soube do Brasil pela primeira vez aos 8 anos de idade. Foi em Berlim, onde nasceu, por meio de um álbum de figurinhas sobre a América do Sul, que vinham de brinde nos potes de margarina. Do sertão soube depois, por volta dos 12, quando leu as aventuras de um alemão por estas terras. Aquilo adormeceu no inconsciente durante anos, até que, por obra do acaso, num curso em Lisboa, o sertão voltou à sua vida por meio de Guimarães Rosa. Naquela altura, Willi já era um estudante de línguas neolatinas e sabia algo de português. O português de Riobaldo era um bocado mais complicado, mas continha um desafio que muito seduzia o futuro professor. "A dificuldade me atraía. Fiquei fascinado pelas palavras." E tal foi a obsessão que sua namorada na época deu-lhe uma camisa estampada com as ilustrações de Poty para a capa de *Grande Sertão: Veredas*. Três meses depois do curso, Willi embarcava em Hamburgo com destino ao Brasil. Chegou ao porto do Rio de Janeiro em 23 de agosto de 1966, de onde foi direto para o Palácio do Itamaraty, onde Guimarães Rosa trabalhava como chefe da Divisão de Fronteiras. Não só conheceu o escritor como ainda ganhou autógrafa em alemão: "Feliz é o homem que tem uma camisa pintada". Como Guimarães soube da camisa permanece um mistério, pois Willi não lhe disse nada. Já em São Paulo, onde veio estudar, o rapaz comprou seu primeiro exemplar de *Grande Sertão: Veredas*. E forrou seu quarto na Rua Melo Alves com todas as 460 páginas do livro. "Eu queria mergulhar na obra." Mergulhou também no sertão físico, pois nem bem chegou ao país, Willi logo embarcou numa gaiola pelo Rio São Francisco, rumo a Juazeiro, na Bahia. Estava selado o destino. Em 1971, depois de fazer o doutorado na Alemanha, Willi mudou-se definitivamente para o Brasil. Hoje professor da USP, é um dos maiores especialistas na obra de Guimarães Rosa.

**WILLI BOLLE** hörte zum ersten Mal von Brasilien als er 8 Jahre alt war. Es war in Berlin, wo er geboren ist, durch eine Figurensammlung über Südamerika, die als Werbegeschenk mit den Margarinepackungen kamen. Vom "sertão" erfuhr er erst später, etwa 12jährig, als er die Abenteuer eines Deutschen in Brasilien las. Dies schlummerte jahrelang in seinem Unterbewusstsein, bis es schließlich, zufällig, in einem Kurs in Lissabon, durch Guimarães Rosa angeregt, wieder erwachte. Mittlerweile war Willi schon Student neolateinischer Sprachen und konnte etwas Portugiesisch. Riobaldo's Portugiesisch war um einiges komplizierter, enthielt aber eine Herausforderung die den künftigen Lehrer lockte. "Die Schwierigkeit zog mich an. Ich war von den Wörtern fasziniert". Die Besessenheit war solchermaßen, dass seine damalige Freundin ihm ein T-Shirt schenkte mit Potys Titelbild für *Grande Sertão: Veredas*. Drei Monate nach dem Kurs, schiffte Willi in Hamburg mit Ziel Brasilien ein. Er kam am 23 August 1966 in Rio an und ging direkt zum Palácio do Itamaraty, wo Guimarães Rosa als Chef der Grenzenabteilung arbeitete. Er konnte nicht nur den Schriftsteller kennenlernen sondern er erhielt auch ein Autogramm auf Deutsch: "Froh ist der Mann mit dem bemalten Hemd". Wie Guimarães von dem Hemd erfahren hatte verbleibt ein Geheimnis, denn Willi hatte nichts erzählt. Schon in São Paulo, wo er studieren wollte, kaufte er sein erstes Exemplar von *Grande Sertão: Veredas*. Mit den 460 Seiten tapezierte er sein Zimmer in der Melo-Alves-Straße. "Ich wollte im Werk eintauchen". Auch im eigentlichen "sertão" ist er eingetaucht, denn kaum im Land angekommen bestieg er ein "gaiola"-Schiff um auf dem São-Francisco-Fluss Richtung Juazeiro zu fahren. Das Schicksal war besiegelt. 1971, nach seiner Doktorarbeit in Deutschland, zog Willi endgültig nach Brasilien. Heute Professor auf der USP, ist er einer der grössten Spezialisten im Werk von Guimarães Rosa.



**ILBERTO MANKE** passa oito horas por dia afinando gaitas. Desde as 5 da manhã, com parada para almoço. Seu trabalho consiste em lixar, uma a uma, as palhetas de latão que vibrarão dentro do instrumento, produzindo o som. A espessura certa definirá a nota exata. É um trabalho de extrema precisão, e Ilberto bem poderia fazer uso de afinadores digitais, com medidas em hertz e tal. Mas não. "Prefiro confiar no meu ouvido." Absoluto, claro. Seu lugar é uma salinha apertada no fundo da fábrica da Hering Harmônicas, em Blumenau, onde trabalha desde os 14 anos. É a mais antiga do Brasil: produz gaitas desde 1923, quando introduziu no país os instrumentos que antes só chegavam importados da Alemanha. Fizeram sucesso imediato, sobretudo entre os descendentes. Vale lembrar que a gaita de boca não só é uma invenção alemã como também parte importante da cultura germânica. O próprio Ilberto chegou a participar de um conjunto folclórico, composto de sete gaitas, na juventude. Depois parou. Mas ainda ouve suas canções preferidas em casa. Diz que gosta das gauchescas. Mesmo com o máximo de concentração diária, o ouvido de Ilberto parece que não se cansa.

**ILBERTO MANKE** stimmt jeden Tag 8 Stunden lang Mundharmonikas. Ab 5 Uhr morgens, mit Mittagspause. Seine Arbeit ist einzeln die Messingblätter zu schleifen die tonerzeugend im Inneren des Instruments vibrieren werden. Die richtige Dicke wird die genaue Note bestimmen. Es ist Arbeit höchster Genauigkeit und Ilberto könnte sehr wohl digitale Stimmgeräte benutzen, mit Messungen in Hertz und so. "Ich traue lieber meinem Gehör". Absolut ist es, klar. Sein Arbeitsplatz ist ein enger Raum in der Fabrik der Hering Harmônicas in Blumenau, wo er seit dem Alter von 14 Jahren arbeitet. Es ist die älteste Fabrik Brasiliens: seit 1923, als sie das Instrument im Land einführte, stellt sie Mundharmonikas her die vorher nur aus Deutschland importiert kamen. Sie machten sofortigen Erfolg, besonders unter den Nachkommen deutscher Einwanderer. Die Mundharmonika ist nicht nur eine deutsche Erfindung, sondern auch ein wichtiger Teil der deutschen Kultur. Ilberto war in der Jugend zeitweise Mitglied einer siebenköpfigen Folkloregruppe Harmonikamusiker. Er hört weiterhin seine Lieblingslieder zuhause. Er sagt die Lieder der Gaúchos seien seine liebsten. Trotz täglicher Höchstkonzentration, scheint Ilbertos Gehör unermüdlich.





2020 HERING BLADES  
palheta Jatoó  
3a Telemecânica

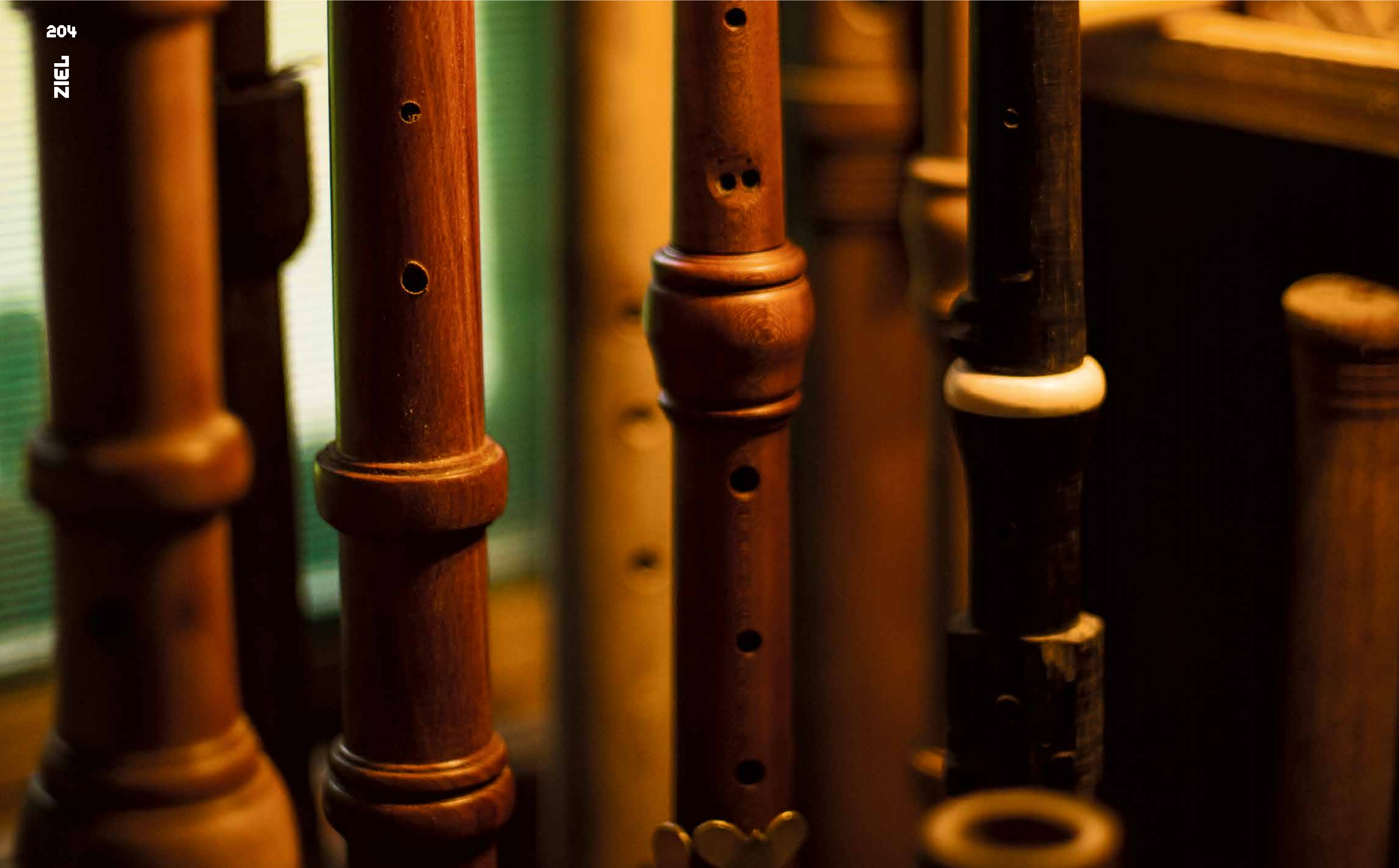
HERING  
MADE IN BRAZIL

HERING  
MADE IN BRAZIL

**HANS HERMANN ZIEL** fabrica flautas de bambu, oboés de jabuticabeira e fagotes de araribá. Acaba de terminar também uma bombardarda de cajueiro-japonês, réplica exata de um modelo renascentista alemão, datado de 1600. Na falta das madeiras originais, que sirvam as de cá. “A jabuticabeira é muito fácil de trabalhar”, diz. Herr Ziel, alemão que se mudou para o Brasil em 1968, divide-se entre a igreja e a música desde os 22 anos, quando construiu seu primeiro instrumento. Uma rabeca. Dividir é modo de dizer, pois na fé luterana, cantar e tocar é o mesmo que rezar. “A música abre o coração para que entre a mensagem de Deus.” Sim, herr Ziel, além de luthier, também é pastor. E multi-instrumentista: toca de violino a trombone de vara. Também rege corais e orquestras locais. E ainda cuida do Museu da Música, em Timbó, que montou em 2003, reunindo seus instrumentos e outros que ele recolheu pelo vale. Hoje aposentado, quase não sai de casa – um chalé no alto do morro, entre Gaspar e Blumenau. Passa os dias ali, entre bem-te-vis e saíras, fabricando ainda mais instrumentos, reproduções irretocáveis de antigos exemplares alemães. Um de seus orgulhos é o órgão de tubos que construiu com os restos de uma velha estante de pinheiro, trazida da Alemanha. Tem teclas de jatobá e fica na sala, ao lado da mesa de jantar.

**HANS HERMANN ZIEL** fertigt Flöten aus Bambus, Oboes aus Jabuticabeira- und Fagotte aus Araribáholz. Aus Cajueiro-Japonês-Holz hat er gerade eine Bombarde, eine genaue Kopie eines deutschen Renaissencemodells des Jahres 1600 fertiggestellt. Mangels der originellen Holzarten, müssen die hiesigen dienen. “Jabuticabeiraholz lässt sich sehr leicht bearbeiten” sagt er. Senhor Ziel, seit 1968 in Brasilien ansässiger Deutscher, teilt seine Zeit zwischen Kirche und Musik auf seit er 22-jährig sein erstes Instrument machte. Eine Geige. Aufteilen ist auch eine Ausdruckssache, denn im lutheranischen Glauben sind singen und spielen dasselbe wie beten. “Die Musik öffnet das Herz der Botschaft Gottes”. Ja, senhor Ziel ist, neben Instrumentenmacher auch Pastor. Und Multiinstrumentalist: er spielt von Geige zur Posaune. Er dirigiert auch örtliche Chöre und Orchester. Und er kümmert sich um das Musikmuseum in Timbó, das er 2003 begründet hat, und das Instrumente versammelt die er selbst gefertigt oder in der Umgebung eingesammelt hat. Heute pensioniert, verlässt er kaum sein Haus – ein Landhaus auf einem Hügel, zwischen Gaspar und Blumenau. Dort verbringt er die Tage unter Bem-Te-Vi- und Saíra-Vögeln, fertigt weitere Instrumente, einwandfreie Kopien alter deutschen Exemplaren. Unter seinen Stützen ist die Orgel die er von den Restes eines alten deutschen Fichtenholzregals gefertigt hat. Die Orgel hat Tasten aus Jatobáholz und steht im Wohnzimmer, neben dem Esstisch.







Para **HELLEN MÜLLER JORDÃO**, tradição alemã tem cheiro, textura e sabor. Desde cedo já ajudava a avó Cecília, bisneta de imigrantes, na cozinha do sítio em Harmonia, interior do Rio Grande do Sul. Especialmente no Natal. Todo ano, depois da missa rezada pelo tio padre – em alemão, claro –, ela gastava a manhã do dia 25 entregue aos preparativos do almoço natalino, dos quais participavam todas as mulheres da família. Aos homens, cabia a responsabilidade de assar o churrasco sob a liderança do tio Lotário. Na cozinha, criavam-se delícias como a salada de batata feita com maionese caseira, o aipim cozido com farofa dourada na banha de porco e as conservas de pepino, de rabanete, de ovo e de repolho. As sobremesas ficavam para a noite anterior: as cucas, a ambrosia, o sagu de vinho tinto e, como não poderiam faltar, os biscoitos enfeitados com açúcar colorido, cujo preparo envolvia todos os netos. E Hellen ali, de olho em tudo, aprendendo, ajudando. Não deu outra. Quando chegou à fase adulta, já estava decidida: virou nutricionista.

Für **HELLEN MÜLLER JORDÃO** hat deutsche Tradition Geruch, Konsistenz und Geschmack. Schon jung half sie ihrer Großmutter Cecília, Urenkelin deutscher Einwanderer, in der Küche des Landgutes in Harmonia, in Rio Grande do Sul. Besonders zu Weihnachten. Jedes Jahr, nach der zu Ehren des Onkels, ein Pfarrer, gesagten Messe – auf Deutsch, klarerweise – verbrachte sie den Vormittag des 25. Dezembertag mit den Vorbereitungen für das Weihnachtsmittagessen an denen alle Frauen der Familie teilnahmen. Verantwortung der Männer war, unter Anführung des Onkels Lotário, der "Churrasco" – das Fleisch zu grillen. In der Küche entstanden Leckerheiten wie Kartoffelsalat mit hausgemachter Majonäse, gekochter Maniok mit in Schmalz goldengerösteter "Farofa", und Konserven: Gurke, Radieschen, Eier, Kohl. Die süßen Gerichte waren schon am Vortag gegessen worden: "Cucas", "Ambrosia"-Pudding, mit Rotwein bereiter "Sagu" und die unentberlichen mit buntem Zucker konfitierten Kekse deren Zubereitung alle Enkel umfasste. Und Hellen war immer dabei, aufmerksam beobachtend, helfend, lernend. Als sie erwachsen wurde, hatte sie schon beschlossen: sie wurde Ernährungswissenschaftlerin.





**KERSTIN VON RAUTENFELD** tem seis tatuagens no corpo e uma mecha roxa no cabelo, mas na hora de assar pães e biscoitos, prefere honrar a tradição. Os pães, ela os faz tal como aprendeu com a avó paterna. Fermento natural incluído, que Kerstin guarda e cultiva na geladeira como se fosse segredo de família – e talvez seja mesmo. Os biscoitos, por sua vez, são ensinamento da avó materna, praticado desde a infância, anos a fio, sempre nas semanas que antecedem o Natal. Há segredos ali também, sobretudo no que diz respeito à exata combinação das especiarias. Só um desses biscoitos, o *Pfeffernuss*, leva 12 temperos diferentes, veja só. Adaptações, porém, foram necessárias. Como o açúcar, por exemplo. "As receitas originais, trazidas da Alemanha, eram com açúcar de beterraba", ela explica. Transpostas para o Brasil, onde o açúcar vem da cana, ficaram doces demais. E lá se foram alguns tantos experimentos até encontrar o sabor e a textura na medida certa. Já o pão de centeio da avó paterna – o *Vollkornbrot* – ficou mais nutritivo: ganhou painço, sementes de girassol e castanha-do-pará. Mas as ousadias param por aí. Quem provar, há de sentir na primeira mordida o gosto da Alemanha, meticulosamente preservado numa cozinha da Serra da Cantareira, em São Paulo, onde Kerstin trabalha com a ajuda da mãe. Quem vê o cabelo roxo, até duvida de que Kerstin é a artesã por trás de tudo aquilo. "As pessoas não acreditam que sou eu que faço. Acham que é a minha mãe", diverte-se.

**Kerstin von Rautenfeld** hat sechs Tätowierungen und eine lila Haarsträhne, aber wenn es um Brot- und Keksbacken geht ehrt sie lieber die Traditionen. Die Brote macht sie wie von der Großmutter väterlichseits gelernt. Einschließlich der Hefe, die Kerstin im Kühlschrank züchtet und aufbewahrt als wäre sie ein Familiengeheimnis – vielleicht ist sie es auch. Das Keksebacken lehrte sie die Großmutter mütterlichseits und wurde seit der Kindheit, jahrelang immer in den Wochen vor Weihnachten geübt. Hier gibt es auch Geheimnisse, vor allem was die genaue Kombination der Gewürze betrifft. Für einen einzigen Keks, dem Pfeffernuss, sind zwölf verschiedene Gewürze nötig! Anpassungen sind aber nötig gewesen. Der Zucker, zum Beispiel. "Die ursprüngliche Rezepte, wie sie aus Deutschland kamen, waren mit Rübenzucker" erklärt sie. Auf Brasilien übertragen, wo Rohrzucker benutzt wird, wurden sie zu süß. Jahrelanges Experimentieren war nötig um Geschmack und Textur richtig hinzukriegen. Das Vollkornbrot wurde nahrhafter: es sind Hirse, Sonnenblumenkerne und Paranüsse hinzugekommen. Das war aber das Maß der Dreistigkeiten. Wer kostet wird schon beim ersten Biss den Deutschlandgeschmack bemerken, sorgfältig erhalten in der Küche in der Serra da Cantareira, in São Paulo, in der Kerstin mit Hilfe ihrer Mutter arbeitet. Wer ihr lila Haar sieht bezweifelt, dass sie es ist die hinter all dem steckt. "Die Leute glauben nicht, dass ich es zubereite. Sie glauben es ist meine Mutter" sagt sie vergnügt.





**HARRY PISEK** fabrica salsichas desde os 14 anos. As primeiras ele aprendeu a fazer com um alemão de Ulm, dono de um restaurante no bairro do Brooklin, em São Paulo, seu primeiro emprego. Logo a vocação veio à tona e em menos de um ano o rapaz já estava embarcando para Stuttgart, de onde só voltou depois de concluir o curso de especialização em embutidos. Foram três anos na Alemanha, aprendendo tudo sobre a arte da salsicha. Hoje Harry é uma espécie de embaixador dos embutidos no Brasil. Ninguém os faz como ele no país. Nem na Alemanha, onde o uso de ingredientes é mais restrito. Quem duvidar, que vá conhecer o restaurante que leva seu nome em Campos do Jordão, tido como o melhor alemão do Brasil. Para achar é fácil: na estrada para o Horto, procure pelo totem em forma de salsicha na entrada, com a assinatura do chef embaixo. Lá dentro, 15 variedades do embutido, feitas à mão pelo próprio Harry, esperam os comensais. Tem até salsicha de chocolate com pimenta.

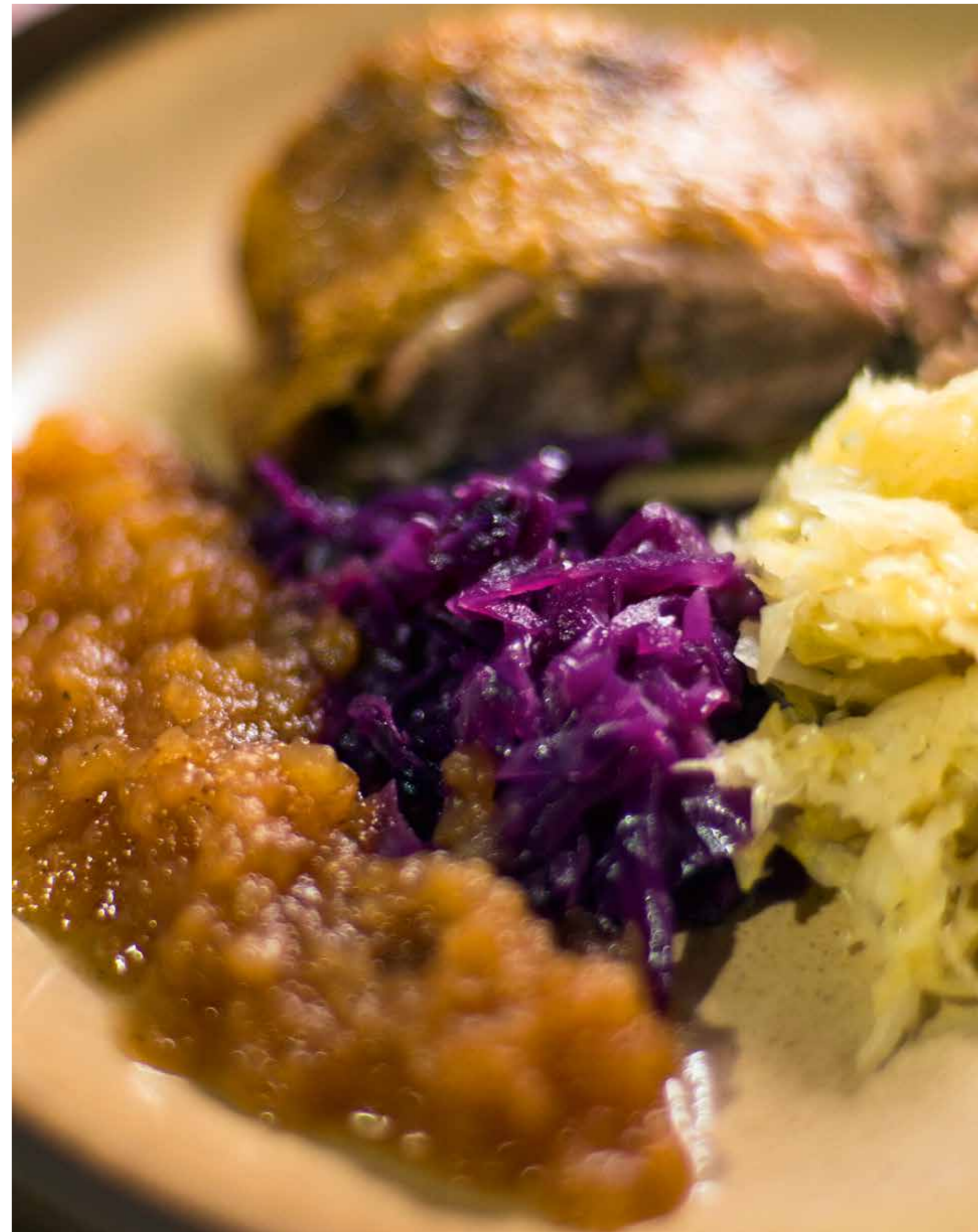
**HARRY PISEK** stellt seit er 14 ist Würste her. Die ersten hat er von einem Deutschen aus Ulm, Besitzer eines Restaurants im Stadtteil Brooklin – seine erste Arbeitsstelle, machen gelernt. Sehr bald machte sich seine Berufung bemerkbar und in weniger als einem Jahr reiste der Junge nach Stuttgart zu einem Spezialisierungskurs in Aufschnitten. Es waren drei Jahre in denen er alles über die Kunst der Würste erlernte. Heute ist Harry eine Art Botschafter der Aufschnitte in Brasilien. Keiner im Land macht sie wie er. Auch nicht in Deutschland, wo der Einsatz von Zutaten beschränkter ist. Wer es bezweifelt, der gehe das Restaurant seines Namen in Campos do Jordão kennenlernen, als das beste deutsche Restaurant Brasiliens angesehen. Es ist einfach zu finden: auf dem Weg nach Horto suche man nach einem wurstförmigen Totem mit des Chefs Namen drunter. Drinnen erwarten fünfzehn Sorten Aufschnitt die Tischgenossen, handgemacht persönlich von Harry. Sogar Schokoladenwurst mit Pfeffer gibt es.





**RECEITA DE MARRECO RECHEADO.** Primeiro: tempere a carne do animal com sal e pimenta. Depois, triture suas vísceras com pão, farinha, tomate, toucinho e temperos, até formar uma massa consistente. Recheie o marreco com a massa e, por fim, ponha-o para assar por duas horas. *Guten appetit:* está pronta a iguaria mais germânica de Santa Catarina. Acompanhamento obrigatório: *Rotkohl*, repolho roxo. Acompanhamentos opcionais: salada de batatas, purê de maçã, chucrute e aipim – o único ingrediente que os colonos alemães tomaram emprestado dos índios brasileiros. Todo o resto é tal como na Alemanha. Onde consumir: restaurante Abendbrothaus, em Vila Itoupava, distrito de Blumenau. Para muitos, o melhor do país. Apreciadores mais fanáticos podem também considerar a Festa Nacional do Marreco, que há três décadas anima os outubros na cidade de Brusque. Na edição de 2013, as estatísticas oficiais contaram 3.193 marrecos consumidos em 12 dias de festa.

**REZEPT FÜR GEFÜLLTE ENTE:** Man würze zuerst das Fleisch mit Salz und Pfeffer. Dann mahlt man die Eingeweide mit Brot, Mehl, Tomate, Speck und Gewürzen bis sich eine konsistente Masse bildet. Man fülle die Ente mit dieser Masse und brate sie dann zwei Stunden lang im Ofen. Guten Appetit : das germanischste Gericht Santa Catarinas ist fertig. Unbedingte Beilage: Rotkohl . Zusätzliche Wahlbeilagen: Kartoffelsalat, Apfelmus, Sauerkraut und Maniok – einzige Zutat die die deutschen Siedlern von den Indianern übernommen haben. Der gesamte Rest ist genau so wie in Deutschland. Wo zu genießen: Restaurant "Abendbrothaus", in Vila Itoupava, Distrikt von Blumenau. Begeisterte Genießer können auch die "Festa Nacional do Marreco" die seit drei Jahrzehnten in Brusque stattfindet erwägen. 2013 wurden dort während den zwölf Tagen der Feier, laut offizieller Statistik, 3193 Enten verzehrt.



**GEORG NUBER**, em matéria de cerveja, não abre mão da receita do avô. Ousa até desafiar a tal Lei da Pureza, cravada na Alemanha no ano de 1516 e ainda hoje propagada pelas cervejarias daqui como atestado de qualidade. "Essa é uma característica alemã", diz. "Não tem nada a ver com o Brasil." É por isso que Georg defende o uso de ingredientes nacionais, tal como fazia em casa o avô Paul, alemão da Baviera, na zona rural de Timbó. Não que fosse requinte: quem, 50 anos atrás, haveria de garantir a oferta de cevada no Vale do Itajaí, ainda hoje em grande parte importada da Argentina? Daí a receita: dois terços de cevada, um terço de arroz. E o que era necessidade virou bandeira: em 2004, quando Georg trocou o negócio de recauchutagem de pneus que herdara do pai pela microcervejaria Heimat, em Indaial, lembrou-se das lições do avô para os tempos de escassez. Botou no mercado a velha receita e fez uma cerveja ainda melhor. E como os tempos agora são de fartura, 30 mil litros de cerveja hoje jorram todo mês dos tanques da Heimat.

**Georg Nuber** verzichtet, wenn es um Bier geht, keinesfalls auf das Rezept seines Großvaters. Er fördert dazu sogar ein gewisses Reinheitsgebot, das 1516 in Deutschland erlassen wurde und von hiesigen Brauereien als Qualitätzeugnis aufgewiesen wird, heraus. "Das ist eine deutsche Eigenschaft" sagt er, "das hat nichts mit Brasilien zu tun". Das ist der Grund warum er Nutzung nationaler Zutaten vertritt, wie Großvater Paul, Deutscher aus Bayern, es zuhause im ländlichen Timbó machte. Das war keine Feinheit: wer könnte schon vor 50 Jahren das Gersteangebot im Itajaí-Tal sichern; selbst heute kommt noch ein Großteil aus Argentinien. Daher das Rezept: zwei Drittel Gerste, ein Drittel Reis. Und die Notwendigkeit wurde zum Motto: 2004, als er das vom Vater geerbte Reifenrunterneuerungsgeschäft zugunsten der Mikrobrauerei "Heimat" in Indaial verließ, erinnerte er sich an das Notzeitrezept des Großvaters. Er brachte das alte Rezept auf den Markt und machte ein noch besseres Bier. Und da diese Zeiten üppig sind quellen monatlich 30 Tausend Liter aus den Tanks der "Heimat".





“Pois apesar de tudo estamos satisfeitos, e por nada no mundo deixaríamos o nosso mato para voltar à civilizada Europa”

Fritz Müller,  
1852

“TROTZ ALLEM SIND  
WIR ZUFRIEDEN  
UND UM NICHTS  
AUF DER WELT  
WÜRDEN WIR  
UNSEREN WALD  
VERLASSEN UM IN  
DAS ZIVILISIERTE  
EUROPA  
ZURÜCKZUKEHREN”

MATTHIAS ENGELMAN  
VON BERGENHAUSEN  
1859.



**MELITTA BENTZ**, dona de casa em Dresden, não gostava dos coadores de pano. Davam trabalho de lavar, dizia. Fora a borra de café que deixavam na xícara. Então, num certo dia de 1908, ela se propôs a encontrar um novo jeito de fazer café. Com uma agulha, criou cinco furos no fundo de uma caneca de latão e, por cima, pôs uma folha de mata-borrão, tirada do caderno de escola de seu filho Willy. Estava inventado o filtro de papel. E tal foi o sucesso que Melitta e sua família logo montaram loja e fábrica, batizadas com o nome da inventora. Na década de 20, os coadores de papel e seus respectivos suportes – na época ainda de cerâmica – já estavam correndo o mundo. Ao Brasil, os filtros da Melitta chegaram só em 1968, quando os suportes já eram os de plástico que conhecemos hoje. No país do cafezinho, ainda reinam soberanos. Só não aposentaram de vez os coadores de pano porque, ao contrário da senhora Melitta Bentz, ainda tem gente que gosta deles por aqui.

**MELITTA BENTZ**, Hausfrau in Dresden mochte keine Kaffeefilter aus Stoff. Die sind mühsam zu waschen, sagte sie. Außerdem blieben Rückstände Kaffeepulver in der Tasse. Eines Tages in 1908 nahm sie sich vor eine neue Form Kaffee zu brauen zu finden. Mit einer Nadel machte sie fünf Löcher im Boden eines Messingbechers und legte ein Blatt Löchpapier, das sie aus einem Heft ihres Sohns nahm, drüber. Der Papierfilter war erfunden. Und der Erfolg war dermaßen groß, dass Melitta und ihre Familie bald ein Geschäft und eine Fabrik, nach der Erfinderin benannt, eröffneten. In den 20er Jahren waren die Papierfilter und die dazugehörigen Ständer – damals noch aus Keramik – schon dabei die Welt zu erobern. Nach Brasilien kamen sie erst 1968, als die Ständer schon die heutigen, aus Plastik, waren. Im Land des "cafezinho" sind die Stofffilter nur noch nicht pensioniert, weil es noch Leute gibt die, anders als Frau Melitta Bentz, sie noch bevorzugen.



Na **CRISTAL BLUMENAU**, 90 homens, em esforço diário, tentam não deixar uma tradição morrer. Começam pontualmente às 5, quando o dia ainda está escuro e a luz amarela que irradia dos fornos parece brilhar mais forte que a lua. Os fornos não param: estiveram ardendo à noite inteira, convertendo a areia no mel incandescente que depois será cristal. Os homens consumirão oito horas de seu dia suando no galpão, dedicados a um método artesanal que quase não muda há 2 mil anos, desde quando os artesãos do vale do Reno tornaram-se os mestres do vidro soprado na Europa. Esta é a maior e mais antiga das fábricas de cristal que resistem na região de Blumenau, criada há cerca de 40 anos por dois empresários de origem alemã. Manteve-se bem até a década de 90, quando os cristais baratos chineses quase levaram a fábrica à falência. Só sobreviveu porque o contador da empresa, em nome dos funcionários, assumiu o negócio em 2005. Mas o desafio continua. “Estamos tendo uma sobrevida”, resume o inspetor de qualidade Eduardo Costa.

In der **CRISTAL BLUMENAU** versuchen neunzig Männer, in täglicher Anstrengung eine Tradition am Leben zu halten. Sie beginnen pünktlich um 5 Uhr, der Tag ist noch dunkel und das gelbliche Licht das von den Öfen scheint stärker zu strahlen als der Mond. Die Öfen ruhen nicht: sie haben die ganze Nacht durch gebrannt um Sand in den glühenden Honig zu verwandeln, der bald Kristall sein wird. Die Männer werden acht Stunden ihres Tages in der Halle schwitzen, einer handwerkshaftlichen Arbeitsform gewidmet die sich seit 2 Tausend Jahre kaum geändert hat, seit Handwerker des Rheintals die Meister des geblasenen Kristalls wurden. Diese ist die grösste und älteste überlebenden Kristallfabriken in der Umgebung von Blumenau. Vor ca 40 Jahre von zwei Unternehmern deutschen Ursprungs gegründet, hat sie sich gut gehalten bis in die 90er Jahre, als die billigen chinesischen Kristalle sie fast in die Pleite getrieben haben. Sie hat nur überlebt, weil der Buchhalter das Geschäft im Namen der Arbeiter übernommen hat. Die Herausforderung, aber, steht weiterhin. “Bisher haben wir überlebt” fasst der Qualitätsinspektor Eduardo Costa zusammen.





**SILVANA PUJOL** pinta ovos há 50 anos. E jura que nunca se cansou. “Para mim, lembra a infância.” É costume alemão: nos dias que antecedem a Páscoa, as avós ensinam as crianças a decorar as cascas, que depois serão recheadas com balas e doces. Silvana, que é de origem alemã – Hiendlmayer é o sobrenome da família –, também aprendeu assim. Com a avó Elsa, no caso. E o que era passatempo virou ofício. Bem cedo, até: Silvana conta que comercializou seu primeiro ovo aos 7 anos. O preço? “Negociei 15 minutos de volta numa bicicleta Caloi.” Hoje ela é reconhecida como uma das mais importantes artesãs de Pomerode, pura expressão da cultura de matriz germânica. Instalada na casa que foi de sua avó, gasta os dias enfeitando ovos com paciência e precisão de neurocirurgiã. Sem limite de tamanho: dos pequeníssimos, de lagartixa, aos de avestruz, não há ovo que não cintile sob os pincéis de Silvana Pujol.

**Silvana Pujol** bemalt Eier seit 50 Jahren. Und sie schwört sie ist es nie leid geworden. “Mich erinnert es an Kindheit”. Es ist ein deutscher Brauch: in den Tage kurz vor Ostern bringen die Großmütter den Kindern bei die Schalen, die nachher mit Süßigkeiten gefüllt werden, zu schmücken. Silvana, die deutsche Ursprungs ist – sie ist geborene Hiendlmayer – hat es auch so gelernt. Von der Großmutter Elsa, in ihrem Fall. Und der Zeitvertreib wurde zum Beruf. Sehr früh sogar: Silvana erzählt sie tat ihr erstes Ei im Alter von 7 Jahren vermarktet. Der Preis? “Ich habe es gegen eine 15-Minutenfahrt auf einem Caloi-Fahrrad getauscht”. Heute ist sie anerkannt als eine der wichtigsten Handwerkerinnen Pomerodes, reinster Ausdruck des deutschgeprägten Kulturexpression. Im Haus ihrer Großmutter eingerichtet, verbringt sie die Tage damit Eier mit der Geduld und Genauigkeit einer Neurochirugin zu verzieren. Ohne Größenbeschränkungen: von den winzigen Eidechseiern bis zum Straußvogelei, es gibt keins das Silvana Pujols Pinsel nicht zum Glanzstück machen.



Nas oficinas do **PROJETO ARTE EM MADEIRA**, em Pomerode (SC), dezenas de goiabeiras, jabuticabeiras, pitangueiras e outras árvores da flora nacional são transformadas na mais pura expressão da cultura alemã. Desde 2012, a prefeitura mantém um lugar no centro da cidade todo dedicado à arte da tornearia. Ali, alunos das mais diversas idades aprendem a dominar o formão com o objetivo de fabricar bonecos de madeira idênticos aos produzidos na Saxônia. Quem ensina é Sandra Prochnow Greul, enviada pela prefeitura às montanhas Erzgebirge, berço dessa arte na Alemanha, só para aprender todos os segredos da técnica. Quem vê o resultado, nem diz que foi feito no Brasil.

In den Werkstätten de **PROJETS ARTE EM MADEIRA** in Pomerode (SC), werden zahlreiche Goiabeira-, Jabuticabeira-, Pitangueirastämme, unter anderen brasilianischen Baumarten in Ausrück reinster deutscher Kultur verwandelt. Seit 2012 unterhält die kommunale Verwaltung dort ein der Drechselkunst gewidmetes Zentrum. Dort lernen die Schüler aller Alter das Stecheisen zu meistern um Holzfiguren zu schaffen die denen aus Sachsen identisch sind. Es unterrichtet Sandra Prochnow Greul die ins Erzgebirge, Ursprung dieser Kunst, geschickt wurde um ihre Geheimnisse zu erlernen. Wer das Ergebnis sieht, würde nicht sagen, dass es in Brasilien gefertigt wurde.



## DANKSAGUNGEN AGRADecIMENTOS

- Cristal Blumenau
- Escola Básica Municipal Olavo Bilac (Pomerode)
- Departamento de Documentação da Editora Abril – Dedoc
- Fundação Conrado Wessel
- Fundação Odebrecht
- Hering Harmonica (Blumenau)
- Instituto Martius-Staden
- Museu da Cerveja (Blumenau)
- Museu do Imigrante (Blumenau)
- Museu Fritz Müller (Blumenau)
- Museu Hering (Blumenau)
- Museu Histórico de São Leopoldo
- Rota Colonial Baumschneis (Dois Irmãos)
- Secretaria de Cultura e Esporte de Blumenau
- Secretaria de Cultura e Esporte de Pomerode

É um agradecimento especial às pessoas e empresas que foram fundamentais para a pesquisa e a realização deste livro. São elas:

- Toda a equipe do Grupo Baumgart (Cidade Center Norte e da Vedacit), por acreditar no projeto e permitir o acesso aos arquivos da família Baumgart.
- Felipe Kuhn Braun, por nos abrir seu arquivo de mais de 25 mil imagens e conduzir nossa equipe pela zona rural do Rio Grande do Sul em busca dos remanescentes da colonização alemã.
- Beto Ramlow, pelo acesso às comunidades alemãs de Pomerode.
- Rubens Fernandes, pelos dados sobre Conrado Wessel e pelas informações que nortearam nossas pesquisas.

Agradecemos também a todas as empresas que constam neste livro, pelas informações fornecidas e pelas imagens históricas e a todos os alemães e descendentes que prestaram seu depoimento e nos concederam sua imagem, por permitir que sua história e a de sua família se perpetuem nas páginas deste livro.

Und besonderen Dank den Personen und Firmen die zur Recherche und Durchführung dieses Buches wesentlich gewesen sind:

- Die gesamte Mannschaft der Cidade Center Norte und der Gruppe Otto Baumgart, die an dieses Projekt geglaubt haben und den Zugang zum Archiv der Familie Baumgart erlaubt haben.
- Felipe Kuhn Braun, der uns sein Archiv von über 25 Tausend Bildern eröffnet hat und unser Team durch ländliche Bezirke von Rio Grande do Sul auf Suche nach Überbleibseln der deutschen Siedlung geführt hat.
- Beto Ramlow, für den Zugang zu den deutschen Gemeinden in Pomerode.
- Rubens Fernandes, für die Informationen über Conrado Wessel und die Angaben die unsere Recherche orientiert haben.

Allen Firmen die im Text aufgeführt werden für die erhaltene Informationen und die historischen Bilder.

Allen Deutschen und ihren Nachfahren für ihre Aussagen und die Erlaubnis ihre Bilder, ihre Geschichte und die ihrer Familien in die Seiten dieses Buches aufzunehmen.

## QUELLENVERZEICHNIS DER HISTORISCHEN BILDER CRÉDITOS DE IMAGENS HISTÓRICAS

Páginas 18 e 19 – Irmãos Baumgart, da esquerda para a direita, em pé, Hermann e Otto; sentados, Osvaldo e Richard – arquivo pessoal da família Baumgart

S. 18 und 19 – Brüder Baumgart, von links nach rechts, stehend Hermann und Otto, sitzend Osvaldo und Richard – Archiv der Familie Baumgart

Página 25 – Fábrica da Hering – acervo do Museu Hering

S. 25 – Hering-Fabrik – Museu Hering

Página 29 – Primeiro ônibus monobloco do Brasil – acervo da Mercedes-Benz do Brasil

S. 29 – Erster Monocoquefahrgestellbus in Brasilien – Mercedes-Benz do Brasil

Página 33 – Hermann Bruno Otto Blumenau – acervo da Secretaria de Cultura de Blumenau

S. 33 – Hermann Bruno Otto Blumenau – Secretaria de Cultura de Blumenau

Página 35 – Emil Odebrecht – acervo da Fundação Odebrecht

S. 35 – Emil Odebrecht – Fundação Odebrecht

Página 37 – Fritz Müller – acervo do Instituto Martius-Staden

S. 37 – Fritz Muller - Instituto Martius-Staden

Página 38 – Pintura de Johann Moritz Rugendas – acervo da Biblioteca Nacional

S. 38 – Gemäld von Johann Morritz Rugendas – Biblioteca Nacional

Página 113 – Anúncio publicado na revista *Claudia*, da Editora Abril, em 1964

S. 113 – Anzeige der Illustrierten '*Claudia*' – Editora Abril, 1964

Página 117 – Anúncio publicado na revista *Claudia*, da Editora Abril, em 1964

S. 117 – Anzeige der Illustrierten '*Claudia*' – Editora Abril, 1964

Página 129 – Conrado Wessel – acervo da Fundação Conrado Wessel

S. 129 – Conrado Wessel – Fundação Conrado Wessel

Página 131 – Linha de montagem do primeiro caminhão produzido no Brasil – acervo da Mercedes-Benz do Brasil.

S. 131 – Fliessband des ersten in Brasilien gefertigten LKWs – Mercedes-Benz do Brasil.

Página 153 – Imagem aérea da Zona Norte, onde hoje é a Cidade Center Norte – arquivo pessoal da família Baumgart

S. 153 – Luftaufnahme vom nördlichen São Paulo, wo heute die Cidade Center Norte liegt – Archiv der Familie Baumgart

Páginas 154 e 155 – Curt Walter Otto Baumgart – Carlos Fenerich/Dedoc Abril

S. 154 und 155 – Curt Walter Otto Baumgart – Carlos Fenerich/Dedoc Abril

Páginas 161, 162 e 163 – Colégio Porto Seguro – acervo do Instituto Martius-Staden

S. 161, 162 und 163 – Colégio Porto Seguro – Instituto Martius-Staden





Valdemir Cunha nasceu em São Paulo, em 1966. Formou-se em jornalismo na Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero e se especializou em fotografia de cultura, povo e geografia brasileira. Trabalhou durante 20 anos nas principais publicações de turismo e meio ambiente do país, entre elas as revistas *Viagem e Turismo* e *Os Caminhos da Terra*, como editor de fotografia e editor executivo. Tem 14 livros publicados, entre eles *Pantanal*, *O Último Éden* (DBA, 2007), *Brasil Natural* e *Brasil Litoral* (Ed. Origem, 2011 e 2013), *Serra da Mantiqueira* (Ed. Horizonte, 2012), *Viagem à Bahia de Jorge Amado* (Ed. Abril, 2012) e *Brasil Invisível* (Ed. Origem, 2012). Hoje é publisher da Editora Origem e um dos principais fotógrafos documentaristas especializados em Brasil.

Valdemir Cunha ist 1966 in São Paulo geboren. Er hat auf der Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero Journalismus studiert und sich auf Fotografie brasilianischer Kultur, Geografie und Bevölkerung spezialisiert. Zwanzig Jahre lang arbeitete er für die wichtigsten Tourismus- und Umweltzeitschriften Brasiliens, darunter *Viagem e Turismo* und *Os Caminhos da Terra*, als Fotografieeditor und Führungsleiter. Er hat vierzehn Bücher veröffentlicht, wie *Pantanal*, *O Último Éden* (DBA, 2007), *Brasil Natural* und *Brasil Litoral* (Ed. Origem, 2011 und 2013), *Serra da Mantiqueira* (Ed. Horizonte, 2012), *Viagem à Bahia de Jorge Amado* (Ed. Abril, 2012) und *Brasil Invisível* (Ed. Origem, 2012). Heute ist er Verleger der Origem und einer der wichtigsten spezialisierten Dokumentarfotografen Brasiliens.



Xavier Bartaburu nasceu em São Paulo, em 1976. Formou-se em jornalismo na ECA-USP e foi editor da revista *Os Caminhos da Terra*, onde publicou mais de 50 reportagens produzidas em dezenas de viagens ao redor do Brasil e do mundo. Hoje escreve livros sobre o patrimônio cultural, histórico e ambiental do Brasil. Já são 14 títulos publicados, entre os quais *Pantanal: O Último Éden* (com fotos de Valdemir Cunha, Ed. DBA); *Entretrópicos* (relato de expedição em catamarã de Beto Pandiani, Ed. Terra Virgem); *Atelier Cité: Paixões Declaradas* (sobre trabalho das pintoras Isabelle Tuchband e Verena Matzen); *Viagem à Bahia de Jorge Amado* (com fotos de Valdemir Cunha, Ed. Abril); *Brasil Invisível* (com fotos de Valdemir Cunha, Ed. Origem); *Santa Luzia: A História de uma Marca da Gastronomia Paulistana* (Ed. Grifo) e *Santos* (com fotos de Araquém Alcântara, Ed. Terra Brasil).

Xavier Bartaburu ist 1976 in São Paulo geboren. Er hat auf der ECA-USP Journalismus studiert und war Editor der Zeitschrift *Os Caminhos da Terra* wo er über fünfzig Reportagen, Ergebnis zahlreicher Reisen in Brasilien und rund um die Welt, veröffentlicht hat. Heute schreibt er Bücher über das historische und kulturelle Erbe Brasiliens. Schon vierzehn Bücher wurden veröffentlicht, darunter *Pantanal: O último Éden* (mit Fotografien von Valdemir Cunha, ed. DBA); *Entretrópicos* (Bericht der Katamaranreise von Beto Pandiani, ed. Terra Virgem); *Atelier Cité: Paixões Declaradas* (über das Werk der Malerinnen Isabelle Tuchband und Verena Matzen); *Viagem à Bahia de Jorge Amado* (mit Fotografien von Valdemir Cunha, ed. Abril); *Brasil Invisível* (mit Fotografien von Valdemir Cunha, ed. Origem); *Santa Luzia: A História de uma Marca da Gastronomia Paulistana* (ed. Grifo) und *Santos* (mit Fotografien von e Araquém Alcântara, ed. Terra Brasil).



Eli Sumida nasceu em Registro (SP) em 1962. É coordenador de arte na Unidade de Projetos Editoriais do jornal *Valor Econômico*. Já atuou nas revistas *Bizz* (diagramação), *Saúde*, *Terra*, *Próxima Viagem* e *Golf+* (como editor de arte). Vem elaborando projetos gráficos de livros, entre eles o da aquarelista *Sylvia Amélia Hungria Machado de Orleans e Bragança* (finalista do Prêmio Jabuti – Projeto Gráfico/2009 – Luste Editores); do artista plástico *Paulo von Poser* (finalista do Prêmio Jabuti - Projeto Gráfico/2010- Luste Ed.); o livro *Pantanal*, de Valdemir Cunha e Xavier Bartaburu (Ed. DBA); o livro *Sonoro Diamante Negro* de Suely Nascimento, ensaio fotográfico premiado pela Funarte sobre os bailes em Belém (PA). Em 2011, o livro das artistas plásticas *Isabel Tuchband & Verena Matzen* (Luste Ed.); o livro *Brasil Invisível*, de Valdemir Cunha. Em 2013, o livro da fotógrafa *Paula Sampaio* sobre Tucuruí (ensaio fotográfico premiado pela Funarte) e o *Brasil Litoral*, de Valdemir Cunha (Ed. Origem).

Eli Sumida ist 1962 in Registro-SP geboren. Er ist Kunstkoordinator der Einheit Verlagsprojekte des *Valor Econômico*. Er hat auch in der Zeitschrift *Bizz* (Newsdesign) und als Kunsteditor bei *Saúde*, *Terra*, *Próxima Viagem* und *Golf+ gearbeitet*. Er ist auch verantwortlich für grafische Projekte von Büchern wie das der Aquarellistin *Sylvia Amélia Hungria Machado de Orleans e Bragança* (Finalist des Prêmio Jabuti - Grafisches Projekt/2009 - Luste Editores); des Künstlers *Paulo von Poser* (Finalist des Prêmio Jabuti - Grafisches Projekt /2010- Luste Ed.); des Buches "*Pantanal*" von Valdemir Cunha und Xavier Bartaburu (ed. DBA); des Buches "*Sonoro Diamante Negro*" von Suely Nascimento, fotografischer Essay über die Bälle in Belém-PA, von der FUNARTE ausgezeichnet. Ferner stammen von ihm die Projekte für das Buch (2011) der Künstlerinnen *Isabel Tuchband und Verena Matzen* (Luste Ed.); das Buch "*Brasil Invisível*" von Valdemir Cunha und, in 2013, das Buch der Fotografin *Paula Sampaio über Tucuruí* (Funarte) und "*Brasil Litoral*" von Valdemir Cunha (Ed. Origem).



Livros da Editora Origem



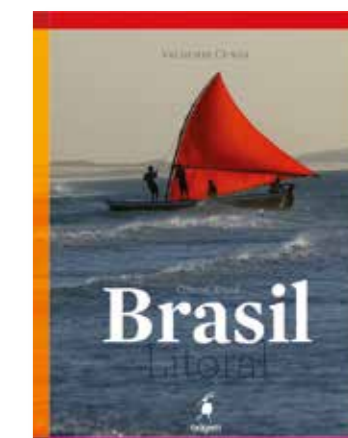
**Retratos do Brasil**  
de Valdemir Cunha  
50 postcards  
113 x 165 mm  
Português/inglês  
2006



**Brasil Natural**  
de Valdemir Cunha  
220 páginas  
197 x 245 mm  
Português/inglês  
2011



**Brasil Invisível**  
de Valdemir Cunha  
240 páginas  
290 x 360 mm  
Português/inglês  
2012



**Brasil Litoral**  
de Valdemir Cunha  
240 páginas  
290 x 360 mm  
Português/inglês  
2013

Editor Editor	Valdemir Cunha
Concepção editorial e fotografias Konzept und Fotografien	Valdemir Cunha
Texto e edição Text und Edition	Xavier Bartaburu
Editora executiva Verlagsleitung	Márcia Bertoncello
Direção de Arte Kunsteditor	Eli Sumida
Assistente de fotografia Fotografieassistent	Beto Eterovick
Pesquisa Forschung	Vinícius Ferrari Lombardi
Revisão de texto Textrevisión	Jorge Cotrin
Tradução Übersetzung	Joakim Wagner
Tratamento de imagem Bilderbearbeitung	Ricardo Tilkian
Relações institucionais/MINC Institutionelle Vermittlung/MINC	FM Editorial
Captação Finanzierung	Juliana Taddeo Soares/Caju Cultural
Impressão Druck	Pancrom Indústria Gráfica
Distribuição Verteilung	Bookmix Comércio de Livros

Copyright 2013

Fotografias: Valdemir Cunha, texto: Xavier Bartaburu



Os direitos desta edição pertencem à Editora Origem  
Avenida Raimundo Pereira de Magalhães, 1720 – bl. 22, cj 32  
CEP 05145-000 São Paulo-SP Brasil  
Telefone/phone (55 11) 3645-0301  
www.editoraorigem.com.br